

DM
SOAR/A1

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

A BARREIRA DE CONTACTO NO PROCESSO ADOLESCENTE ATRAVÉS DO RORSCHACH

Ana Sofia R. M. Soares


Dissertação orientada pela Prof. Dra. Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicopatologia e Psicologia Clínica

2005/07



 Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Curso de
Dissertação/tese

Registo: 17817
Data: 11/11/2008

Tel.: 21 661 17 50 • biblioteca@ispa.pt

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dra. Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicopatologia e Psicologia Clínica conforme a Portaria nº385/91 de 6 de Maio e alterada pela Portaria nº29/99 de 20 de Janeiro e o Decreto-Lei nº216/92 de 13 de Outubro publicado em Diário de Republica.

Agradecimentos,

À Prof. Dra. Maria Emília Marques,

À CERCIMB, em especial ao Dr. João Barbosa,

À escola básica D. Pedro II da Moita,

À Prof. Helena Pacheco,

Aos jovens com quem diariamente trabalho,

Ao meu marido, familiares e amigos,

*Os meus sinceros agradecimentos pela disponibilidade,
orientação e apoio que me facultaram ao longo destes
últimos anos!*

RESUMO

Ao longo deste trabalho procurar-se-á descrever a barreira de contacto no decorrer do processo adolescente, utilizando como metodologia de investigação o Rorschach. A presente tese de mestrado procura explorar e descrever a barreira de contacto desde a puberdade até à adolescência, identificando as principais transformações que ocorrem neste período, pois esta estrutura irá “crescer” e transformar-se, e serão estas mudanças que se irão analisar nas próximas páginas, recorrendo a uma metodologia de investigação projectiva – o Rorschach.

A adolescência será abordada na sua essência como um processo de mudança catastrófica, devendo ser estudada como uma fase de forte conflitualidade que mobiliza novos processos de ligação, transformação e simbolização (Marques, 1999). A barreira de contacto apresenta-se como um paradigma fundamental para a compreensão da reestruturação do aparelho psíquico do jovem durante a adolescência. Esta barreira que separa porque permite o contacto, aparece como um conceito paradoxal que implica simultaneamente a união e a separação, isto é, acarreta a constituição de processos dialécticos comunicantes (Cabral, 1998).

Testemunhámos, ao longo deste trabalho, a existência de uma barreira de contacto funcionante que assegura as funções de separação, união e criação no funcionamento psíquico dos jovens, mas ainda com traços acentuados de imaturidade de processos. Observamos também algumas diferenças significativas nos dois grupos estudados, assim, nos jovens púberes, acentuam-se os limites e a necessidade de separação interno/ externo, enquanto que nos jovens adolescentes, evidenciam-se os movimentos de comunicação e de negociação, sendo estes fundamentais face à intensificação das pulsões e complexidade de processos psíquicos.

Palavras-Chave: *Barreira de Contacto, Adolescência, Mudança Catastrófica, Processos Dialécticos, Rorschach.*

ABSTRACT

Throughout this work will seek to describe the barrier of contact during the adolescence process, using as methodology of research the Rorschach. This thesis demands to explore and to describe the barrier of contact since puberty to adolescence, identifying the major changes that occur during this period, as this structure will "grow" and transform itself, and are these changes that we will examine in the next pages, using a projective methodology of research - the Rorschach.

The adolescence will be addressed essentially as a process of catastrophic change, being studied as a phase of strong conflicts that mobilizes new processes of connection, transformation and symbolization (Marques, 1999). The barrier of contact is presented as a fundamental paradigm for the understanding of the psyche restructuring of young during adolescence. This barrier that separates because it allows the contact, appears as a paradox concept that involves both the union and separation, that is, entails the establishment of dialectical communicative process (Cabral, 1998).

We witnessed, during this work, the existence of a barrier of contact functioning that ensures the functions of separation, union and creation in the psychic of the young, but still with accented traces of immaturity processes. Also noticed some significant differences in the two groups studied, so in pubertal young people, is highlighted the limits and the need for separation the internal/external, while in young adolescents, is highlighted the movement of communication and negotiation, being these essential to face the intensification of drives and the complexity of the psyche processes.

Key-Words: *Barrier of Contact, Adolescence, Catastrophic Change, Dialectical Process, Rorschach.*

ÍNDICE

Introdução	pág. 01
1. Processo Adolescente	pág. 04
▪ 1.1. O Normal e o Patológico	pág. 05
▪ 1.2. O Paradigma Psicanalítico	pág. 07
2. Barreira de Contacto	pág. 13
▪ 2.1. Caracterização da Barreira de Contacto	pág. 15
▪ 2.2. Desenvolvimento da Barreira de Contacto	pág. 19
3. Barreira de Contacto na Adolescência	pág. 23
▪ 3.1. Desenvolvimento da Barreira de Contacto na Adolescência	pág. 24
▪ 3.2. Características da Barreira de Contacto na Adolescência	pág. 26
▪ 3.3. Psicopatologia da Função Simbólica	pág. 30
4. Formulação do Problema	pág. 34
5. Metodologia Projectiva	pág. 38
▪ 5.1. Instrumento Rorschach	pág. 40
▪ 5.2. Método Clínico Rorschach	pág. 41
▪ 5.3. Metodologia Rorschach	pág. 44
6. Rorschach na Adolescência	pág. 47
7. Caracterização e Recolha de Protocolos	pág. 52
8. Procedimentos de Análise	pág. 55
▪ 8.1. Procedimentos de análise do vector Separação	pág. 56
▪ 8.2. Procedimentos de análise do vector Ligação	pág. 59
▪ 8.3. Procedimentos de análise do vector Criação	pág. 62

▪ 8.4. Procedimentos de análise dos Processos Dialécticos _____	pág. 65
▪ 8.5. Apresentação da Grelha de Análise _____	pág. 69
9. Análise dos Protocolos _____	pág. 71
▪ 9.1. Traços salientes nos jovens Pubertários _____	pág. 73
▪ 9.2. Traços salientes nos jovens Adolescentes _____	pág. 82
▪ 9.3. A Barreira de Contacto nos jovens Pubertários _____	pág. 92
▪ 9.4. A Barreira de Contacto nos jovens Adolescentes _____	pág. 99
▪ 9.5. Quadro Síntese de Análise de Resultados _____	Pág.106
10. Discussão e Reflexão Crítica _____	pág. 108
▪ 10.1. Discussão de Resultados _____	pág. 108
▪ 10.2. Conclusões _____	pág. 111
Referências Bibliográficas _____	pág. 115
Anexos _____	pág.118
▪ 1. Protocolos de Jovens Púberes _____	pág. 118
▪ 2. Protocolos de Jovens Adolescentes _____	pág. 141
▪ 3. Grelha de Análise aplicada no Grupo de Jovens Púberes _____	pág. 168
▪ 4. Grelha de Análise aplicada no Grupo de Jovens Adolescentes _____	pág. 169

INTRODUÇÃO

“O início de tudo, nesta área, tal como o início da criança, é sempre pessoal e renovável, por isso intransmissível. Tal como serão intransmissíveis todos os instrumentos... para que o processo possa acontecer... num crescimento sustentado”.

Eduardo Sá, 2003, pág.13

A presente tese de mestrado advém de um percurso trilhado com extrema dificuldade, as barreiras encontradas foram diversas, não só pessoais mas também paradigmáticas, e por vezes sentidas como intransponíveis, contudo o alento descoberto no desejo de saber acalentou a vontade de continuar. A entrada no terreno sombrio da psicanálise foi árduo, surpreendemo-nos com um novo mundo, tão deslumbrante quanto assustador. Tal como crianças que se deparam com as primeiras mudanças e como jovens adolescentes perdidos, o sentimento de estranheza, de dúvida e de caos imperou em todo este percurso iniciativo. Tudo começou com a aprendizagem de um novo símbolo, de uma nova língua: o “psicanalês”. Progressivamente, foi sendo possível encontrar pontos de contacto e “continentes” que contivessem os pensamentos emergentes, e assim estes iniciandos curiosos conseguiram dar os primeiros passos na descoberta da teoria psicanalítica. O trabalho que aqui se apresenta é na sua essência o diário deste percurso pessoal de descoberta da teoria psicanalítica e de uma das suas figuras mais importantes – Bion.

Reflecte-se no decorrer das próximas “cem e tal” páginas sobre o processo adolescente e estuda-se as mudanças catastróficas que ocorrem na vida psíquica dos jovens que se transformam transitoriamente em complexos adolescentes. A adolescência é um período de vida cada vez mais longo e marcado por processos extremos e diversificados, na sua essência a adolescência deve ser encarada como um período de transição – da infância para a adultícia, do antigo para o novo – como uma fase do desenvolvimento humano e, a partir daqui centrar a investigação e a busca de conhecimento (Marques, 1999). Ao longo deste trabalho se irá abordar a adolescência como um processo de mudança e de desenvolvimento, marcado pelos processos de união, de ligação e de criação.

O essencial da problemática do adolescente passa justamente pela forte conflitualidade e pela intensa tensão interna, objectal e relacional que mobiliza novos processos de ligação, transformação e simbolização (Marques, 1999). Será nesta acepção que a adolescência se relaciona com o conceito de barreira de contacto, paradigma fundamental para a compreensão da reestruturação do aparelho psíquico do jovem durante este período.

Vários autores têm-se debruçado sobre a existência de uma área intermediária na psique humana que irá permitir a realização de trocas e o manter em contacto aspectos do mundo interno com aspectos do mundo externo, conteúdos inconscientes com conteúdos conscientes. O próprio Freud (1899/1980) na sua teoria topográfica da mente divide e separa as várias instâncias e os diferentes conteúdos psíquicos, intuindo a necessidade de compartimentar estas diferentes áreas do psiquismo humano, mas em simultâneo mantê-las em contacto, utilizando então a noção de cesura e de pré-consciente para realizar estas operações psíquicas. Ao longo do tempo, vários autores designaram e caracterizaram esta área de diferentes modos através de diversos conceitos e paradigmas. Mas não se pode ignorar as semelhanças existentes entre estes vários paradigmas, que na sua essência consideram este “lugar” intermediário fundamental para a saúde mental e para o pensar. E é a partir destas teorias e destes conceitos que a presente dissertação se estrutura.

O presente trabalho visa assim reflectir sobre o paradigma da barreira de contacto de Bion (1963/1979), apoiando-se nos fenómenos transitivos estudados por Winnicott (1953) e do espaço potencial desenvolvido por Ogden (1985), como paradigmas que permitem o alargamento do conhecimento sobre o processo adolescente. A partir do espaço potencial é possível a emergência de uma barreira, que Bion (1963/1979) designou por barreira de contacto. Esta barreira teria como função conter os conteúdos psíquicos, funcionando como uma pele, como um envelope psíquico, funcionando progressivamente como um continente, sendo a base de uma relação saudável entre o interno e o externo, o consciente e o inconsciente, o eu e o outro (Cabral, 1998). Esta estrutura irá sofrer importantíssimas transformações no decorrer deste período de desenvolvimento e, serão essencialmente as mudanças, as transformações, as negociações e as uniões inerentes a todo o processo adolescente que irão impor a renovação da barreira de contacto, dotando-a de características de maior permeabilidade e de maior flexibilidade, induzindo o crescimento (Marques, 1999).

Por seu turno, o Rorschach surge neste trabalho como um instrumento que possibilita a expressão, a revelação do espaço de ligação e de transformação, de recriação entre o interno e o externo (Marques & Aleixo, 1994) – lugar por excelência ocupado pela barreira de contacto. Partindo dos modelos teóricos mais recentes e das conceptualizações mais actuais, tem-se procurado dotar o Rorschach de uma maior acuidade e precisão na avaliação e no conhecimento da adolescência, que lhe permitam ir ao encontro da especificidade deste período de desenvolvimento (Marques, 1994). O seu uso irá constituir um meio privilegiado para se aceder às características do processo adolescente. O próprio instrumento será utilizado como uma via-rápida de acesso a estes conhecimentos, remetendo por si mesmo para o posicionamento do sujeito num espaço intermediário e potencial, reactivando assim a barreira de contacto. Ao considerar-se a analogia do Rorschach como um telescópio e o sujeito como o universo, está-se a desenvolver o telescópio, a afinar as suas lentes de modo a obter-se uma imagem mais próxima do universo que se quer conhecer e, porque se tem esta lente mais avançada pode-se vislumbrar mais fielmente este universo. Trata-se assim de um processo dinâmico e bi-direccional, no qual o desenvolvimento permite o conhecimento e vice-versa. Deste modo, pretende-se por um lado, desenvolver a própria metodologia Rorschach, realizando-se um ligeiro “up-grade” a este instrumento de análise de forma a potenciar a sua sensibilidade ao fenómeno adolescente e por outro lado, aprofundar o conhecimento sobre o processo adolescente à luz do paradigma de barreira de contacto.

Estudamos aqui e aprendemos também aqui, que ainda há muito por descobrir sobre os jovens adolescentes e que o Rorschach é um excelente meio de acesso a estas descobertas.

1. PROCESSO ADOLESCENTE

“Epifenómeno da crise existencial da adolescência, ela encontra resposta para sua origem, na incompreensão e intolerância mútuas de diferentes gerações e, caminho para a sua resolução na comunicação dialogante e afectiva entre uns e outros.”

Coimbra de Matos, 2002, pág. 59

Face à diversidade de escritos no que concerne à adolescência, não se irá debruçar numa apresentação exaustiva sobre esta temática, opta-se antes por realizar uma apresentação mais focalizada, enfatizando os aspectos do processo adolescente que serão alvo de exploração na presente tese. Numa sucinta revisão bibliográfica sobre o tema, é fácil identificar que parte significativa da investigação sobre a adolescência é dedicada à patologia, designadamente: à depressão, ao luto, à psicose, às perturbações alimentares, à delinquência, etc. Ficando para um segundo plano embora crescente, o estudo da psicologia do adolescente e do seu processo de desenvolvimento. No interior do paradigma psicanalítico é também difícil encontrarmos um eixo central de estudo, assistimos antes a uma diversidade de concepções apesar de, nos estudos mais recentes já se encontrarem várias convergências, indo os paradigmas gradualmente se estabilizando (Marques, 1999). No âmbito deste trabalho, parece mais sensato e adequado a dedicação ao processo adolescente no que se refere às transformações psicológicas que ocorrem neste período de desenvolvimento e ao crescimento normativo dos jovens.

1.1. O Normal e o Patológico:

Desde a antiguidade que se estuda os jovens e o seu papel na sociedade, autores como Platão, Aristóteles e Sócrates dedicaram o seu tempo a estudarem esta temática e a tentarem compreender “o que é ser jovem?”. Encontra-se nestes estudos clássicos a referência a um período de transição socialmente demarcado nas diversas civilizações, existindo rituais de passagem do estado infantil para o estado adulto. Desde a Civilização Grega, passando pela Romana até à Época Medieval, é comum encontrar-se evidências de “provas” que os jovens têm de ultrapassar com coragem e virilidade para adquirirem o estatuto de adulto, sendo esta passagem um período curto e bem delimitado. Todavia, a adolescência enquanto época de transição é uma ideia relativamente nova, não existindo até muito recentemente uma fase de vida intermediária entre o ser criança e o ser adulto (Marques, 1999).

As ideias humanistas dos finais do séc. XIX trouxeram uma visão estereotipada desta época de transição, e originaram-se assim os primeiros mitos. Coleman (1985) refere que um destes mitos se refere à crença de que ocorre uma total ruptura com o passado, existindo um corte abrupto na vida do jovem, o que valoriza a ideia de que o surgimento de um comportamento perturbador será normal. Além da psicologia, também a sociologia deu o seu contributo para a construção de mitos no âmbito da adolescência, em particular o famoso conflito de gerações. Este mito por seu lado enfatiza a ideia da alienação dos jovens, sendo esta resultante das sociedades tecnologicamente avançadas que dificultam a obtenção do estatuto de adulto. Mead (cit. in Weiner, 1995) considera que os jovens teriam assim de suportar uma existência marginal entre a infância e a idade adulta, ficando encerrados numa “cultura jovem” que se opõe e entra em conflito com uma “cultura adulta”.

Investigações mais recentes refutam com veemência muitas destas formulações, contrariamente à crença largamente difundida relativa à turbulência dos jovens, a adolescência é uma fase adaptativa de crescimento, sendo caracterizada pela continuidade no desenvolvimento da personalidade. Não é que os jovens não mudem porque mudam, mas o seu modo de ser como adolescentes não é nem pode ser, totalmente independente do seu modo de ser enquanto crianças. Por outro lado, a perturbação psicológica nunca é uma característica de desenvolvimento saudável ou normativo, em qualquer que seja a fase de desenvolvimento (Matos, 2002). O desenvolvimento patológico é significativamente

distinto do desenvolvimento adaptativo, emergindo sinais que claramente os distinguem e que podem ser claramente discernidos quer pela sua persistência, quer pela sua diversidade e implicações (cognitivas, comportamentais e relacionais). Coimbra de Matos (2002) contesta o excesso de “psicopatologização” dos jovens, considerando que avaliar o que é normal ou patológico na adolescência é, tal como em qualquer outra idade, perceber o que é adaptativo e o que é desadaptativo.

Todavia, a individualização dos adolescentes enquanto grupo específico coloca-os numa posição extremamente vulnerável à estereotipação e à etiquetagem. Os temores e as invejas dos adultos os colocam nesta posição, projectando sobre eles as suas paixões apagadas, os seus projectos fracassados e esta projecção de conteúdos negativos tem sempre uma finalidade protectora, a protecção de um eu adulto. O medo do estranho e do distante conduz os adultos a marginalizar os jovens, encurralando-os num mundo que nunca mais se torna adulto. Marques (1999) refere que tanto as expectativas negativas face ao comportamento dos jovens, como o longo processo de socialização que são obrigados a ultrapassar com escolarizações intermináveis e aprendizagens domesticadas, está-se somente a criar as dificuldades e os impeditivos ao processo de individualização do jovem, potenciando que a adolescência se torne num processo problemático e doloroso principalmente para os pais. E, é neste contexto social marcado pelo receio e pela desconfiança que se têm delineado alguns dos mais importantes paradigmas científicos e que se têm originado discursos psicopatologizados sobre a adolescência.

Na sua essência, a adolescência deve ser encarada como um período de transição – da infância para a adultícia, do antigo para o novo – como uma fase do desenvolvimento humano e, a partir daqui centrar a investigação e a busca de conhecimento sobre este processo (Marques, 1999). Pois, o ignorar este facto primordial irá imperativamente “psicopatologizar” processos adaptativos que ocorrem em qualquer fase de desenvolvimento como a destabilização, a desorganização e o caos que tudo isto pode originar. Quando as teorias e paradigmas se baseiam nas características manifestas e externas do processo adolescente, é comum encontrar-se visões inseridas numa lógica psicopatológica e na ordem da perturbação. Quando se afasta desta visão mais exterior e observa-se os factores internos, poderá-se perceber mais fielmente as características do processo adolescente e do mundo intrapsíquico do jovem. Trata-se assim de um período no qual “ocorrem processos importantes e fundamentais, distintos dos que ocorrem no

adulto e na criança” (Marques, 1999, pág. 251). Uma das características mais importantes desta fase de desenvolvimento relaciona-se com o facto do jovem não ser mais uma criança, mas não ser ainda um adulto, residindo aqui o eixo central da famosa “crise” que atinge todos os adolescentes. Nesta perspectiva, “a adolescência apresenta-se não como uma crise, mas como uma onda de desenvolvimento mais célere” (Coimbra de Matos, 2002, pág. 109). A “crise adolescente” não é mais do que um período de transformação cujo principal objectivo evolutivo é crescer.

1.2. O Paradigma Psicanalítico:

O termo “adolescência” tem a sua origem no latim “adolescere”, o que significa crescer (Matos, 2002). A adolescência é por definição um período de desenvolvimento e de crescimento, logo considera-se como uma idade de mudanças e de transformações. É comum falar-se de adolescência no singular, contudo trata-se de um período temporal extenso e marcado por processos distintos, pelo que será mais correcto referir-se à adolescência no plural: “adolescências” (Marques, 1994). Diversos modelos compreensivos têm procurado construir um corpo teórico que explique o como e o porquê deste processo de desenvolvimento e, a natureza dos inúmeros reajustamentos que o adolescente necessita produzir para alcançar a idade adulta. Todavia, sendo a adolescência um conceito relativamente novo, os paradigmas explicativos também o são, pelo que é frequente encontrar-se algumas incongruências entre eles, direccionando-se por vezes em sentidos aparentemente opostos. O estudo da adolescência é assim um bom exemplo do caos que emergiu em muitas perspectivas e das profundas alterações de que os paradigmas mais clássicos foram alvo (Marques, 1999).

No decorrer deste trabalho, irá-se descrever a adolescência centrando-nos no paradigma psicanalítico. No seio da teoria psicanalítica destacam-se três modelos distintos: o modelo estrutural que valoriza a fragilização do ego face à intensidade da tensão pulsional e à construção de instâncias ideais; o modelo que analisa as descontinuidades e as rupturas, valorizando a tarefa de separação e de autonomia face ao parental; o modelo que procura dar conta das transformações e da necessidade de criação, de novas estruturas e de novas relações. A partir destes modelos, identificamos três principais eixos de análise: o eixo que valoriza a criação e a transformação; o eixo que valoriza a descontinuidade e a ruptura; e o eixo que valoriza a estruturação das instâncias psíquicas a partir do pulsional.

Porém, não se trata de diferenciar processos independentes, já que estes eixos estão frequentemente interligados nos mais variados aspectos referentes aos processos adolescentes. Por um lado, se a tensão pulsional que o jovem sente tem como consequência a ruptura, mobilizando o processo de separação e de individuação, também fomenta a reestruturação do aparelho psíquico através de novas ligações e modificações, que o jovem terá que concretizar para solucionar os conflitos inerentes a todo este processo. Tendo este aspecto em consideração, iremos partir destes três vectores, tal como Marques (1999) os referenciou para descrever este processo tão diversificado e complexo que é a adolescência.

- As Rupturas,

Um dos eixos mais importantes deste processo é indubitavelmente o crescimento do jovem, que implica tensões e consequentemente a necessidade de mudança, pelo que é difícil falar de processo adolescente sem falar de rupturas e de alterações. E, são exactamente estas rupturas que lhe conferem um aparente carácter de crise. Quando se fala de ruptura na adolescência está-se a falar essencialmente de separação das figuras parentais. Freud (1899/1980) foi dos primeiros psicanalistas a destacar a importância fundamental do processo de separação/individuação do adolescente, e considera esta separação dos progenitores uma tarefa dolorosa mas essencial para o desenvolvimento, estando a reactivação da problemática edipiana na sua origem. A puberdade ao originar uma eclosão das pulsões sexuais até aí auto-eróticas, para se direccionar para um objecto sexual externo, abre portas à individuação do jovem e à separação dos objectos de infância. Anna Freud (1958) desenvolve esta perspectiva, salientando a importância do conflito insurgido pelas pulsões instintivas e pelo ego frágil do adolescente no ressurgimento desta problemática, que é somente resolvida através do desligamento da libido das figuras parentais e mobilizada para novos objectos externos ao grupo nuclear.

A tensão pulsional surge assim como impulsor da “crise” e de todo o processo adolescente, induzindo mudanças nas relações com as figuras parentais e o enfoque nas relações com os pares, mas também mudanças na relação do sujeito consigo mesmo. Matos (2002) enfatiza a adolescência como época de mudança de objectos e de objectivos, que se caracteriza essencialmente pela perda dos pais na sua função parental e dos primeiros objectos de identificação, mudança para a conquista de parceiros mais velhos e

para a escolha do objecto de amor. Esta transformação de objectos e de objectivos incide sobre dois aspectos fundamentais, nomeadamente em relação às figuras parentais e à imagem corporal.

Para Blos (1962) encontramos nesta fase a etapa final do processo de separação e individuação, em que ocorre a perda do objecto e do corpo infantil, mas sendo o jovem compensado com novos relacionamentos objectais e com um corpo em crescente sexuação. As alterações corporais são vividas com estranheza, pois trata-se de um corpo diferente e não conhecido. É um corpo em transformação e em sexuação, que induz uma importante fragilização e obriga a reajustamentos na relação eu-outro, colocando-se o eu face a um outro sexuado - feminino ou masculino. Estas mudanças corporais e conseqüente desenvolvimento da sexualidade, acarretam profundas alterações na imagem que o jovem tem de si, o acesso à sexualidade genital implica a descoberta do objecto sexual e do relacionamento sexual com o outro. O desenvolvimento físico acelerado pressupõe por um lado, a necessidade do jovem reconstruir uma imagem corporal sexuada e, por outro, assumir uma identidade de género.

- A Estruturação,

A construção da identidade e conseqüente consolidação das instâncias psíquicas é outro eixo fundamental no estudo da adolescência. Verifica-se a aquisição crescente de uma nova subjectividade, que modifica a representação que o jovem tem de si mesmo e dos outros. A representação de si sofre importantíssimas transformações, adquirindo alguma estabilidade no decorrer deste período, assume-se como um período de consolidação da personalidade, não de aquisição de uma personalidade definitiva, sendo a busca de identidade uma característica específica da adolescência e, por outro lado, constitui-se o ideal do ego – formação psíquica do final da adolescência, em conseqüência da resolução do complexo (Matos, 2002).

Giovacchini (1987) considera que é a intensificação dos processos psíquicos que conduzem à consolidação da personalidade do jovem, sendo o sentimento de frustração impulsionador de todo este processo e sem o qual não será possível a progressão. Vários factores estarão envolvidos neste processo de consolidação da personalidade e de instâncias psíquicas, nomeadamente: profundas alterações físicas que conduzem à

alteração da imagem corporal; rápido desenvolvimento intelectual que possibilita o desenvolvimento de um auto-conceito mais sofisticado e mais complexo; e por fim uma crescente independência emocional, levando o jovem a ter que decidir vários aspectos da sua vida (educação, valores, atitudes, amizades, namoros, comportamentos, etc.).

Observa-se portanto um acentuado desenvolvimento cognitivo que se afasta cada vez mais de um pensamento infantil, para se tornar numa abordagem mais complexa e abrangente do real, através da crescente capacidade de abstracção e do alargamento das perspectivas temporais. O pensamento concreto da criança dá lugar ao pensamento formal, abrindo um leque variado de novas operações mentais, fundamentais na compreensão da realidade e na definição de objectivos – pensamento hipotético-dedutivo e pensamento metacognitivo (Piaget, 1945/1975). O que representa um salto qualitativo para o jovem no conhecimento do mundo e de si mesmo. Todos estes factores conduzem a profundas transformações no jovem, especificamente no desenvolvimento de um conceito de self mais consolidado.

O mundo psíquico do jovem atravessa neste período elaborações estruturais de acordo com uma predisposição, que Erikson (1968/1972) designou de “plano base”, logo o desenvolvimento não é um acaso, pelo contrário, é guiado por uma sequência – este plano de base constitui um mapa potencial. Cada estágio de desenvolvimento é caracterizado por uma crise básica e se for bem sucedida, a criança está preparada para passar para o próximo estágio. Na adolescência, a questão central é a consolidação da identidade versus difusão, cuja principal tarefa seria a resolução da crise de identidade que irá formar os alicerces de uma identidade sólida ou difusa (se a crise não for resolvida). Sendo para Erikson (1968/1972) a confiança em si e nos outros a essência de todo este processo, constituindo esta confiança de base os pilares para a constituição da identidade.

Coimbra de Matos (2002) diferencia dois processos essenciais que ocorrem na construção da identidade: o processo de auto-assimilação que deriva de um conhecimento de si mesmo através da informação interna que o indivíduo colhe e, o processo de alo-assimilação que deriva da assimilação da identidade do outro. Considera que a principal transformação nesta fase é o luto dos objectos infantis e o encontro com o objecto libidinal da idade adulta, sendo a ruptura abrupta mais uma consequência da contenção educativa, do que resultante do desenvolvimento biopsicológico. O autor descreve de forma sucinta mas fértil este processo: “podemos dizer que a identidade do próprio se assume à medida que se esbate a identificação aos outros” (Coimbra de Matos, 2002, pág. 136), as figuras

de identificação vão sendo cada vez menos uma imposição e mais uma escolha do próprio jovem. Assume assim particular importância a tarefa de desidealização dos pais da infância, residindo aqui a parte mais difícil da separação adolescente. Os adolescentes ao forçarem uma distância física, geográfica e ideativa da família tentam evitar uma separação interna definitiva. Dias (1988) acrescenta que a rejeição activa dos objectos parentais é uma consequência das suas ansiedades pelo que, a crise de identidade deve ser compreendida na transição do continente parental para o continente grupal.

O luto das figuras parentais anuncia assim a autonomização do jovem face à família, enquanto que o luto pelo grupo anuncia o eu individual, capaz de estar só e de estar com os outros (Winnicott, 1971/1982). E este novo ego, não necessita mais da função controladora das figuras parentais, pois já possui uma nova instância psíquica: o ideal do ego. E, será a partir da resolução dos conflitos reavivados pelo complexo de Édipo, assim como da nova separação e individuação conseguida, que se irá constituir esta nova instância que irá tomar conta da função reguladora do superego. O crescimento psicoafectivo possibilita assim a separação dos modelos formadores dos novos modelos, criando uma identidade definida, o que representa igualmente a independência social. Estes processos psicológicos extremos e diversificados “têm por fim conduzir à constituição de uma identidade pessoal e de uma alteridade... ao estabelecimento da individualidade e da singularidade” (Marques, 1999, pág.283). Apesar da mudança na relação com as figuras parentais reflectir-se essencialmente no desinvestimento e afastamento em relação aos pais, não se trata somente de um processo de luto das imagens idealizadas infantis, na sua essência estamos perante um processo de transformação, integração e união.

- As Criações,

Outro eixo fundamental no estudo da adolescência refere-se exactamente às transformações e às criações que todo este processo de desenvolvimento implica, talvez este seja o seu aspecto mais importante. A adolescência é sobretudo um período de descoberta e como tal, deve ser vivido e experienciado, este existir e viver implica a necessidade de experimentar, de procurar e de desejar, sendo a gradual maturação que os jovens vão alcançando, que irá permitir a gradual resolução dos conflitos e das

ambivalências despoletadas por este processo (Winnicott, 1971/1982). É nesta resolução e nas negociações inerentes, que encontramos as mais importantes transformações que definem o caminho que o novo eu irá tomar para poder cumprir o seu objectivo de alcançar um novo conhecimento sobre si e sobre o mundo. Está-se a falar da criação de um novo universo objectal, relacional e identificatório, o mundo do jovem transforma-se e a crescente autonomia abre as portas para uma imensa diversidade de escolhas e de decisões (Matos, 2002).

A intensa tensão causada por estas tendências contrárias, cria as condições necessárias para o insurgimento da necessidade de negociar, unir e ligar (Marques, 1999). A conflitualidade existente entre o interno e o externo, entre o objectal e o narcísico, entre a autonomia e a dependência cria uma tensão que mobiliza a criação de “novos processos de ligação, de transformação e de simbolização” (Marques, 1999, pág. 264). Nesta negociação impõe-se a restauração do sentimento de si, o estabelecimento de uma identidade sexual coerente, uma reestruturação dos relacionamentos objectais, unindo e diferenciando as relações com os objectos primários, das relações com os objectos secundários. O final da adolescência conclui-se inevitavelmente com uma saída para o mundo relacional dos adultos, quer seja no masculino ou no feminino.

Todo este processo é envolvido por uma importante ambivalência e por conflitos aparentemente insolúveis, por um lado a vontade de crescer e por outro, o medo de abandonar a segurança da infância. A libertação da tutela parental e a gradual substituição desta pelo grupo, levará ao desenvolvimento da autonomia do jovem e à complexificação dos seus relacionamentos, assim como, o desenvolvimento do intelecto permite uma visão mais abrangente do mundo e de si. Autores como Blos (1962) referem-se a diversos prémios em consequência dos lutos que o jovem tem que fazer, como a conquista da sua individuação, o acesso à sexualidade, a esfera relacional alargada, a consolidação do sentimento de si, e uma nova instância psíquica, o Ideal do Ego. Podemos considerar que nesta nova fase da vida do jovem pouco se perde, mas muito se transforma. Os processos psicológicos que caracterizam a adolescência são marcados por uma extrema diversidade e intensidade, tendo como finalidade a constituição de uma identidade pessoal, a constituição de uma alteridade coerente e delimitada, bem como o estabelecimento da individualidade e da singularidade do sujeito (Marques, 1999).

2. BARREIRA DE CONTACTO

“Membrana semi-permeável e transformadora, formada por elementos unidos entre si para simultaneamente criar, pôr em contacto e separar o consciente e o inconsciente, permitindo uma passagem selectiva de um para o outro; está em constante formação e apenas a sua existência permite diferenciar/ ligar, o estar a dormir/ estar acordado, passado/ futuro, realidade/ fantasia, consciente/ inconsciente”.

Fátima Cabral, 1998, pág. 246

O desenvolvimento da teoria psicanalítica e da prática clínica através do contacto com certas patologias como as psicoses e os estados limite, conduziu à emergência de novos paradigmas e novos conceitos que pudessem descrever mais fielmente o psiquismo humano. A partir desta necessidade surgiu uma série de conceitos que enfatizam a existência de uma espécie de pele psíquica cuja função seria conter os conteúdos psíquicos, tal como a nossa pele serve de envelope ao organismo também a mente carece de um envelope psíquico, de um continente que retenha os seus conteúdos. O aparelho psíquico tem sido assim descrito por vários autores e objecto de diversas abordagens. Uma parte significativa destes paradigmas recorre à existência de um espaço mental intermediário para explicar e dinamizar as trocas entre o espaço interno e o externo, assim como, para caracterizar a área da criatividade e do sonho. Este espaço mental tem sido um conceito fundamental para a compreensão do psiquismo e respectiva caracterização, adquirindo diferentes designações e diversos contornos de acordo com a teorização na qual emerge.

- A Pele Psíquica,

A existência de uma pele psíquica é descrita por Anzieu (cit. in Cabral 1998) entre outros, referindo-se à existência de uma estrutura intermediária no aparelho psíquico que funciona como um continente do espaço interno e que possibilita o estabelecimento de barreiras (defesas) e, a filtração de trocas (entre instâncias psíquicas e o exterior), sendo esta estrutura constituída a partir da experiência da superfície do corpo. Esta área seria constituída numa fase de desenvolvimento em que a criança começa a reconhecer-se a si mesma, o que corresponde ao momento em que o Eu Psíquico se diferencia do Eu Corporal, no plano operacional. Este Eu-Pele irá ser um envelope que contém e unifica a personalidade; um saco que contém e retém no interior o que é interno; um interface que marca o limite com o fora e o mantém no exterior; uma barreira que protege de ser penetrada.

Partindo do pressuposto que toda a actividade psíquica se apoia numa função biológica, o Eu-Pele irá apoiar-se nas diversas funções da pele – “a pele é, tanto quanto a boca, um lugar e um meio primário de comunicação com o outro, de estabelecimento de relações significativas; ela é uma superfície de inscrição dos traços deixados por estas relações” (Cabral, 1998, pág. 106). E tal como a pele, é constituído por duas camadas: uma camada interna que envolve e protege o que vem do interior, e outra camada externa que recebe e protege as sensações vindas do exterior. Este espaço psíquico tem como função manter/suportar o psiquismo e conter todos os seus conteúdos, tal como a pele sustenta e cobre a superfície do corpo. De forma figurada, o Eu-Pele funciona como um receptáculo, um saco, um envelope que recebe e guarda as sensações, as imagens e os afectos, sendo para o autor, o fundamento do pensamento.

- Os Fenómenos Transitivos e o Espaço Potencial,

Debruçar-nos-emos agora sobre os conceitos de fenómenos transitivos e de espaço potencial propostos por Winnicott (1953) e por Ogden (1985), os quais consideramos fulcrais para a compreensão do aparelho psíquico e para a constituição da barreira de contacto.

Winnicott (1953) denominou de fenómenos transitivos os objectos que funcionam como uma espécie de ponte estendida entre o mundo interno e o mundo externo permitindo a troca, a passagem do interno para o externo e vice-versa. Nas suas formulações, designa a existência de uma área intermediária que daria vida a estes objectos e designa-a de espaço potencial. O espaço potencial é descrito como uma área intermediária de experiência que se situa entre a realidade e a fantasia, sendo originado num espaço psíquico e mental entre a mãe e a criança. Trata-se de uma área hipotética, que existe mas que não ocupa espaço físico, daí a designação de potencial, um espaço que não é dentro nem fora do sujeito, consiste numa área intermediária de experiência.

Este conceito é posteriormente reutilizado por Ogden (1985) e relacionado com os paradoxos/ dialécticas psicológicas que lhe conferem diferentes qualidades. Trata-se de um processo dialéctico porque implica a aceitação do paradoxo união/separação e como processo dialéctico que é, move-se sempre para uma integração entre os dois conceitos, porém a integração nunca é completa, pois cada integração cria uma nova oposição dialéctica e uma nova tensão dinâmica. A teorização sobre este espaço parece-nos de fulcral importância para que se possa compreender e enquadrar fertilmente o conceito de barreira de contacto, pois será no seio do espaço potencial e dos seus paradoxos que a barreira será criada.

2.1. A Caracterização da Barreira de Contacto:

A origem da barreira de contacto remonta a Freud (cit. in Cabral 1998), que introduziu este conceito em “Projecto para uma Psicologia Científica”, contudo o autor aborda este conceito somente uma vez na sua vasta obra. Muitas vezes se referiu a um processo fundamental que permite a passagem da condição de animal sensível para animal falante concebido num mundo simbólico, trazendo dentro de si uma capacidade infinitiva de sonhar/ pensar/ criar. Contudo, envolveu sempre esta questão num clima de suspense, sem nunca lhe dar um final.

Inspirado no modelo da resistência eléctrica e tendo como objectivo a cientificidade da psicologia, Freud (cit. in Cabral 1998) apresenta uma visão neurofisiológica do funcionamento do aparelho psíquico, no qual as barreiras de contacto desempenham um importante papel. O sistema nervoso seria composto por três sistemas específicos de

neurónios: o sistema phi, o sistema psi e o sistema ómega. O sistema phi seria composto por neurónios permeáveis que estão ligados à periferia do corpo que recebem a excitação externa, não apresentando este sistema nenhuma resistência à passagem dos estímulos. O sistema psi seria composto por neurónios impermeáveis ligados apenas à parte interna do corpo, estes já são dotados de resistências (barreiras de contacto) que retêm e/ou filtram os estímulos endógenos. O sistema ómega seria composto por neurónios completamente permeáveis, seriam neurónios com a função de suporte à percepção e à consciência, este sistema ao contrário dos anteriores seria sensível à qualidade dos estímulos fornecidos pela consciência e não somente à sua quantidade.

Nesta teoria, as barreiras de contacto desempenhariam um importante papel entre os sistemas phi e psi. O conjunto dos sistemas seria protegido em relação ao exterior por uma tela pára-quantidades que designou de telas Q, enquanto que as barreiras de contacto seriam “retentoras de quantidade de origem externa e intercelular... restabelecendo a resistência após a passagem da corrente” (cit. in Cabral, 1998, pág. 27). As barreiras de contacto seriam assim protecções de segunda linha que necessitam de uma protecção de primeira linha em relação ao exterior, ou seja, necessitam da tela pára-quantidades. Deste modo, recebem por um lado o que a tela de Q deixou passar e, por outro lado, recebem directamente excitações de origem interna. A rede de barreiras de contacto tal como os órgãos sensoriais da epiderme, recebe o que o ecrã deixou passar das excitações externas e acolhe directamente as de origem interna, que estão ligadas às necessidades fundamentais. A sua principal função seria separar a quantidade da qualidade, ou seja, separar a percepção do externo da consciência do interno. O autor acabou por abandonar o conceito de barreira de contacto, substituindo-o pelo sistema pré-consciente, tornando-se este, por excelência, o lugar do trabalho psíquico do entremeio fazendo as trocas entre interior e exterior, o sujeito e o mundo, as fantasias e a realidade, os processos primários e os secundários, as representações das coisas e das palavras.

Posteriormente, o conceito de barreira de contacto foi reutilizado por Bion (1963/1979) que integra fertilmente as abordagens de Freud (1899/1980) e de Klein (1948), permitindo uma nova abordagem ao problema do pré-consciente. Essencialmente preocupado com a origem, o desenvolvimento, a natureza do pensar e do aparelho para pensar os pensamentos, encontra na barreira de contacto o paradigma crucial para a sua compreensão. Utiliza-a também para descrever e reflectir sobre o processo analítico,

considerando que a reconstrução efectuada em análise será essencialmente a reparação da barreira de contacto, da sua transformação, de forma a torná-la mais íntegra, semipermeável e apta à mudança, tornando-a capaz de pensar os pensamentos, de tolerar o sofrimento e de simbolizar.

Bion (cit in Bleichmar & Bleichmar,1992) propõe um modelo, uma teoria diferente da dos seus precedentes considerando que a função alfa, através da proliferação dos elementos alfa na mente produz uma barreira de contacto – entidade que separa os elementos psíquicos em dois grupos, um sendo e formado pelo consciente, o outro sendo e formado pelo inconsciente. O autor vai mais além, considerando que será esta estrutura psíquica, a responsável pela origem do pensamento, que poderemos observar o estado das barreiras de contacto através das várias formas de funcionamento mental, sendo o estado do aparelho de pensar os pensamentos o seu espelho.

A barreira de contacto pode ser definida como uma pele psíquica que protege e, simultaneamente, separa o externo do interno, o consciente do inconsciente, uma espécie de tecedura estruturada por elementos alfa ligados entre si, constituindo uma rede de comunicações e de ligações internas/externas (Bion, 1963/1979). A sua constituição dependerá da manutenção no interior da psique de uma função continente maturativa e transformadora (relação entre continente e contido), que favoreça progressivamente a integração de experiências emocionais e que possibilite o sentimento de continuidade. Podemos considerar que a barreira tal como uma membrana tem dois folhetos: um externo, protector dos estímulos externos (dirigido para fora da célula); e outro interior, cuja função é seleccionar as substâncias indispensáveis à manutenção da vida. No psiquismo, a barreira de contacto assegura estas mesmas funções (protecção e selecção), a rigidez da membrana irá corresponder à incapacidade para manter uma vida interna rica e viva. E, residirá nesta membrana a origem da simbolização e do pensar, sendo a sua constituição condição fundamental para a saúde mental (Cabral, 1998).

A noção de cesura surge como uma extensão do conceito de barreira de contacto, estando a cesura associada a corte, a separação e a clivagem, levando-nos frequentemente ao fechamento da mente e impedindo-nos de ver aquilo que une. Contudo, aquilo que melhor define a cesura e a barreira de contacto são os dilemas, os paradoxos e os processos dialécticos. No funcionamento psíquico e, em especial na exploração das barreiras de contacto deparamo-nos com um dilema fundamental, um paradoxo, uma dialéctica de

corte/união, consciente/inconsciente, eu/não-eu. Estas dialécticas separadas por “/” mostram-nos que existe uma brecha, um entremeio, uma ponte que pode ser estendida entre ambos os conceitos aparentemente opostos, pois se o consciente e o inconsciente não se unem não pode haver crescimento – porque o crescimento é essencialmente o encontrar modos de passagem e o encontrar pontes entre os dois pólos (Cabral, 1998). Tanto as clivagens como as cesuras são necessárias ao desenvolvimento, constituindo estas fontes terreno fértil para novas descobertas e para novas conquistas, auxiliando o indivíduo a escolher e a decidir. Mas se as cesuras não forem superadas, a personalidade corre o risco de decrescer, não se desenvolvendo como um elástico, tornando-se opaca, funcionando em $-K$ (Bion, 1963/1979).

Sumariamente, poder-se-á dizer que as barreiras de contacto para Freud (cit. in Cabral 1998) teriam essencialmente uma função de separação do inconsciente e do consciente, da memória e da percepção. Enquanto que para Bion (cit. in Cabral 1998), trata-se de uma instância psíquica com a dupla missão de simultaneamente separar e ligar, e com uma função de tripla separação: inconsciente/ consciente, memória/ percepção, quantidade/ qualidade. É de facto um conceito inovador porque paradoxal - uma barreira que impede a passagem porque está em contacto e, por esta mesma razão, permite em parte a passagem. A sua estrutura caracteriza-se por ser um crivo ou uma peneira servindo para separar a quantidade da qualidade, sem as barreiras a separação entre a memória e a percepção seria impossível. Deste modo, a barreira de contacto tal como a cesura tanto separam, como criam e unem, o que está de cada lado da barreira, do corte. Pelo que, são um processo imprescindível para a crescente complexidade do funcionamento psíquico, tornando-se ela mesma progressivamente mais permeável. Assim sendo, o desenvolvimento saudável das barreiras permitirá a constituição de um processo dialéctico contínuo entre fantasia/realidade, eu/não-eu, símbolo/simbolizado, continente/conteúdo, no qual cada pólo cria, dá forma e nega o seu oposto, fornecendo assim os alicerces e os continentes para a formação de uma identidade base (Cabral, 1998).

Podemos encontrar em Sá (2003) uma importante crítica ao modelo bioniano de conteúdo-continente aqui apresentado, que questiona a necessidade das barreiras de contacto no funcionamento psíquico. Alega que Bion (cit in Bleichmar & Bleichmar,1992) terá sido levado, devido à época em que viveu, a pressupor que os elementos psíquicos não tinham, eles mesmos, capacidade para se ligar entre si, daí a necessidade das barreiras de contacto

para assegurar estas ligações. Contudo para este autor, investigações contemporâneas mostram, pelo contrário, que os elementos psíquicos têm capacidade para se associar entre si através do complexo funcionamento do Sistema Nervoso. Daí que seja legítimo falar de pensamentos antes da existência da capacidade para os pensar e para lhes atribuir um significado. Considera assim, que a qualidade da relação mãe-bebé não está condicionada pela capacidade da mãe em se adaptar às necessidades do bebé, mas antes é condicionada pela “continuidade dos diálogos” que ocorre entre ambos. Do seu ponto de vista, o bebé tem desde sempre “consciência de alteridade” e, portanto, tem desde o início consciência da sua autonomia.

2.2.O Desenvolvimento da Barreira de Contacto:

A barreira de contacto tem sido considerada por muitos autores como um paradigma fundamental para a compreensão do funcionamento psíquico, contudo é crucial inserir este conceito no âmbito de uma teoria. Indubitavelmente, o modelo bioniano é o modelo que fornece o contexto que melhor enquadra a natureza desta barreira e o único que apresenta uma teoria explicativa sobre a sua formação. Pelo que, nos focaremos sobre a sua origem e desenvolvimento, remontando ao processo de continente-conteúdo e de aparelho de pensar os pensamentos apresentados por Bion (cit. in Zimmerman, 1995).

Para explicar a origem e constituição da barreira de contacto é necessário regressarmos ao início, ao nascimento do psiquismo humano. Bion (cit. in Brown, 1987) afirma que a vida mental existe desde o nascimento na forma embrionária de pré-concepções, que define como um estado de antecipação ou prontidão para responder a estímulos específicos, como um “pensamento vazio” que corresponde na relação mãe-bebé a uma expectativa inata do seio, no psiquismo estes proto-pensamentos irão constituir o pré-consciente. Este autor apresenta uma teoria do pensamento que contesta todas as teorias anteriores, na medida em que considera que o pensar existe para dar conta dos pensamentos: o pensar depende do desenvolvimento dos pensamentos, em primeiro lugar e, do desenvolvimento de um aparelho para pensar estes pensamentos, em segundo. Teoriza assim, o modo como o pensamento evolui para a abstracção e a complexidade, a partir de fontes experimentais rudimentares.

Considera que a relação mãe-bebé é baseada numa interacção, na qual, a criança transmite à mãe sinais em forma de elementos beta e a mãe responde-lhe ao prestar os cuidados primários, sob a forma de elementos alfa. Por outras palavras, a criança chora e a mãe dá uma resposta a esse choro, esse choro tem como objectivo a satisfação de uma necessidade. No intercâmbio entre a mãe e o bebé, enquanto relação dinâmica de continente/conteúdo, é permitido ao bebé projectar os seus elementos beta (pensamentos não simbolizados). A mãe suficientemente boa, deverá ser capaz através da “rêverie”, de fazer ressonância com o que é projectado pelo bebé, deverá absorver, metabolizar e devolver as projecções de forma menos angustiante e mais assimilável para o bebé. Quando a mãe é capaz de “rêverie” nomeia a experiência do bebé, interpretando os estados internos que são projectados dentro de si e age apropriadamente (Zimmerman, 1995).

Ao longo do tempo, o conjunto de respostas que a mãe dá, vão permitir à criança a formação de uma “fábrica de pensar pensamentos”, isto é, eu estou a sentir isto e isto significa aquilo. Esta fábrica vai constituir o primeiro percurso do sistema mental, possibilitando à criança atribuir significados/ representações às suas experiências. Se o intercâmbio for positivo, o bebé reintrojecta não só as suas projecções transformadas e tornadas mais toleráveis pelo continente materno, como introjecta a própria função alfa da mãe, que se torna parte integrante da personalidade da criança. A função alfa terá como função transformar as impressões sensoriais e as experiências emocionais em elementos simbolizados, em proto-pensamentos aptos a serem assimilados, o bebé encontra aqui a possibilidade de resistir à frustração, de pensar, de simbolizar e de crescer. Caso contrário, essas mesmas sensações e emoções permaneceriam como estavam no seu estado bruto, em elementos beta, os quais se prestam unicamente a serem evacuados (Zimmerman, 1995). E, é neste interjogo entre o continente e o conteúdo, que se constrói o aparelho mental da criança.

O desenvolvimento da vida mental irá estar directamente dependente da capacidade da criança para tolerar a frustração inerente ao contacto com o mundo externo. Para Bion (cit in Bleichmar & Bleichmar, 1992), a formação do pensamento envolve sempre a junção de uma pré-concepção (expectativa inata do seio) com uma frustração (contacto com um seio não disponível). Pelo que, a capacidade de tolerar a frustração é crucial, na medida em que possibilitará ao bebé pensar (imaginando o seio disponível). Os pensamentos dependem

igualmente do modo de passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva, pois a essência da formação dos pensamentos depende tanto da capacidade de tolerância à frustração como da capacidade em suportar as perdas, as separações. Se a capacidade do bebé em tolerar a frustração da separação for suficiente, o não-seio materno transforma-se num pensamento e desenvolve-se um “aparelho para pensar pensamentos”.

A interacção mãe-bebé vai permitir que se origine uma área intermediária, uma área que fica entre a realidade e a fantasia, entre o interno e o externo, entre a mãe e o bebé. Na infância, este espaço é fundamental para a iniciação de uma relação entre a criança e o mundo e, é a mãe suficientemente boa que a torna possível. Esta área representa a transição de uma fase em que o bebé está fundido com a mãe, para uma fase em que está em relação com ela como objecto externo, sendo um símbolo para a separação na união e para a união na separação – 1ª fase do processo de separação e individuação. É também o nascimento da capacidade para manter dialécticas psicológicas (separação/união) e a emergência da capacidade da criança estar só na presença da mãe (Winnicott, 1971/1982). Não só se cria a mãe e criança como objectos, mas também se cria a criança como sujeito observador e intérprete dos seus próprios símbolos. A partir deste momento surge a tríade: símbolo, simbolizado e sujeito interpretativo (Ogden, 1992).

A relação com o objecto transitivo será um reflexo do desenvolvimento da capacidade do sujeito para manter processos dialécticos. A compreensão do significado da própria experiência, só será possível quando uma coisa pode ser representada por outra sem ser a outra, nisto consiste a capacidade para a formação do símbolo que nos liberta do cativeiro da vivência do sensorial, onde os objectos se limitam a ser objectos (Ogden, 1985). E, vai ser no seio deste espaço potencial (originado no espaço psíquico entre a mãe e a criança), que irá surgir a capacidade do bebé para tolerar a separação e para lidar com a frustração (ausência da mãe), pois este permite-lhe imaginar, sonhar e lembrar a mãe (o seio bom) quando esta está longe (não disponível). A constituição da barreira de contacto vai estar assim directamente dependente da introjecção da função continente maturativa e transformadora (da mãe), que permite ao bebé a integração de experiências emocionais (Cabral, 1998).

E, será o aumento progressivo dos elementos alfa no psiquismo do bebé que irá levar à criação de um espaço mental, no qual as experiências serão armazenadas e transformadas em pensamentos oníricos/ representações. O conjunto destes pensamentos irá, por sua vez,

permitir a constituição da barreira de contacto que ocupa o lugar do pré-consciente – uma barreira que separa porque está em contacto e, por esta mesma razão permite, parcialmente, a ligação. Deste modo, a barreira é constituída num espaço mental intermediário e será estruturada por elementos alfa ligados entre si, funcionando como uma pele psíquica que protege separando e, simultaneamente, que une o externo/ interno assim como o consciente/inconsciente (Bion, 1963/1979). A ausência do continente materno e/ou a intolerância inata à frustração provoca uma perturbação na relação continente/conteúdo e, em vez das experiências integrativas se tornarem progressivamente dominantes, é a fragmentação que domina, levando à proliferação de elementos beta. Quando há um desenvolvimento irregular da barreira, esta será composta essencialmente por elementos beta e não por elementos alfa, ou seja, será composta por elementos incapazes de se ligar entre si, de estabelecerem vínculos, com características de impermeabilidade, rigidez e intolerância à mudança, nestes casos será formada uma tela beta. No desenvolvimento saudável, a transformação da experiência emocional em elementos alfa conduz à constituição da barreira de contacto, que irá dar origem à capacidade de sonhar, de pensar, permitindo o contacto entre os conteúdos conscientes e inconscientes da mente, constituindo “a base da relação normal com a realidade e o mundo interno e externo, enquanto que a tela beta constitui a característica do vínculo psicótico” (cit. in Cabral, 1998, pág. 135).

A barreira de contacto é assim um processo contínuo em formação e, a sua constituição dependerá da natureza dos elementos que a formam e da relação que estabelecem entre si. Pelo que, na infância assistimos ao seu nascimento e à sua formação inicial, ainda que bastante rudimentar. Ao longo do desenvolvimento, esta barreira irá ganhar consistência e espessura, sendo enriquecida com novas experiências que o sujeito vivência e com o próprio processo de desenvolvimento, que permite saltos maturativos. Contudo, será na adolescência que se assistirá a uma importante evolução nas suas características e a uma intensa complexificação das suas funções psíquicas. O bom estado da barreira conduz à expansão da mente, ao crescimento, permitindo o aumento de tolerância à frustração, à dúvida, ao desconhecido e à dor mental “de modo a ir-se sendo aquilo que se é, pensando a emoção” (cit. in Cabral, 1998, pág. 9).

3. *BARREIRA DE CONTACTO NA ADOLESCÊNCIA*

“As transformações e a (re)criação de objectos e de objectivos na adolescência levam e impõem novas relações continente-conteúdo, tornadas possíveis pela acção da barreira de contacto, que aparece enriquecida e é enriquecedora, já que estabelece e é estabelecida em qualidades novas que levam ao acréscimo de sentido.”

Emília Marques, 1999, pág. 320

Na adolescência ocorre um importante processo transformacional, é uma das fases de desenvolvimento mais importantes da vida do ser humano, tanto que posteriormente serão raras as vezes em que o sujeito se irá deparar com alterações tão profundas no funcionamento do aparelho psíquico, se na infância encontramos o berço do aparelho psicológico, na adolescência deparar-nos-emos com a sua complexificação e desenvolvimento. A vivência do adolescente é intensamente marcada por dúvidas e pelas hesitações, assim como, pela necessidade de conter, integrar e unir as contradições coexistentes, estando este processo dominado por uma importante ambivalência e por conflitos aparentemente insolúveis, por um lado a vontade de crescer e por outro o medo de abandonar a segurança da infância (Matos, 2002). Esta fase deve ser pensada a partir do aspecto que caracteriza todos os períodos de desenvolvimento: a destabilização, a desorganização e a regressão que coexistem com a reorganização, a progressão e a construção, mas que impõem necessariamente o experienciar (Marques, 1999).

Desta forma, a resolução dos paradoxos e a coexistência pacífica de processos dialécticos ocupam um lugar de primordial importância no desenrolar de todo este processo. Por tudo isto, a adolescência é um período que deve ser vivido e experienciado pois o crescimento exige a experiência, devendo este “tempo de experiência” (Winnicott, 1971/1982) ser vivido na busca de sentido de si e da vida, na relação consigo e com os outros, pois trata-se de um período de descoberta “cujo único remédio é o tempo que passa, que vai possibilitar a maturação gradual” (Marques, 1999, pág. 255).

3.1. O Desenvolvimento da Barreira de Contacto na Adolescência:

Chegamos agora à parte mais específica deste trabalho, no qual nos deparamos com escassas referências teóricas. Apesar da crescente bibliografia sobre a barreira de contacto, com especial ênfase no trabalho de Cabral (1998), pouco se escreve sobre a sua recriação na adolescência, sendo Marques (1999) um dos poucos autores a abordarem esta questão. Face às poucas referências, resta-nos reflectir em conjunto sobre esta temática.

Esta fase de desenvolvimento é marcada por processos específicos, entre as várias transformações que ocorrem destacámos anteriormente as seguintes: a criação e a transformação com a construção da identidade e consequente consolidação das instâncias; a descontinuidade e a ruptura com o crescimento do jovem que implica tensões e consequentemente mudanças e separações; a estruturação das instâncias psíquicas a partir do pulsional com a constituição do ideal do ego, formação psíquica do final da adolescência (Marques, 1999). Também a barreira de contacto irá sofrer importantíssimas transformações no seio deste período, esta estrutura irá “crescer” através destes vectores de mudança.

Na caracterização da barreira de contacto destacam-se igualmente três aspectos fundamentais, tendo como funções: o ser saco (que possibilita a contenção no interior), o ser superfície (que limita e diferencia o dentro e o fora), o ser meio de troca (que permite a ligação entre externo/interno e intrapsíquico) (Cabral, 1998). A barreira de contacto da infância permitiria somente uma separação parcial entre eu e outro, assim como, assegurava unicamente as ligações básicas (e um pouco débeis) entre o externo e o interno. Até aqui não se podia falar de uma verdadeira função de diferenciação assegurada por esta estrutura, trata-se antes da emergência deste processo. Enquanto que, a nova barreira de contacto reestruturada e recriada durante a adolescência já deverá ser capaz de diferenciar o mundo externo/interno, de receber a mudança e de tolerar a dor psíquica, separando e simultaneamente ligando realidade/fantasia, sendo capaz de pensar os pensamentos e permitindo a simbolização (Marques, 1999). E, serão essencialmente as mudanças, as transformações, as negociações e as uniões inerentes a todo o processo adolescente que irão impor a renovação da barreira de contacto, dotando-a de características de maior permeabilidade e de maior flexibilidade, induzindo o crescimento (Marques, 1999). A mudança neste período deve ser considerada naquilo que implica de oscilação dinâmica entre descontinuidade e continuidade, entre dispersão e integração, o

que nos leva à noção de mudança catastrófica proposta por Bion (1966). Esta parece ser a noção mais adequada para designar as várias transformações que ocorrem na vida dos adolescentes, pois permite-nos considerar toda a raiva, violência, disruptividade e turbulência envolvidas em todo este processo.

A mudança catastrófica é designada como um conjunto de acontecimentos que têm lugar aquando o aparecimento de uma nova ideia, a ideia nova contém em si elementos que implicam a disrupção com o pensamento anterior, estando inerente uma mudança abrupta de sentido. Se por um lado, a mudança catastrófica caracteriza-se pela violência inerente a uma transformação intensa implicando períodos de crise, por outro caracteriza-se também pela continuidade, pois a ideia nova provém sempre do pensamento anterior, mantendo elementos deste que podem ser reconhecidos, facilitando a aprendizagem e o crescimento emocional (Dias & Fleming, 1999). Toda a translação de um estado mental a outro, de um estágio de desenvolvimento a outro implica mudança catastrófica e portanto dor mental. É esta mudança catastrófica com tudo o que acarreta, que vai permitir que estes processos de desenvolvimento levem ao estabelecimento de uma nova barreira de contacto que permita o estabelecimento de novas e mais diferenciadas relações entre o dentro e o fora, entre o inconsciente e o consciente, pré-consciente e consciente, entre o eu e o outro.

Por outro lado, considera-se que será através das funções asseguradas por esta estrutura psíquica (barreira de contacto) que vai ser possível a ocorrência das transformações e das mudanças inerentes ao processo adolescente: a ruptura – pois a barreira garante a continuidade e a capacidade para o sujeito guardar (continente) dentro de si os elementos básicos do ser, permitindo assim a confiança necessária para a separação e garantindo a união posterior; a estruturação – uma nova e mais complexa diferenciação e estruturação do espaço psíquico, face às novas experiências e vivências é necessário uma barreira (superfície) que ordena, separa, diferencia e selecciona o que deve permanecer, o que deve ser excluído e o que deve ser reciclado; e a criação – funcionando como um ponto de encontro/ contacto (troca) que permite a união, a ligação, a comunicação entre os conteúdos dispersos da mente e entre o exterior/ interior (Cabral, 1998).

O desenvolvimento adolescente impõe sempre uma ligação dos movimentos de separação e de individuação com os movimentos de vinculação (Fleming, 1993), permitindo uma estabilização dos limites do eu face ao outro e, diferenciação entre interno e externo. É assim necessário unir, ligar e integrar as experiências (internas e externas) com novas

qualidades, ganhando o sujeito um novo equilíbrio, equilíbrio esse só possível através da manutenção das funções asseguradas pelas barreiras de contacto. Pode-se considerar que são as transformações induzidas pela adolescência que vão permitir o desenvolvimento da barreira de contacto e que assegura todas estas funções, contudo o inverso também é verosímil. Tratando-se assim de um processo dinâmico e bi-direccional – ou seja, o crescimento do jovem fomenta o desenvolvimento da barreira que ao desenvolver-se possibilita, por sua vez, a resolução de conflitos básicos do processo adolescente, criando as condições necessárias para que ocorra o crescimento.

3.2. As Características da Barreira de Contacto na Adolescência:

Na descrição do processo adolescente, destacou-se três processos fundamentais que ocorrem neste período: a importância da criação e da transformação do aparelho psíquico que se complexifica, abrindo portas a um novo universo identificatório, objectal e relacional; a importância da descontinuidade e da ruptura com o funcionamento infantil, com o corpo infantil e com os relacionamentos parentais da infância; a estruturação das instâncias psíquicas a partir do pulsional com a constituição do ideal do eu e construindo uma identidade própria. Tendo por base estes aspectos principais iremos caracterizar a barreira de contacto e a sua importância no decorrer deste processo.

A barreira assegura, igualmente, três funções principais: diferenciar/ mediar o contacto entre instâncias psíquicas e entre consciente/inconsciente, diferenciar/ mediar o contacto entre aquilo que pertence ao sujeito e aquilo que pertence ao exterior; diferenciar/ mediar entre aquilo que são as representações e as coisas em si (Cabral, 1998). Deste modo, assume a função de continente que contém os conteúdos da mente do jovem (saco que guarda), admite a função de diferenciação e de separação que distingue o que é interno do que é externo, o que é consciente do que é inconsciente, define o que é sonho e o que é estar acordado (superfície que delimita), e por fim permite o contacto, a ligação e a comunicação entre todos estes pólos (meio de troca). Se inicialmente a mãe assegurava todas estas funções, o crescente “aparelho de pensar os pensamentos” (Bion, cit in Zimmerman, 1995) vai permitir ao jovem introjectar e assegurar por si mesmo estas funções inerentes à saúde mental.

É através desta barreira de contacto que se criam novas relações continente-conteúdo e novas significações por meio do desenvolvimento do pensamento e da actividade de criação de símbolos. Caracteriza-se, essencialmente, por marcar o ponto de encontro e de separação entre os elementos conscientes e inconscientes. Não se trata de tornar o inconsciente consciente, mas de separar e de correlacionar os dois à medida que são criados - o que equivale à criação de símbolos, ou seja, à simbolização (Cabral, 1998).

Irá-se estudar neste trabalho as alterações que surgem na barreira de contacto no decorrer do processo adolescente, para cumprir esse objectivo, iremos caracterizar a barreira de contacto a partir de dois momentos fundamentais: a puberdade e a adolescência propriamente dita.

- Na Puberdade,

No início da puberdade, o processo psicológico fundamental gira à volta das modificações corporais e da separação das figuras parentais. Encontramos como preocupação fundamental a procura activa e intensa de uma identificação, os movimentos são essencialmente caracterizados por uma extrema intensidade e por fortes pressões internas. Como já referimos anteriormente, as alterações corporais são vividas com estranheza e com algum sofrimento, dado tratar-se de um corpo diferente e não conhecido. O corpo está em transformação e em sexuação, o que induz a uma importante fragilização e obriga a reajustamentos na relação eu-outro, colocando-se o eu face a um outro sexuado - feminino ou masculino. Por outro lado, o processo de separação/individuação do adolescente relacionado com a separação dos progenitores acarreta igualmente uma tarefa dolorosa mas essencial para o desenvolvimento. Deste modo, a barreira de contacto neste período terá como principal função exercer uma separação efectiva entre eu e outro, entre interno e externo, caracterizando-se pela rigidez no estabelecimento dos limites e pela fraca elasticidade, esforçando-se por conter as pulsões e as pressões internas que aparecem como uma ameaça para o frágil funcionamento do jovem.

As rupturas têm um papel crucial no processo adolescente, implicando essencialmente separações, caracterizam-se principalmente pela perda dos pais na sua função parental e dos primeiros objectos de identificação. Consiste numa mudança para a conquista de parceiros mais velhos e para a escolha do objecto de amor, assim como para a perda da imagem corporal infantil e mudança para uma imagem sexualizada. Estas alterações

corporais e conseqüente desenvolvimento da sexualidade e dos relacionamentos, acarretam profundas alterações na imagem que o jovem tem de si, o acesso à sexualidade genital implica a descoberta do objecto sexual e do relacionamento sexual com o outro. O desenvolvimento físico acelerado implica por um lado, a necessidade do jovem reconstruir uma imagem corporal sexuada e, por outro, assumir uma identidade de género.

É no seio deste processo dialéctico de dependência/separação que irá emergir a formação da barreira de contacto. As dialécticas reavivadas pelo processo adolescente e possibilitadas pelo desenvolvimento da barreira de contacto, irão permitir uma diferenciação mais efectiva entre eu e não-eu, e possibilitam um sentido de continuidade e de integridade do self. Será esta diferenciação que cria a possibilidade de triangulação na qual o espaço potencial é criado, permitindo um experienciar e uma vivência intermediária que de outro modo não seria possível e no qual a criatividade se torna exequível. Para que as mudanças ocorram de forma adaptativa é necessário o jovem ter já adquirido a capacidade de pensar sobre si e sobre o mundo, é imprescindível que tenha constituído um espaço mental que o permita imaginar, experienciar, criar e, será o conjunto destas experiências e vivências que irá enriquecer e fortalecer as barreiras de contacto.

- Na Adolescência,

Na adolescência propriamente dita, observa-se uma orientação objectal dominante, contudo persiste uma oscilação entre a expressão pulsional e a objectal. Claramente, a vivência do corporal, do pulsional e do relacional ainda estão mal mentalizadas, observa-se contudo uma melhor separação entre interno e externo, assim como uma melhor definição do objecto. Com a construção e consolidação da personalidade, cria-se um novo universo objectal, relacional e identificatório, o mundo do jovem transforma-se e a crescente autonomia abre as portas para uma imensa diversidade de escolhas e de decisões. Nesta fase, cria-se um sentido mais complexo do eu (I-Ness) e esta descoberta só é possível através do outro (Other-Ness) (Ogden, 1992). A descoberta de si próprio é-lhe dado pelo outro, provém da imagem que os outros têm de si, o eu vê-se e retrata-se no outro, descobre a sua existência através do outro - inicialmente através das figuras parentais e posteriormente através do grupo de pares.

A relação da adolescência com os limites e com a sua transgressão é também inevitável, este aspecto pode ser então encarado como um elemento obrigatório e estruturante e logo, fulcral para todo o crescimento. Esta transgressão permite-lhes definir e diferenciar interno de externo, permitindo um compromisso entre o que é do eu e o que é do outro. A avaliação correcta dos desvios e das transgressões aparece com carácter de urgência nos jovens, sendo necessário conferir a estes fenómenos uma dimensão mais abrangente, quer no que se refere às lógicas internas que sustentam tais processos, quer no que se refere à tolerância que se tem com estas transgressões – que aparecem com a finalidade de estabelecer e estabilizar os territórios, o espaço e o tempo de vivência. Salienta-se também a necessidade de existirem barreiras operacionais, cuja função é conter os conteúdos psíquicos, tal como a pele serve de envelope ao organismo também a mente necessita de um envelope psíquico, de um continente que retenha os seus conteúdos e, por outro lado, tem como função permitir um contacto diferenciado com o externo, sem correr o risco de se fundir com o interno. A experimentação dos limites ou a experimentação da barreira, permite-lhes definir/ distinguir o interno do externo, o eu do não-eu, a realidade da fantasia, pela sua predominância este aspecto pode ser encarado como um elemento obrigatório e logo fundamental para todo o crescimento.

Aos adultos cumpre desempenhar o papel de continente para estes conteúdos, cabe-nos então saber e diferenciar que transgressões são aceitáveis. Contudo, a tendência dos adolescentes para a desresponsabilização e para a anulação no seio dos grupos, conduz a dificuldades em criar este espaço e este tempo de vivência – para a separação e individuação, para a expansão e socialização - da barreira de contacto. A dificuldade em estabelecer um espaço próprio dificulta a expansão das barreiras – este constitui um dos principais problemas que os adolescentes têm de resolver. Pois só através da criação deste espaço interno e da criação desta estrutura psicológica, será possível a individuação e a autonomia do jovem, pois os limites do eu tornam-se mais claros (porque experimentados) e diferenciados, permitindo uma reformulação da barreira de contacto que ganha espessura, e deste modo transformando-se num continente firme e seguro.

Na adolescência há o crescimento e o acréscimo de sentido, que podem ser ligados à relação entre a representação de objecto presente e do objecto ausente, sendo esta relação concretizável através das funções asseguradas pela barreira de contacto. É através desta barreira, desta actividade de ligação, de comunicação e de ajustamento à realidade –

interno e externo – que se devem produzir novas significações através do pensamento, da função alfa e da actividade de criação de símbolos. A função alfa irá ser responsável pela produção da barreira de contacto e será a partir do espaço potencial que ela irá emergir. A natureza desta barreira dependerá tanto da natureza dos elementos alfa armazenados, como do modo de relação entre eles. É também a sua natureza e a dos elementos que a compõem, que determina a qualidade da transposição e as características da memória/recorções.

A vida psíquica torna-se assim mais complexa devido à emergência de novas instâncias psíquicas (ideal do ego). É através do uso deste limite ou estrutura – barreira de contacto – que constitui uma pele psíquica, que pode emergir a criação interna, facultando a contenção que permite a introjecção e a construção de um objecto num espaço interno. Entendemos que a concepção da barreira de contacto é a que melhor dá conta dos fenómenos relacionais (internos e externos) e a mais útil para a compreensão das transformações que ocorrem nos jovens no decorrer da adolescência. O final da adolescência salda-se assim, com uma saída para o mundo relacional dos adultos, por uma saída para o masculino ou para o feminino. E, serão essencialmente as mudanças, as transformações, as negociações e as uniões inerentes ao processo adolescente e ao processo de mudança catastrófica que irão impor uma “acção renovada e renovadora da barreira de contacto” (Marques, 1999, pág. 280).

3.3. A Psicopatologia da Função Simbólica:

A capacidade de manter dialécticas adquire assim no contexto do adolescente uma importância fulcral, face à intensa conflitualidade inerente a todo este processo, a capacidade para negociar, unir e coexistir com as dialécticas apresenta-se como única solução e saída para todo este processo. É no seio do espaço potencial que os símbolos se originam e, na ausência deste espaço potencial existe apenas a fantasia, na qual os conceitos não possuem um significado simbólico, enquanto que no espaço potencial existe a imaginação que envolve uma série de significações simbólicas. Nos seus trabalhos, Ogden (1985) alertou-nos para algumas das disfunções que podem ocorrer nestes processos, a função simbólica é assim uma consequência directa da capacidade para manter dialécticas psicológicas e a psicopatologia da simbolização é baseada em formas específicas de fracasso para criar ou manter estas dialécticas.

Diferenciou então várias formas de incompletude ou de colapso na capacidade de manter um processo psicológico dialéctico, as quais iremos a seguir mencionar:

- A Realidade é submergida pela Fantasia,

A dialéctica da realidade e da fantasia entra em colapso na direcção da fantasia, ou seja, a realidade é submergida pela fantasia. O fracasso na criação e na manutenção de um processo psicológico dialéctico no qual, o pólo da realidade da dialéctica não é estabelecido num plano igual com o pólo da fantasia, sendo esta última predominante. O termo realidade é aqui utilizado para se referir a tudo aquilo que é experienciado como exterior ao sujeito. Quando tal ocorre, o sujeito fica aprisionado na fantasia considerando-a como objecto real, a fantasia torna-se numa coisa em si mesma tão tangível e tão gratificante como a realidade externa. Este é um mundo bidimensional, onde a profundidade não existe, onde o simbolismo e a capacidade para representar não existem. É um estado no qual nada é representado, a não ser de modo concreto, o sujeito não adquire o potencial de compreensão, de compreender as suas experiências e as dos outros. Não existindo nenhum espaço entre o símbolo e o simbolizado, os dois são tratados como um.

- A Realidade subordina a Fantasia,

A dialéctica entra em colapso na direcção da realidade, sendo a realidade usada predominantemente como uma defesa contra a fantasia. Nestas circunstâncias a realidade rouba a vitalidade à fantasia. O exacerbamento do pólo da realidade e a excessiva racionalização impedem o estabelecimento de uma troca dinâmica entre o pólo da realidade e o pólo da fantasia, o que possibilitaria a criação da imaginação. A ressonância dialéctica dos significados da realidade e da fantasia é encerrada, deixando o sujeito incapaz de imaginar, de sonhar e de simbolizar.

- A Realidade e a Fantasia estão dissociadas,

A dialéctica da realidade e da fantasia torna-se restrita, estando a realidade e a fantasia dissociadas de modo a evitar um conjunto específico de significados. Este estado psicológico não constitui uma verdadeira dialéctica psicológica, já que foi criado à custa da negação e como resultado envolve uma severa limitação do modo no qual um pólo da dialéctica permite informar e ser informado pelo outro. Um processo dialéctico torna-se limitado quando impõe limites, quando obriga a restrições. Tal limitação do processo dialéctico faz com que a realidade e a fantasia não se informem mais uma à outra, em vez disso, ficam isoladas num estado de coexistência estática. A clivagem do tipo envolvida nesta dialéctica envolve não só a negação, mas o encerramento da ressonância dialéctica que pode gerar significados que sente como perigosos.

- Inexistência de Dialécticas,

Nenhuma dialéctica é criada, nem a realidade nem a fantasia. Esta é uma forma mais extrema do que as anteriormente descritas, nesta perturbação surge uma falha primária na geração do processo dialéctico, isto é, o processo dialéctico não chega sequer a ser criado, sendo manifestado como um estado de não-experiência. O estado de não-experiência é caracterizado como um estado no qual existe a percepção, mas esta permanece centrada nos dados sensoriais crus, aos quais não são atribuídos sentido. Neste estado, os significados não são negados, simplesmente, não chegam a ser criados.

Por vezes, ocorre uma falência no desenvolvimento destes processos dialécticos, e conseqüentemente, não se geram estas experiências evolutivas entre as posições esquizo-paranóide e depressiva, não se criam significações e não se transformam as experiências. Estas falências estarão intrinsecamente relacionadas com defesas que o indivíduo utiliza contra a dor mental na superação do binómio dependência/separação, falhando na resolução do paradoxo, e assim não consegue estabelecer conexões, uniões e ligações entre os vários elementos psíquicos. É também no seio deste processo dialéctico de dependência/separação que emerge a formação da barreira de contacto.

Podemos considerar que a condição fundamental para a saúde mental e para o desenvolvimento psíquico, depende da constituição no interior da vida psíquica duma função continente, maturativa e transformadora (relação continente/conteúdo), que irá favorecer a integração progressiva das experiências emocionais, num permanente processo de oscilação entre os pólos e numa cada vez maior tolerância à dor mental.

Os processos dialécticos são por si só, igualmente, um contínuo processo de desenvolvimento. Sem a existência da barreira de contacto não será possível pensar os pensamentos, sonhar, distinguir fantasia e realidade, consciente e inconsciente. Desta forma, verifica-se toda uma reconstrução desta barreira tornando-se mais íntegra e semipermeável se a “crise” da adolescência for resolvida de forma positiva, permitindo assim o crescimento, mas se pelo contrário o processo adolescente não resultar num crescimento esta barreira tornar-se-á rígida e inconsistente, não permitindo trocas entre as instâncias psíquicas.

4. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

“Provavelmente, a maneira mais clara de um problema se manifestar é pela ausência directa de informação: estamos conscientes daquilo que sabemos, mas há simplesmente algo que ignoramos.”

F. J. Mccguigan, 1976, pág.16

Na presente investigação, pretende-se essencialmente explorar alguns processos psíquicos que poderão auxiliar a compreender e a conhecer mais profundamente o processo adolescente através da metodologia projectiva – neste caso através do Rorschach. Não temos a pretensão de acrescentar importantes conhecimentos às teorizações já existentes, mas sim de reunir os conhecimentos já teorizados, na esperança de que esta gestalt traga em si algo de novo. Pelo que, o próprio instrumento deverá sofrer ligeiras transformações para se tornar num instrumento auxiliar ao conhecimento do jovem adolescente, desenvolvendo as suas potencialidades enquanto metodologia de observação. Para tal, se irá explorar no Rorschach possíveis manifestações das barreiras de contacto, procurando através dos procedimentos de análise, aceder a esta instância psicológica, que consideramos constituir um importante eixo de análise para o conhecimento da adolescência. A barreira de contacto surge como a coluna vertebral que sustenta esta investigação, sendo um ponto de contacto entre a adolescência e o Rorschach.

Ao longo da revisão bibliográfica foi demonstrada a importância do aparecimento das barreiras para o funcionamento psíquico, exercendo estas uma tarefa altamente especializada que se assemelha ao funcionamento do pré-consciente. Contudo, o seu funcionamento apresenta-se com características mais complexas, pois não se trata somente de separar os conteúdos conscientes dos inconscientes, trata-se de um lugar de relacionamento, de troca e de comunicação, que na sua essência permite o pensamento (Cabral, 1998). A barreira de contacto irá adquirir especial importância no decorrer da adolescência, também ela transformando-se, assegurando funções cada vez mais

complexas para o funcionamento psíquico, e assim, será através das funções asseguradas pela barreira de contacto que o crescimento será possível (Marques, 1999). Considera-se que será através das funções garantidas por esta estrutura psíquica que vai ser possível a ocorrência das transformações e das mudanças inerentes ao processo adolescente.

O estudo dos processos dialécticos poderá trazer uma mais valia para a descrição e caracterização das barreiras de contacto no decorrer da adolescência, pois assumem-se como uma via de acesso privilegiada para o seu conhecimento. A teoria psicopatológica da simbolização (Ogden, 1985) constitui um índice para a análise das suas características e das suas potenciais disfunções. Pelo que, a análise da capacidade dos jovens para manterem os processos dialécticos será igualmente pertinente, tal como referimos anteriormente esta capacidade advém do bom estado da barreira de contacto.

Julgamos ser relevante estudar as características que estas barreiras assumem ao longo do desenvolvimento do ser psicológico, observando mais de perto a sua formação, transformação, complexificação e criação no decorrer deste processo. Partindo da puberdade analisaremos as suas alterações até chegar à idade adolescente. No prosseguimento destes objectivos, iremos focalizar o processo adolescente enquanto período de desenvolvimento e será em torno destas funções vitais para o funcionamento psíquico que se estrutura a presente investigação. Deste modo, será no estudo detalhado destes vários vectores que teremos acesso às qualidades e às características da barreira de contacto dos jovens. Consideramos que as qualidades da barreira só são acessíveis através da análise das suas funções, nomeadamente, a função de separação, a função de ligação e a função de criação.

Será em torno destes paradigmas que centramos o nosso estudo. Passamos então a enunciar mais detalhadamente o conceito de barreira de contacto a ser analisado:

- A Separação,

Na análise da função assegurada pela barreira de contacto de separação na sua dupla vertente – interno/ externo e intrapsíquica, esperamos descobrir diferenças significativas entre os jovens púberes e os adolescentes, diferenças estas que reflectam o estágio de desenvolvimento em que o jovem se encontra. Desta forma, na puberdade deverá existir uma maior necessidade de separação entre externo e interno, existindo uma maior reactividade ao mundo exterior, e sendo as dialécticas vividas

essencialmente com muita angústia. Enquanto que nos adolescentes esperaremos encontrar uma menor necessidade de separação, menos clivagens e uma maior comunicação entre os pólos, contudo deveremos localizar uma maior necessidade de experimentação dos limites, o que poderá fragilizar demasiado as fronteiras. Assim, deverão ser indagados os procedimentos que nos conduzem à análise deste vector – ***Que separações e que diferenciações asseguram os jovens entre o mundo externo e o interno, entre o eu e os outros, entre consciente e inconsciente?***

- As Ligações,

Na análise da função de ligação, de troca e de comunicação, pretendemos compreender como é estabelecida a mediação e a ligação entre os pólos, se existem pontes entre as dialécticas permitindo-lhes uma coexistência. Nestes processos marcados por tendências contraditórias e conflitos intensos, existe a necessidade de uma negociação incessante e mais uma vez, nos deparamos com a dualidade interno/ externo, consciente/ inconsciente, eu/ outro – ***Existe neste período uma ligação dialogante e comunicante entre pólos, isto é, terão as barreiras na juventude permeabilidade suficiente que lhes permita uma troca efectiva entre externo e interno e entre instâncias psíquicas?*** – Iremos procurar descrever os indícios das capacidades de ligação e de união emergentes, esperando-se encontrar capacidades de comunicação crescentes à medida que passamos da puberdade para a adolescência.

- A Criação,

Por fim, outro dos vectores em foco é a análise e descrição da função de criação, ou seja, da existência de um pensamento ordenado e da possibilidade de simbolização – ***Que características e que elementos psíquicos ordenam o pensamento dos jovens? Existe um domínio de elementos alfa que permitem a simbolização, o sonho, a criação, ou antes um pensamento desordenado ainda essencialmente formado por elementos beta?*** – Procuramos, essencialmente, identificar o estado do mundo do sonho, da fantasia, da imaginação e do pensamento criativo, e a melhor forma de lhes acedermos será através da forma como o sujeito cria e recria os seus relacionamentos e a si mesmo, através da sua capacidade para manter processos dialécticos.

Propomo-nos estudar a especificidade das barreiras de contacto estabelecidas e recriadas na adolescência, considerando-as a chave-mestra para todo o desenvolvimento e crescimento saudável. Iremos aqui explorar as suas manifestações, características e funcionalidades tendo em conta que não existe uma adolescência, mas adolescências no plural, englobando um período temporal bastante longo. Partindo da puberdade como linha orientadora do estado inicial das barreiras, pretendemos observar e descrever as alterações induzidas pelo processo adolescente, e assim iremos adoptar uma perspectiva essencialmente desenvolvimentista, enquadrando a complexificação das barreiras de contacto no crescimento psíquico do jovem, sendo estes ainda diferenciados quanto ao sexo feminino/ masculino. Também nos propomos a descrever as suas manifestações no Rorschach explorando neste instrumento os procedimentos adequados para a sua análise. Sendo o Rorschach utilizado como um instrumento que expressa e revela o espaço da barreira de contacto, é igualmente empregue como metodologia que nos permite uma observação mais próxima da realidade psíquica dos sujeitos a observar. Estamos assim perante um estudo descritivo que pretende observar as similitudes e diferenças das barreiras na adolescência comparativamente à fase pubertária.

De forma sucinta, o presente estudo apresenta como objectivo clarificar as vicissitudes do processo adolescente no que concerne à reformulação do espaço psíquico, do estado do aparelho de pensar os pensamentos, manifestado e potenciado através das barreiras de contacto. Pretendemos assim, contribuir para o estudo e compreensão desta fase de desenvolvimento, assim como, para a evolução do próprio instrumento, potenciando o seu desenvolvimento e actualização, tornando-se este instrumento à semelhança do jovem adolescente também alvo de um crescimento e maturação e, quem sabe talvez objecto de mudanças catastróficas.

5. METODOLOGIA PROJECTIVA

As Metodologias Projectivas: O Rorschach

“O teste projectivo – Rorschach – define-se pelo apelo ao duplo modo de funcionamento: pela referência ao real, constituído pela materialidade do teste, e pelo recurso ao imaginário, no despertar dos mecanismos projectivos”.

Catherine Chabert, 1998, pág.33

Ao iniciar este capítulo, consideramos pertinente reforçar uma ideia defendida por vários autores de que existe uma importante clivagem entre teoria e investigação, pois também nesta investigação nos iremos deparar com este fosso no conhecimento. Coleman (1985) é um destes autores que considera que a maioria das investigações levadas a cabo na última década refutam muitas das assunções teóricas até aqui formuladas. Os métodos e as teorias têm falhas importantes que limitam o conhecimento, falhas essas que possibilitam o enviesamento das conclusões aferidas. Mais recentemente, as investigações têm recorrido a metodologias projectivas para tentar minimizar algumas variáveis que contaminam as investigações e aproximar mais os dados recolhidos à realidade psicológica dos jovens. É a partir desta metodologia que se têm realizado algumas das investigações mais importantes para a compreensão deste período de desenvolvimento e é através desta metodologia que o presente estudo se irá desenvolver.

A Psicologia Clínica tem procurado definir os seus modelos e estabilizar as suas metodologias para se constituir como disciplina científica, submetendo-se aos principais critérios que dominam as concepções de ciência como a medida e a psicotecnia, além deste movimento derivado da positividade com raiz na medicina, existe um outro movimento derivado da psicanálise. A Psicologia Clínica tem vindo a acumular um conjunto de saberes fruto destes diferentes movimentos e tem-se esforçado por unir ambas as acepções, por estabelecer compromissos entre as várias concepções teóricas e instrumentais. Contudo, dentro da Psicologia Clínica é ao nível da metodologia projectiva

que se encontra as melhores características de integração e coerência entre as concepções teóricas e os métodos. A metodologia projectiva, utilizada e inscrita no modelo psicanalítico estabelecido pela escola francesa, possui a característica de se encontrar bem formulada e fundada, existindo conformidade e coerência entre teoria e metodologia (Marques, 1999).

Ao longo deste trabalho iremos tentar dar corpo às teorias e aplicar as concepções apresentadas, num esforço para renovar as formas de usar os instrumentos em Psicologia Clínica. O estudo da adolescência é um bom exemplo das modificações e desenvolvimentos que têm surgido nas teorias e nas concepções, tais mudanças impõem a necessidade de dotar os instrumentos de novas capacidades que facilitem a tarefa de construção do conhecimento. Os meios técnicos e metodológicos devem tornar-se mais sensíveis ao que se pretende conhecer, renovando-se e submetendo-se aos novos modelos teóricos, devendo também tornar-se coerentes e convergentes com estes modelos emergentes. Ao nível do Rorschach verifica-se que tem havido alguns esforços em modificar a utilização deste instrumento, de forma a submetê-lo às concepções que fundamentam a caracterização da adolescência, contudo sem nunca esquecermos as suas concepções originais (Marques, 1994).

O Rorschach é assim utilizado neste trabalho enquanto instrumento de observação e de descrição, que possibilita o encontro com o funcionamento psíquico do adolescente. É assim nosso objectivo desenvolver a própria metodologia Rorschach, para que esta acompanhe as formulações teóricas mais recentes referentes ao processo adolescente, actualizando-o relativamente aos novos paradigmas. Por tudo isto, o próprio instrumento deverá sofrer uma ligeira modificação face às lógicas mais habituais de análise, para se tornar num instrumento auxiliar ao conhecimento do jovem adolescente, fomentando as suas potencialidades enquanto metodologia de observação (Marques, 1999). Para tal, iremos explorar no Rorschach possíveis manifestações das barreiras de contacto que recentemente têm adquirido uma fulcral importância no estudo da adolescência, examinando no próprio instrumento os procedimentos que nos permitam aceder a esta instância psicológica. Propomo-nos a desenvolver a própria metodologia projectiva permitindo que esta se torne mais sensível à análise e à avaliação das características do processo adolescente.

Este processo de construção do conhecimento deverá passar pelas seguintes fases: observar e descrever os processos, ligar e estabelecer relações entre os elementos que se evidenciam e por fim, simbolizar, transformar e criar, ou seja, conferir-lhes outro sentido de forma a aumentar o conhecimento (Marques, 1999).

5.1. O Instrumento Rorschach:

Entre os diversos instrumentos utilizados pela psicologia clínica, o Rorschach ocupa um lugar privilegiado, sendo consensual a sua importância e o seu valor. Ao ser dos instrumentos mais estudados em psicologia, tornou-se um instrumento bastante considerado e respeitado. Na sua essência, esta prova mantém os princípios definidos pelo seu criador, todavia estes princípios têm sido alvo de reformulações, de modo a ir de encontro, mais fielmente, às evoluções, quer das concepções metodológicas, quer das concepções teóricas. Deste modo, o Rorschach deverá estar subordinado por um lado, ao valor e ao papel que os instrumentos deverão ter na construção do conhecimento sobre o sujeito psicológico, enquanto que por outro lado, deverá reflectir e ampliar os paradigmas que o fundam (Marques, 1999).

O Rorschach é um poderoso instrumento de avaliação clínica e para a avaliação psicológica. Contudo, não é só utilizado como um instrumento que visa o estabelecimento de um diagnóstico nosográfico ou psicológico, é também empregue como um instrumento que expressa e revela o espaço psíquico. Pode então, ser considerado como um instrumento que através dos seus elementos de análise desempenha simultaneamente “o papel de mediatizar, condensar e simplificar o trabalho de construção das vias de conhecimento sobre o sujeito” (Marques, E., 1999, pág.36). Sendo considerado como um instrumento revelador de um espaço potencial, de um espaço de mediação e de transformação, pelo que, o estabelecimento de eixos deverá ser considerado fundamental, eixos que revelem os processos que “ocorrem no sujeito e nas relações que ele estabelece com os objectos podendo apreciar-se o nível a que um sujeito acedeu, mas também às possibilidades que expressa em criar, recriando novos objectos” (Marques, E., 1999, pag.46).

Ao inscrever-se nesta lógica, o Rorschach deverá estar dotado de procedimentos definidos em função de critérios que contenham elementos o mais próximo possível da realidade e da verdade psicológica do sujeito. O Rorschach poderá ser considerado como uma

situação psicológica total, mobilizadora de angústia e conseqüentemente de defesas. O próprio material é dotado de qualidades perceptivas que impõem um trabalho psíquico específico, induzindo a uma situação disruptiva de caos psicológico carregada de conflitos e de paradoxos. Os instrumentos são na sua essência teorias materializadas, devendo ocupar um lugar auxiliar na observação e descrição de elementos psíquicos, que só serão revelados depois de serem alvo de análise e interpretação. O Rorschach é assim um instrumento auxiliar para aceder ao conhecimento do ser, conhecimento esse inserido num espaço e num tempo específicos (Marques, 1999).

5.2. O Método Clínico Rorschach:

O Rorschach estabeleceu-se em torno de dois paradigmas, um assente na psicometria, que insere o sujeito num conjunto de dados estatísticos e, outro assente em pressupostos psicanalíticos, que permitem uma análise mais dinâmica do sujeito (Chabert, 1998). A primeira fonte deriva das sistematizações e dos dados empiristas, que valorizam a medida no sentido de se estabelecerem dados formais quantitativos que permitem a identificação e a descrição de sinais/ grupos psicopatológicos, com este objectivo são valorizados os valores e as tabelas normativas, que impõem critérios precisos de cotação. A segunda fonte, inspirada nas acepções psicanalíticas, destaca a importância de mecanismos inconscientes e pré-conscientes nas respostas, emergindo como noções fundamentais as noções de conflito, angústia e mecanismos de defesa, as representações de si e das relações.

A sua especificidade reside em ser estudado como um modo de acesso ao funcionamento mental e não em ser estudado como uma prova. Quando estudado e relacionado com a teoria psicanalítica, o Rorschach poderá ser considerado na sua essência como um método. Ao ser uma “psicanálise aplicada”, conduz à possibilidade de análise e à interpretação dos fenómenos psíquicos e, não somente a uma sua sinalização e agrupamento por tabelas normativas. A psicanálise fornece os elementos interpretativos necessários para que o Rorschach aceda a dimensões mais profundas e específicas do funcionamento psíquico, permitindo o seu desenvolvimento e crescimento enquanto metodologia (Marques, 1999). De um modo sucinto, as características atribuídas ao Rorschach como qualidades psíquicas a serem analisadas são a simetria (a coesão e o duplo) e o valor simbólico

(materno/paterno, masculino/feminino), que nos revelam a natureza dos processos de ligação, de transformação e de criação, o que no Rorschach nos dá conta do espaço de relação, de interpretação, de comunicação e de simbolização. O Rorschach pode ainda ser descrito através de dois aspectos centrais: a situação Rorschach e o processo de resposta Rorschach (Chabert, 1998).

A situação Rorschach é essencialmente um “encontro entre duas subjectividades que irão construir uma intersubjectividade numa interacção singular e singularizante” (Marques, 1994, pág.436), esta intersubjectividade implica que cada interveniente no decurso da interacção ultrapasse o seu universo privado e adopte o ponto de vista do outro, incluído nas suas respostas. O Rorschach gera um sentimento de caos psíquico, que leva o sujeito a clivar e a projectar uma parte sua para o exterior: o sujeito dá uma representação da mancha (conteúdo) e espera que o outro, o psicólogo, lhe forneça um quadro (continente) para o espaço representativo onde poderá projectar essa representação, ou seja, a resposta. E, sempre que um sujeito dá uma resposta, essa resposta é sempre o produto da intersecção de uma dupla projecção sobre o material e sobre o psicólogo. A situação Rorschach deve então ser entendida como um contexto, emergindo uma rede de significação que é construída no seio desta interacção.

Chabert (1998) centrou o processo de resposta Rorschach num balanceamento entre a actividade perceptiva e a actividade projectiva. As interferências perceptivas e projectivas constituem a articulação essencial das provas projectivas. Apresenta-se então ao sujeito uma dupla exigência: mostrar em que medida e como se organiza para encarar o seu mundo interno e o seu mundo externo. Trata-se portanto, de uma confrontação com os limites impostos pela realidade, deixando ou não lugar ao imaginário. A instrução apela desde logo aos mecanismos perceptivos e projectivos, solicitando ao sujeito para se ligar à realidade do material e criar imagens que não estão de forma alguma lá representadas. A resposta Rorschach poderá ser considerada como um equivalente ao processo de formação de símbolos decorrente da actividade de pensar. Do mesmo modo, estão presentes a importância da linguagem verbal como veículo da mensagem e o duplo convite ao imaginar, exprimir o que pertence ao sujeito, à sua realidade interna e o que pertence aos cartões, isto é, à realidade externa. O Rorschach pode ser concebido como um espaço virtual que solicita nas suas respostas o confronto entre estes dois mundos, mas porque já se encontram transformados estes mundos apresentam características marcadas pela união

e integração. O processo de resposta opera através de um trabalho “de transformação, ligação e recriação entre o interno e o externo que através da projecção impõe e faz emergir a expressão da simbolização e portanto, do pensamento” (Marques, 1999, pag.40). A situação projectiva na sua dupla solicitação, imaginária e perceptiva poderia ser interpretada como uma solicitação dialéctica que a aproxima dos espaços intermediários (Winnicott, 1953) descritos anteriormente neste trabalho. A imagem no Rorschach surge no âmago de um espaço potencial (Ogden, 1985), tornando possível o encontro entre o real e o imaginário. A própria instrução remete para uma injunção paradoxal, é pedido ao sujeito para criar respostas e, ao mesmo tempo, para se ligar à realidade do material, o paradoxo surge nesta perspectiva, na solicitação ao encontro entre real e imaginário (Chabert, 1998). E como sabemos, o acesso ao espaço potencial e à área transitiva pressupõe a aceitação do paradoxo, da dupla pertença interno/externo, pelo que, poderemos encontrar nesta situação as qualidades dos processos dialécticos do sujeito e as características das suas relações entre dentro/ fora, entre mundo interno/ mundo externo (Ogden, 1992).

Pode-se pensar que a forma como um sujeito se situa neste entre-dois (função assegurada pelas barreiras de contacto) vai permitir a utilização de um espaço psíquico próprio e constitutivo do sentimento de continuidade do ser. O teste projectivo define-se assim pelo apelo a um duplo modo de funcionamento: pela referência ao real, constituído pela materialidade do teste e pelo recurso ao imaginário, no despertar dos mecanismos projectivos (Chabert, 1998). E, a área transitiva e os seus fenómenos concomitantes servem de matriz à criação de um espaço psíquico interno, onde têm origem os processos de mentalização e de simbolização.

No material Rorschach as referências às qualidades intrínsecas do indivíduo surgem na simetria e no valor simbólico, pois são estes que atribuem sentido e organização às manchas. A simetria apresenta-se como uma característica da realidade perceptiva que remete para a coesão ou para o duplo, “a simetria está implícita e é organizadora das manchas Rorschach, unifica-as, confere-lhes coesão e harmonia” (Marques, 1999, pág. 206). Enquanto que, o valor simbólico põe em jogo a relação e a sexuação, cada “matriz que funda a solicitação simbólica de cada cartão, revela o nível de interiorização e de integração das imagos parentais que são masculinas e femininas” (Marques, 1999, pág. 210). Os procedimentos clássicos de análise do Rorschach fundamentam-se em critérios

estruturais (unitário, bilateral/ fechado, aberto) e sensoriais (cinzento escuro, cinzento, negro, branco, pastel e vermelho), que corroboram o carácter simbólico do material. E, é nesta dimensão simbólica que podemos encontrar os processos mentais que fundam o crescimento, a progressão, a criação, a expansão mental e a adaptação, assim como, os processos que bloqueiam o crescimento conduzindo à desadaptação (Marques, 1999).

O material que é considerado desconhecido e ambíguo, sem um significado preciso, irá ser organizado pelo sujeito que lhe confere uma significação ao explorá-lo, ao mesmo tempo que se revela. Este trabalho de atribuição de significado levado a cabo pelo sujeito, concretiza-se a partir de um eixo (eixo central das manchas), no qual emerge uma figura simétrica dotada de certas qualidades como a forma, a cor e o esbatimento. Este material representa uma situação disruptiva de perda de objecto – induzido pela perda de forma – e é na permanente ligação com este material que o sujeito deve formular as suas respostas. E, serão as qualidades do material que irão despertar no sujeito as suas próprias qualidades psíquicas intrínsecas.

5.3. A Metodologia Rorschach:

A metodologia projectiva tem vindo a modificar a forma de utilização dos seus instrumentos. Ao ser considerado como um método e não como um teste e/ou prova de modo generalizado, o Rorschach revela as suas enormes potencialidades essencialmente enquanto metodologia de uma psicanálise aplicada, que tem como preocupação dominante demonstrar o funcionamento psíquico do sujeito, tornando-se num auxiliar no acesso ao conhecimento (Marques, 1999).

A explicitação do conteúdo manifesto e latente dos cartões permite estabelecer as ligações que tornam possível uma melhor compreensão do discurso do sujeito, uma vez que este se refere não só a um objecto real, mas a um objecto. O conteúdo manifesto pode ser dividido em duas dimensões fundamentais: uma dimensão estrutural na construção formal dos cartões e, uma dimensão sensorial pela presença de cores (Chabert, 1998). Ora, estas duas dimensões vão servir de base ao método de análise dos protocolos, dado que a apreensão da construção formal é, de uma maneira clássica, considerada numa perspectiva perceptiva e cognitiva dita intelectual e, a sensibilidade às cores está empiricamente associada à expressão dos afectos. Enquanto que, o conteúdo latente nos dá conta do modo como o

sujeito se representa e como representa a relação, esta análise permite agrupar os cartões em termos de problemática. Para apreender o modo como o sujeito se representa é preciso ter em conta a forma como representa a imagem do corpo, a forma como sente o processo de individuação e, finalmente, a capacidade de identificação sexual. O teste Rorschach permite uma centração em torno de tudo o que se refere à representação de si e à evocação das representações das relações. Podemos servir-nos desta dupla orientação para analisar o conteúdo latente do material: representação de si/ identificação e representação das relações (Chabert, 1998).

- A Representação de Si,

Chabert (1998) refere que o teste Rorschach permite uma centração em torno da representação de si e à evocação das representações de relação. Na solicitação de uma problemática de identidade encontramos vários elementos relacionados com a diferenciação entre sujeito e objecto, assim como, identificamos diversos elementos relacionados com a identificação sexual nas solicitações identificatórias.

Na representação de si, a imagem do corpo, as questões de identidade e de identificação, são centrais na elaboração desta problemática. O apelo à imagem do corpo está presente na própria construção simétrica dos cartões, à semelhança do esquema do corpo humano, ordenado simetricamente à volta de um eixo mediador. Os cartões compactos são os que mais solicitam esta projecção do corpo, nos outros também podemos encontrar esta solicitação, ainda que com características distintas na medida em que não oferecem ao sujeito referências estáveis e por isso mesmo, põem à prova as capacidades de unificação do sujeito. Nos cartões bilaterais, a representação do corpo pode ser fortemente posta à prova, aparecendo as imagens do corpo não integrado nas tentativas de apreensão global (Chabert, 1998).

Relacionado com a construção do esquema corporal está o sentimento de identidade, que implica o reconhecimento da diferença entre sujeito e objecto, assim como, o reconhecimento de pertença ao mundo humano. O acesso à identidade supõe que os processos de individuação e de diferenciação tenham sido relativamente operantes permitindo a separação. As respostas que revelam uma problemática desta natureza aparecem frequentemente nos cartões compactos onde se esperaria a unidade, que

testemunharia uma individuação efectiva. As identificações secundárias aparecem num registo simbólico mais evoluído e, pressupõem o acesso à identidade, pondo à prova o reconhecimento da diferença dos sexos (Chabert, 1998).

- A Representação da Relação,

No que concerne à representação das relações surgem algumas solicitações fantasmáticas ligadas às imagos parentais e às modalidades particulares de relações de amor e de ódio (Chabert, 1998). O cartão I reenvia imediatamente para a primeira relação de objecto, ao ser o primeiro cartão apresentado remete para uma imago materna pré-genital concebida, por vezes, numa dimensão ameaçadora. O cartão VII “é considerado o cartão materno por excelência” (Chabert, 1998, pág. 84), aqui encontram-se todas as modalidades possíveis de relação com a imago materna, das mais arcaicas às mais evoluídas, das mais cruas às mais elaboradas, inscrevendo-se sempre numa dialéctica da relação com o primeiro objecto. O cartão IX é descrito como “o cartão uterino... aparecendo temas de gestação e de nascimento” (Chabert, 1998, pág. 85) surgindo frequentemente movimentos regressivos.

O apelo à relação de objecto é evidenciada principalmente nos cartões bilaterais, assim como, nos cartões vermelhos e pastel, todavia a evocação das relações “não impõe obrigatoriamente que elas apareçam, nem tão pouco condiciona o registo conflitual no qual elas se inscrevem” (Chabert, 1998, pág. 87). Nos cartões bilaterais a organização em duplo, a indução de imagens face a face favorece a expressão das relações. Nos cartões com cores as solicitações emocionais, afectivas ou pulsionais podem aparecer ligadas a experiências de contacto com o mundo e com o ambiente humano que o rodeiam. Os cartões pastel em especial, são “particularmente significativos, dado que suscitam a emergência de emoções e de afectos, e permitem a apreensão do tipo de relação que o sujeito estabelece com o seu meio” (Chabert, 1998, pág. 88).

6. O RORSCHACH NA ADOLESCÊNCIA

O Processo Adolescente à luz do Rorschach

“No Rorschach e na Adolescência, o fora deve ser investido, reconhecido, explorado e exercitado, e é-o sempre em função do dentro, após o que se impõe voltar para dentro. É neste movimento de vaivém entre fora e o dentro e entre o dentro e o fora, que ambos os mundos se enriquecem e transformam....Este é o movimento de acrescentar sentido e o do crescer.”

Emília Marques, 1999, pág.321

Partindo dos modelos teóricos mais recentes e das suas conceptualizações mais actuais, tem-se procurado dotar o Rorschach de uma maior acuidade e precisão na avaliação e no conhecimento da adolescência. Enquanto técnica projectiva permite revelar as particularidades de funcionamento mental dos adolescentes, constituindo o seu uso um meio privilegiado para se aceder às características do processo adolescente, podendo mesmo ser o único meio para explicar a natureza dos processos mentais e revelar o tipo de factores envolvidos nas relações objectais de um sujeito psicológico (Marques, 1999). Se inicialmente, as investigações incidiram fundamentalmente em estabelecer critérios mais rigorosos para o diagnóstico, posteriormente são aprofundadas as explicitações teóricas sobre os principais processos que ocorrem na adolescência, tendo o Rorschach provado servir também para um maior aprofundamento e discriminação dos factores em causa no processo adolescente.

E, é a partir dos principais organizadores referidos na literatura sobre o processo adolescente – reactivação dos processos de individuação e da problemática edipiana – que foram definidos os eixos de análise Rorschach (Chabert, 1998). Pelo que, estes eixos correspondem a organizadores fundamentais do processo adolescente como é o caso da representação de si e representação da relação. Na análise de protocolos são assim consideradas, quer as modificações corporais que advêm da eclosão pubertária, quer as

transformações relacionais que conduzem ao balanceamento entre investimentos narcísicos e objectais e entre desorganização e progressão (Chabert, 2000). Pois serão estes organizadores fundamentais que permitem destacar uma expressão adolescente no Rorschach com características específicas e diferenciadoras. O processo adolescente mostra-se assim no Rorschach de diversos modos, evidenciando-se importantes diferenças entre a sua expressão no masculino e no feminino, assim como verificamos diferenças significativas relativamente à expressão do processo adolescente consoante a idade: puberdade e adolescência.

- Na Puberdade,

No início da puberdade observamos uma maior exuberância imagética, com características de intensidade e de diversidade, a necessidade de expressão é mais intensa, o que se traduz num maior número de respostas nos protocolos salientando-se um funcionamento fantasmático rico (Marques, 1999). Provavelmente, esta necessidade está directamente ligada a um momento em que as tensões internas são também mais intensas. Surgem assim aspectos contraditórios que nos levam a considerar que neste grupo existe uma maior orientação narcísica tanto nas atitudes como nas condutas. Encontra-se como preocupação essencial a procura activa e intensa de uma identificação, que se traduz num número elevado de K e de H%, sendo esta percentagem predominantemente constituída por imagens inteiras e imagens para-humanas, surgindo imagens em que a identidade aparece ameaçada e pareça pouco estável, mas nunca com falhas fundamentais.

Verifica-se também uma maior preocupação em delimitar as imagens, contudo este investimento dos limites não é acompanhado por um investimento na realidade objectiva. As imagens formais são pouco investidas e verifica-se sobretudo o recurso a outras modalidades expressivas como as cinestésias e as respostas cor. Aparece assim uma grande reactividade ao mundo externo, contudo apesar destas respostas serem predominantemente determinadas pelo pólo sensorial, são controladas pelo aspecto formal. Nesta faixa etária, os movimentos são essencialmente caracterizados por uma extrema intensidade e mobilidade, que apesar da extrema intensidade e da forte pressão interna, não há perda de controlo, ou seja, os mecanismos adaptativos acabam por dominar (Marques, 1999).

- Na Adolescência,

Na adolescência propriamente dita, observa-se uma menor necessidade de expressão que se traduz num menor número de respostas, o que se deve essencialmente a uma orientação objectal dominante, contudo persiste uma oscilação entre a expressão pulsional e a objectal (Marques, 1999). O objecto externo é mais investido por permitir uma realização no imediato, o que contribui para a diminuição do recurso à intelectualização e à racionalização. Claramente, a vivência do corporal, do pulsional e do relacional estão ainda mal mentalizados. Observa-se contudo uma melhor separação entre interno e externo, assim como uma melhor definição do objecto. A necessidade de representação de si diminui, o que acarreta consequentemente uma diminuição de respostas K, H e A, verificando-se um trabalho mais sólido ao nível da integração e da construção de identidade. Persiste ainda a necessidade de recorrer à regressão, a objectos continentais protectores como peles e vasos. Aparecem no entanto preocupações centradas sobre o corpo, observando-se uma maior existência de respostas Hd e Anat, sem no entanto serem conteúdos fixos e repetitivos, o que indica um reaparecimento da angústia de castração, constituindo estas imagens o seu eixo organizador. Por outro lado, as imagens apresentam uma maior adequação e conformidade à realidade objectiva, o que acompanha uma menor expressão das tensões internas. É comum encontrarmos “funcionamentos mentais extremamente complexos, ricos, maleáveis, abertos, mesmo que, às vezes pareçam menos permeáveis, onde o vencer e o ser vencido é o espaço de confronto e da negociação” (Marques, 1999, pág.293).

- No Masculino,

Nos rapazes encontramos reacções mais variadas, mais numerosas, mais movimentos de vai e vem, de regressão e de progressão. Deparamo-nos com uma grande necessidade de afirmação, que se traduz num investimento em termos de potência. Como problemática central é comum surgir as questões ligadas ao corpo feminino. Evidencia-se uma gradual passagem da clivagem para a integração, o que leva à expressão da dor mental, dor essa que obriga a um retraimento narcísico. Nas relações, impõe-se o abandono da figura materna para a passagem a uma identidade masculina dominante, e deste modo, a dialéctica surge na necessidade de se desprender da feminização precoce para se construir as bases da diferenciação e da masculinização. O trabalho de encontro, construção e transformação do outro é vivenciado com maior angústia (Marques, 1999).

- No Feminino,

Nas raparigas encontramos protocolos mais desviantes, mas também menos expressantes, o clima disfórico sobressai e aparece um aumento significativo do recalçamento, assim como do retraimento face a uma imagem de potência viril e à imagem do corpo feminino sexuado. Encontramos a necessidade de um afastamento face ao materno, mas para voltar a reencontrá-lo numa relação circular, na qual a jovem se afasta para se afirmar como diferente (rivalidade e oposição), para mais tarde retornar ao materno para se identificar com a mãe e não como igual à mãe. As raparigas por seu lado, privilegiam quase que exclusivamente o objecto externo, havendo uma fuga para o exterior, o que conduz praticamente à anulação do mundo interno através da banalização e leva à tendência para se confundir com o objecto externo, aparecendo num segundo momento a depressividade (Marques, 1999).

Aquilo que as diferentes expressões da adolescência (puberdade/ adolescência e masculino/ feminino) revelam, é que em todos os grupos encontramos evidências maiores ou menores de dificuldades, de confusão e de indiferenciação na vivência de si e dos outros. Aliás, é desta integração que advêm as possibilidades de aceder e criar uma nova identidade sexual. Verificamos então que nos adolescentes estão presentes, antes de mais, dificuldades mais ou menos importantes em se viverem, firmarem e afirmarem como seres íntegros e completos. Porém, a partir do momento em que o sentimento de identidade do jovem ganha contornos e aparece de uma forma um pouco mais estável, estabelece-se a via da sexuação e da escolha do feminino-masculino (Marques, 1999).

A identificação sexual na adolescência constrói-se em redor da imagem do corpo, mobilizando os investimentos afectivos e as representações da infância, as quais estão na base da criação dos novos investimentos e das novas representações que o jovem irá constituir. Verifica-se um aumento significativo da necessidade de representação da imagem do corpo que aparece inteira, mas vivida como frágil pela insegurança dos limites, correndo o risco do corpo ser vivido como atingido ou impotente (Marques, 1999). Assim, o novo corpo púbere, vivenciado como estranho e desarmónico, é essencialmente um corpo em crescente evolução e em crescentes possibilidades (pelo acesso à genitalidade) e que irá seguir diversas vias objectais. Perante um novo corpo claramente sexuado e pouco

conhecido, é imprescindível para o jovem a manutenção de uma “distância suficientemente boa” (Winnicott, 1953) face aos objectos sendo neste balancear (afastando e aproximando) que o novo objecto é criado. É sobretudo a reelaboração dos primeiros objectos que irá possibilitar a entrada para o feminino e para o masculino.

No domínio das relações imperam as relações especulares, e podemos mesmo encontrar um forte evitamento dos relacionamentos, em que os arranjos narcísicos chegam a cancelar a expressão do pulsional. No geral, a vivência do corporal, do pulsional e do relacional estão ainda pouco mentalizados. Como refere Coimbra de Matos (2002), o príncipe Édipo torna-se rei, mas rei Narciso.

7. CARACTERIZAÇÃO E RECOLHA DE PROTOCOLOS

Os Protocolos Rorschach em Análise

O estudo do protocolo Rorschach deve orientar-se segundo uma série de pressupostos, que correriam o risco de ser esquecidos na decomposição aprofundada e minuciosa dos diferentes elementos do discurso. Depois de ter escutado e anotado o mais escrupulosamente possível o discurso do sujeito, isto porque a análise do discurso só faz sentido se este for anotado na maior exactidão e fidelidade possível, é preciso saber ler o protocolo (Marques, 1999).

Uma primeira leitura aprofundada permite a impregnação pelo material fornecido, numa descoberta das mensagens desta vez na ausência do sujeito, esta leitura será mais enriquecedora quanto maior for o tempo que a distancia da aplicação. O clínico encontra-se então mais disponível em relação aos perceptos, mas também em relação às suas associações pessoais, poderá assim perceber o estilo do sujeito, uma lógica ou uma descontinuidade, a qualidade da verbalização, as manifestações mais individuais, mais particulares ou originais poderão ser destacadas neste momento. Esta leitura permite caracterizar uma impressão de conjunto, o que irá confirmar ou infirmar as apreciações ou as intuições clínicas, e permite estabelecer hipóteses que serão corroboradas ou não pelo trabalho de análise. A cotação de respostas deveria ser feita após esta primeira leitura, da qual se torna um prolongamento necessário. Se é atribuído às cotações um estatuto de utensílio, de meio útil e operante como suporte necessário para o conhecimento do material, sem as considerar como um fim em si, a sua utilização conferirá uma armadura sólida ao trabalho de análise, graças a um domínio mínimo dos dados obtidos (Marques, 1999). A observância destes pressupostos deve aliar-se à flexibilidade e sobretudo à compreensão dos factores intervenientes na articulação da resposta.

Um protocolo é uma narrativa por isso, não importam só os elementos de cotação em si ou os valores simbólicos dos cartões porque o sujeito constrói uma narrativa de um Eu que revela fragilidades e potencialidades desde um nível mais regressivo a um nível mais evoluído, em que há distinção e diferenciação, em que há um processo criativo (Marques, 1999). O modo como o sujeito se apropria da mancha, assim como, os movimentos que o sujeito utiliza para captar os objectos internos e os objectos externos, a forma como os liga e a forma como é que uns promovem a expressão dos outros, todos estes elementos nos darão conta do modo como o indivíduo se relaciona com os seus objectos. Tem-se, portanto, que considerar as imagens Rorschach, assim como o processo criativo dessas imagens e o processo pelo qual elas são comunicadas na relação. Procurando-se, então, aceder à forma como o sujeito se vê na narrativa, se designa, cria sentido ou se deixa invadir pelos sentidos e, simultaneamente, como o sujeito na relação com o objecto se vê, se designa, se cria ou se deixa invadir na relação com esse objecto (Marques, 1999). O protocolo é assim, abordado na vertente do desenvolvimento e na vertente relacional desde o mais primário, indiferenciado ao mais evoluído, ao mais simbolizado.

- Recolha dos Protocolos,

A recolha de protocolos decorreu no agrupamento da Escola Básica D. Pedro II na Moita, no decorrer dos meses de Dezembro 2005 e Janeiro 2006, com a devida autorização do Conselho Executivo, dos Directores de Turma, Encarregados de Educação e dos jovens que participaram nesta investigação. Foram escolhidas duas turmas de 9º ano – uma de ensino regular predominantemente com jovens entre os 14 e os 15 anos e, outra turma de ensino alternativo com jovens entre os 16 e 18 anos. Os jovens foram convidados a participar no estudo e seleccionaram-se 20 jovens segundo o critério idade e sexo, daqueles que acederem ao nosso convite e se mostraram predispostos a participar.

Os protocolos foram recolhidos no espaço da biblioteca e na sala de estudo da escola, tendo sido o Rorschach apresentado aos jovens de uma forma lúdica como um “jogo” o qual estava a ser “experimentado” em jovens. Estes jovens mostraram sempre interesse no “jogo” proposto e investiram na tarefa de dotar as imagens de significação, cada um com as suas especificidades mais lábeis ou mais inibidas, demonstrando e revelando o seu mundo interno. Não foram investigadas a fundo questões pessoais da vida dos jovens. Anteriormente à aplicação ocorreu uma breve conversa com os jovens sobre os objectivos da investigação e, uma concisa apresentação mútua entre o psicólogo e o jovem. Foram assim reunidos 20 protocolos: 5 de rapazes de 14 anos, 5 de raparigas de 14 anos, 5 rapazes de 17 anos e 5 de raparigas de 17 anos.

8. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

“A Psicanálise é um instrumento: será sempre o violino do psicanalista.

*Que na musicalidade alonga perspectivas, eventualmente
aplicáveis a outros instrumentos e
a outros sistemas.”*

Eduardo Sá, 2003, pág. 16

Para alcançarmos o nosso objectivo inicial em caracterizar a barreira de contacto na adolescência através do Rorschach, torna-se imperativo alargar as vias de conhecimento e de alcance do próprio instrumento (Marques, 1999). Pelo que é necessário explorar os novos paradigmas e os novos conceitos psicanalíticos, de modo a serem aplicáveis à metodologia existente e aos instrumentos disponíveis: tornando-se o Rorschach efectivamente numa psicanálise aplicada, num elemento activo de relação, numa metodologia actual e sensível aos avanços da própria teoria psicanalítica. E, tendo sido a partir da inscrição nos modelos psicanalíticos que o Rorschach foi fundamentado, faz todo o sentido que seja actualizado relativamente aos progressos inscritos nestes mesmos modelos. Tendo em conta que o Rorschach é um instrumento de primordial importância na clínica, considerámos ser pertinente contribuir para o desenvolvimento de suas potencialidades, actualizando-o relativamente aos novos paradigmas que emergem no seio da teoria psicanalítica, numa tentativa de estender uma ponte comunicante entre a metodologia e a teoria, de forma a constituir-se por si só num instrumento de investigação. O Rorschach é deste modo entendido como um instrumento que permite aceder ao funcionamento do ser psicológico e à forma como são estabelecidas as trocas entre interno/ externo e, este acesso só é possível através das significações e das atribuições de sentido inerentes ao trabalho de interpretação (Marques, 1999). De um modo sucinto, as características atribuídas ao Rorschach como qualidades psíquicas a serem analisadas são aquelas que nos revelam a natureza da barreira de contacto, e por isso consideramos que o Rorschach deverá ser utilizado neste trabalho enquanto instrumento de observação e de descrição, constituindo uma via rápida de acesso às qualidades da barreira de contacto.

Centramo-nos no conceito de barreira de contacto especificado nesta investigação a partir das suas características fundamentais: a separação, a ligação e a criação – e iremos explorar nos protocolos as suas manifestações no Rorschach através de alguns procedimentos, que considerámos constituir importantes procedimentos de exploração para este estudo.

8.1. Procedimentos de análise do vector *Separação/ Barreira*:

Um dos vectores de estudo da presente investigação irá passar pela análise e descrição da função vital assegurada pela barreira de contacto *do ser barreira, de separação na sua dupla vertente – interno/ externo, sujeito/objecto e intrapsíquica*. Iremos aqui procurar descrever quais os procedimentos que nos permitem observar e caracterizar estes mecanismos através do Rorschach, nomeadamente a capacidade de separação e de diferenciação, assim como, o estabelecimento de limites entre eu/outro, entre interno/externo, entre instâncias psíquicas, consciente/inconsciente.

- Nos **Modos de Apreensão**, a sua análise irá permitir-nos conhecer a forma como o sujeito diferencia e separa o externo do interno, como distingue imaginário de realidade. O modo de apreensão refere-se à especificação da localização e do quadro perceptivo no qual a resposta emerge, refere-se assim a um continente e a um limite (Chabert, 1998). Para o estudo deste vector centrar-nos-emos na análise dos **G** que nos permitem observar as capacidades básicas dos sujeitos em separar e diferenciar interno de externo, eu de outro. O modo de apreensão em G possibilita o reconhecimento de um objecto total no seio de uma relação com o meio, permite a diferenciação entre sujeito e objecto, definição de contornos e limites. (Chabert, 1998).

Em especial os ***G Simples*** testemunham a existência de um reconhecimento mínimo entre sujeito e objecto, do reconhecimento de si num meio distintamente reconhecido como realidade externa (Chabert, 1998). Por oposição, a sua ausência pode ser sinal de uma menor capacidade de discriminação, que arrasta uma delimitação vaga.

Os *G Vagos* (F_{\pm}) e os *G Impressionistas*, podem testemunhar uma indefinição de objecto e de sujeito que se encontram numa mesma imprecisão, fruto de uma insuficiência de continente e envelope, uma abordagem do mundo que é mal delimitada (Chabert, 1998). São testemunhos da ausência de discriminação entre interno e externo, que nos poderá apontar para uma barreira com características porosas e pouco discriminatórias, de barreiras frágeis e pouco contentoras. Estas respostas denotam a sugestibilidade do sujeito, a sua permeabilidade às qualidades do material, às quais reage fortemente ao submeter-se ao seu impacto, de barreiras que não conseguem exercer as funções de pára-excitação.

Os Gbl e Dbl inscrevem-se no contexto de falha e de falta, situam-se nas orlas, contestando a firmeza dos traços e dos limites, apontando para falhas importantes na barreira, que não contém o psiquismo, nem separa os seus conteúdos.

- Nos Determinantes, iremos começar por nos centrar na análise dos *Determinantes Formais*. Os F consistem em estabelecer os limites, existindo um envelope perceptivo que desempenha o papel de membrana ou de barreira que possibilita a diferenciação entre o sujeito e o seu mundo envolvente (Chabert, 1998). Os $F+$ são testemunhas de uma delimitação efectiva entre dentro e fora, sendo o sujeito capaz de figurar um objecto e de diferenciá-lo. Por oposição, os F_{\pm} assinalam um pensamento vago que não encontra os seus limites, não conseguindo realizar separações. Os $F-$ por seu lado, apontam igualmente para o fracasso no estabelecimento de limites e de contornos, assinalam um pensamento com barreiras inoperantes.

Os *determinantes sensoriais* remetem para a sensibilidade aos estímulos externos, constituindo importantes porta-vozes da capacidade de pára-excitação (Chabert, 1998) e da capacidade de filtração das barreiras, pois remetem para a capacidade de separação e diferenciação, submetendo-se o sujeito aos estímulos externos, mas não se deixando invadir por estes.

Os C são testemunhas da atenção dispendida ao estímulo, a intervenção da cor na determinação da resposta emana antes de mais do ter em consideração as características da realidade exterior, trata-se por isso no definir um envelope perceptivo que permite situar fronteiras entre figura e fundo (Chabert, 1998). O

excesso ou a penúria de respostas C constituem o sinal de barreiras demasiado frágeis ou demasiado rígidas na delimitação do dentro e do fora. Quando as estimulações externas se tornam demasiado excitantes, as fronteiras entre Eu e Não-Eu desaparecem, expondo a fragilidade das barreiras de protecção.

Os E remetem antes de mais para a necessidade do estabelecimento de um limite, de um contorno, de um envelope, remetem para a emergência de uma certa fragilidade de identidade e de diferenciação interno/ externo (Chabert, 2000), sendo um importante índice para analisar as barreiras de contacto.

- Nos Conteúdos, considerados como continentes do conteúdo latente, demonstram um trabalho de elaboração comparável aos utilizados nos sonhos pelas operações de deslocamento, condensação e simbolização (Chabert, 1998). Existem assim determinados conteúdos, cuja ressonância latente remete para os limites, para as fronteiras, para as barreiras que por serem demasiado rígidas ou demasiado frágeis não permitem uma troca e uma comunicação, mantendo os elementos psíquicos desligados e um self fragilizado. Os conteúdos designados de *respostas pele*, ou seja, todas aquelas cujo conteúdo se refere a um envelope ou a um continente, podem tratar-se assim de respostas H (em especial de função/papel), A, Objecto, Vestuário e outros que evocam para uma superfície delimitadora entre dentro e fora. Os Hd podem traduzir ausência de integridade da imagem do corpo, uma fragmentação quando em grande número. As anatomias ou sangue, remetem para o corpo e para a sua interioridade mal guardada, pela fragilidade de um envelope que deixa ver as suas partes constituintes, pela fragilidade de um continente que deixa escapar o seu fluxo.
- No Psicograma, a análise dos elementos quantitativos dos protocolos passa pelo delineamento de um psicograma, que não é mais do que uma recapitulação dos dados obtidos no protocolo, afinal, uma síntese. Se a análise qualitativa envolve uma maior subjectividade e intuição por parte do clínico, a análise quantitativa constituiu uma armadura sólida composta por operações matemáticas que têm por finalidade inserir o sujeito numa norma, numa comparação com o padrão daquilo que é considerado a normalidade. Se por um lado, esta análise poderá ser

considerada mais rigorosa e objectiva, por outro lado, resulta num conhecimento mais superficial do sujeito (Chabert, 1998). Contudo, existem dados de relevância a destacar para o nosso estudo como a análise quantitativa dos modos de apreensão, determinantes e conteúdos. Além destes factores (já aqui descritos) é também importante a análise dos respectivos índices, tais como:

As referências socializantes de base como os *F+*, *A%*, *H%* e *Ban nos valores normativos*, são testemunhas de uma delimitação efectiva entre dentro e fora, demonstrando que está constituído um quadro que permite circunscrever a realidade externa e a realidade interna. Permitem apreender em que medida o sujeito é capaz de dar às coisas um contorno, estabelecendo fronteiras estáveis entre dentro e fora, sendo o sujeito capaz de figurar um objecto e de diferenciá-lo, existindo um envelope perceptivo que desempenha um papel de membrana ou de barreira. Por oposição, o IA (índice de angústia) expressa uma angústia mais corporal e mais primária, que remete para uma ausência de integridade corporal, logo para a ausência de um envelope, para a ausência de contenção, funções asseguradas pela barreira.

8.2. Procedimentos de análise do vector *Ligação/ Contacto*:

Outro dos vectores em estudo na presente investigação irá passar pela análise da função vital, assegurada pela barreira de contacto, de permitir o contacto, a ligação, a troca, a relação e a comunicação. Após perceber as capacidades de separação e de diferenciação dos jovens, é necessário entender como estabelecem à posteriori a mediação e a ligação entre os pólos, encontrando pontes entre as dialécticas permitindo-lhes uma coexistência. Nestes processos marcados por tendências contraditórias e conflitos intensos, há a necessidade de uma negociação incessante e mais uma vez, nos deparamos com a dualidade interno/externo, consciente/ inconsciente, eu/ outro (Marques, 1999). Iremos agora procurar descrever quais os procedimentos que nos permitem observar e caracterizar as ligações, as comunicações e as trocas entre interno/externo e entre instâncias psíquicas.

- Nos **Modos de Aprecensão**, a existência de uma barreira de contacto funcional e saudável, irá permitir encontrar estes mundos/ estes pólos claramente separados, diferenciados e delimitados, mas também unidos, ligados e comunicantes.

A análise dos **G**, permitir-nos-á observar as capacidades básicas dos sujeitos em diferenciar e separar interno de externo, eu de outro, mas simultaneamente possibilitará a observação da capacidade de os relacionar, ligar e de os manter em contacto. Uma maioria de G Simples pode evidenciar uma atitude defensiva que consiste em não se aplicar numa procura mais aprofundada, mostra o desejo de não se querer entregar (Chabert, 1998), denotando a existência de uma barreira rígida que não permite o contacto interno/externo, mantendo-os sisados.

Os **D**, quando associado a um percepto de “boa qualidade” mostra uma capacidade de inserção no real e da capacidade para controlar as percepções, constituindo um apanágio de um Ego suficiente forte que pode submeter-se à prova da realidade (Chabert, 1998), neste contexto revela igualmente a existência de barreiras funcionais que permitem a troca e a comunicação entre instâncias. Os **Dd** requerem por sua vez, uma análise semelhante aos D, referindo-se a pequenas partes do cartão.

- Nos **Determinantes**, iremos começar por nos centrar na análise dos **F** que são os porta-vozes do princípio da realidade (Chabert, 1998). Os **F-** na ordem dos 20%, assinalam a capacidade do sujeito de se enganar, de falhar, de se perturbar e de diminuir o controlo, sendo o seu aparecimento necessário. Revelam um compromisso e uma certa flexibilidade na barreira, de uma certa permeabilidade no arranjo do funcionamento mental, são janelinhas de emergências inconscientes, de representações recalcadas que permitem a troca e a comunicação intrapsíquica (Chabert, 1998). Na adolescência, além de uma crise de originalidade transitória, as falhas perceptivas sublinham o desinvestimento da realidade objectiva e do meio que põem a nu a fragilidade da imagem do corpo e da identidade.

As **Cinestésias**, **Kob** aparecem na adolescência, através da violência das forças juvenis acordadas pela liberdade, podem também servir de porta-vozes de fontes de vida rica e calorosa (Chabert, 1998), o que poderá constituir um importante factor de análise das características das barreiras, permitindo estas uma comunicação e a

expressão dos movimentos internos ou antes uma invasão destes, que desorganiza o sujeito.

As **Kan** referem-se a movimentos que não podem aplicar-se a imagens humanas, pela amplitude e/ ou resistências que suscitam – mecanismo de deslocamento (Chabert, 1998), referem-se a pulsões que encontram expressão nestas cinestésias. São assim importantes índices de análise às qualidades da barreira de contacto, pois para uma cinestesia emergir é necessário o jovem ter constituído dentro de si uma barreira que permite o contacto, a ligação, a comunicação e a criação.

- Os **Conteúdos** revelam um trabalho de elaboração comparável aos utilizados nos sonhos pelas operações de deslocamento e condensação (Chabert, 1998). A existência de conteúdos que emanam de tais mecanismos constitui um indício precioso quanto ao funcionamento do pré-consciente, o que permite exactamente a figuração de representações inconscientes e a criação de cenários fantasmáticos, ou seja, que permitem a comunicação. Os conteúdos sustentados por um conteúdo latente, servem de quadro e de continente à expressão, à ressonância fantasmática que pressupõe a existência de um espaço psíquico no qual o imaginário se pode manifestar. Pelo que, serão relevantes os conteúdos cuja ressonância latente remete para a troca e para a comunicação como os H, os A, Cena, etc. – conteúdos relevantes de processos secundários.
- O **Psicograma**, na análise deste factor iremos destacar o **TRI** que remete para as relações entre espaço externo/interno, para a vivência do sujeito e a sua ligação com o mundo objectal, permitindo perceber a predominância do investimento do sujeito na dualidade externo/interno (Chabert, 1998). Podem ser diferenciados quatro tipos de relacionamento (extroversivo; introversivo; ambigual; coartado). Esta análise do espaço interno/externo permite-nos diferenciar importantes funções da barreira de contacto como a comunicação entre pólos, analisando a sua rigidez ou porosidade ou elasticidade.

FC expressa a relação existente entre as Cinestésias Menores (kan, kob e kp) e as respostas Esbatimento, o que por sua vez nos dá acesso a uma afectividade mais tímida (Chabert, 1998). A sua análise vai no mesmo sentido do que o TRI

remetendo para os relacionamentos que o sujeito estabelece entre interno/externo, para as capacidades de comunicação e união entre pólos, sendo uma fórmula complementar a análise, espera-se que vá no mesmo sentido do TRI. Quando existe uma discrepância de sentido, é sinal da existência de um conflito interno que é necessário explicar e investigar. Esta análise evidencia a dinâmica afectiva do sujeito e a forma como se relaciona com os objectos, permitindo-nos diferenciar importantes qualidades da barreira de contacto como separação/união, as suas funções de pára-excitação e de contenção.

Recusas e Choques dão-nos conta de fenómenos internos que o sujeito não consegue transformar, de tensões que não consegue elaborar, podendo estes factores constituir indícios de uma barreira rígida, que não realiza funções importantes e fundamentais para o psiquismo como a comunicação, a ligação, o compromisso, a criação, a representação, a simbolização, estando o sujeito aprisionado por um mundo interno dominado por elementos impensáveis e por um externo meramente funcional.

8.3. Procedimentos de análise do vector *Criação*:

Por fim, outro dos vectores em estudo irá passar pela análise e descrição da função vital assegurada pela barreira de contacto de criação, ou seja, da capacidade para originar um pensamento ordenado e da possibilidade para criar símbolos. Essencialmente, procuramos aqui identificar o estado do mundo do sonho, da fantasia, da imaginação e do pensamento criativo, e a melhor via de lhes acedermos será através da forma como o sujeito cria e recria os seus relacionamentos e a si mesmo, ou seja, através da sua capacidade para manter e criar processos dialécticos, os quais iremos explorar mais à frente nesta investigação. Chegamos a um vector fundamental e a uma função mental de extrema relevância para um funcionamento psíquico saudável, sem a sua existência não é possível pensar os pensamentos, sonhar, distinguir fantasia de realidade, consciente de inconsciente. Não podemos esquecer que o sujeito psicológico nasce na relação com o outro, assim como, o pensamento criativo e a simbolização advêm das relações que o ser psicológico vivência ao longo do seu crescimento (Marques 1999). O sonho, a simbolização e a criação são processos relacionais e fomentados pelo relacional, daí a necessidade de observar a forma como o adolescente vive este relacional.

- Nos **Modos de apreensão**, a análise de **G** pode revelar mecanismos de elaboração mental que marcam as produções com o cunho da subjectividade e da criatividade, evidenciando a capacidade de pensamento interiorizado, utilizando a capacidade de diferenciação entre sujeito/imaginário, real/imaginário (Chabert, 1998). São assim importantes porta-vozes do pólo da realidade, permitindo-nos apreciar em que medida o sujeito mantém um contacto necessário com o real e analisar as características operacionais da barreira que deverá permitir este contacto, que deverá conseguir separar o externo do interno, que deverá estabelecer uma comunicação e união entre estes dois mundos, sendo o sujeito capaz de criar e transformar o externo, dando-lhe um cunho pessoal.

Os ***G Elaborados*** reflectem uma organização estruturante do engrama por uma combinação das diferentes partes da mancha. Testemunham uma operação mental dinâmica, na medida em que o sujeito não se contenta em se prender aos dados do estímulo, existindo um encontro entre percepção e projecção (Chabert, 1998). Pode pensar-se que a presença de vários G organizados é testemunho da existência de um espaço psíquico próprio e de uma interioridade efectiva, manifestando a existência de uma barreira flexível e operante. A presença de G elaborados perde parcialmente o seu valor positivo quando houver carência em G simples adaptativos, pois deste modo testemunham uma predilecção pelo mundo imaginário.

- Nos **Determinantes**, podem ser interpretados segundo dois princípios de funcionamento mental – o princípio do prazer e o da realidade, o que imediatamente nos remete para os pólos da realidade e da fantasia, pelo que, o seu estudo fornece dados importantíssimos para a análise dos processos dialécticos e dos paradoxos. Os **K** são porta-vozes das funções do ego, das relações entre interno/externo, consciente/inconsciente, ego/id, exercendo um papel mediador entre as exigências pulsionais e os constrangimentos externos. Quando uma cinestesia é sustentada por um percepto de boa qualidade organiza-se um compromisso harmonioso, um equilíbrio entre mecanismos perceptivos e a expressão do imaginário (Chabert, 1998). Constituem o protótipo do produto transitivo, da barreira de contacto, o paradoxo é levado ao extremo na dupla pertença das imagens à realidade e à ilusão.

Testemunham a conduta de sujeitos que remodelam o material dando-lhe a marca da sua subjectividade e modificando-a. As respostas K são o testemunho do acordar das moções pulsionais, da necessidade de conciliação com a censura e ao mesmo tempo de obrigação do ter em conta a capacidade perceptiva. Quando as moções pulsionais estão integradas numa representação de relação estável, as cinestésias traduzem as capacidades do sujeito para elaborar os conflitos. Os protagonistas são diferenciados e as quantidades de energia mobilizadas são mais ou menos fortes, pode haver incómodo mas não há desorganização. Neste contexto, os K tomam significados de interiorização de capacidades de metabolização.

- **Processos Secundários** são as manifestações da realidade interna num nível mais evoluído e elaborado, onde predomina a simbolização e a criação. Quando um sujeito consegue transformar em palavras a impressão sensorial percebida e quando essa palavra-conceito merece a designação de símbolo, isto é, quando existe capacidade de criação de um novo objecto, torna-se patente a actividade de situar, separar e ligar os objectos do eu, entre realidade externa e interna – actividade por excelência da barreira de contacto. Todos os cartões Rorschach contêm uma matriz que funda a solicitação simbólica, um conflito básico, a resposta que o sujeito dá, irá revelar o nível de interiorização e de integração das imagos parentais (femininas e masculinas), da qualidade dos relacionamentos.

Em cada cartão existem diversos níveis de construção do eu face ao externo, face ao relacional e, cada sujeito reage e expressa o tipo de conflitualização e de integração quando dá uma resposta. Cada resposta deve ser encarada como um compromisso possível, a cada momento, a cada cartão, entre a expressão da vivência do sujeito e a natureza da sua relação com o mundo (Marques, 1999). O sujeito constrói uma narrativa de um Eu que revela fragilidades e potencialidades desde um nível mais regressivo a um nível mais evoluído, em que há distinção e diferenciação, em que há um processo criativo. Em primeiro plano, aparece o nível de integração fantasmática do casal parental combinado, secundariamente aparece a expressão da diferenciação de sexos e de gerações. Assim, a percepção das manchas deve ser considerada como um trabalho activo e criativo que compromete

o sujeito e o objecto em movimentos e em relações com a marca da contenção, da relação dinâmica contiente-conteúdo.

Por outro lado, nos processos secundários encontramos as manifestações da realidade interna num nível mais evoluído e elaborado, onde predomina a simbolização e a criação. Descobrimos estes processos através dos procedimentos que revelam o encontro entre o projectivo e o perceptivo como as cinestésias e as respostas cor, os G elaborados, nos conteúdos com valência sexual (mas na ordem já da castração) e agressivos (lanças, totens, etc.), conteúdos que revelam já uma capacidade de simbolização. Assim como, através de determinados mecanismos de defesa como a denegação, a sublimação, o deslocamento, as formações reactivas e o recalçamento. Constituindo fundamentais indícios da predominância de elementos alfa e do pensamento simbolizado.

8.4. Procedimentos de análise dos *Processos Dialécticos*:

Anteriormente, procurámos identificar o estado do mundo do sonho, da fantasia, da imaginação e do pensamento criativo (*vector criação*) e a melhor forma de lhes acedermos é através da forma como o sujeito cria e recria os seus relacionamentos e a si mesmo, ou seja, através da sua capacidade para manter processos dialécticos. A existência de uma barreira de contacto funcional e saudável, permitirá encontrar os pólos da realidade/ da fantasia claramente separados, diferenciados e delimitados, mas também unidos, ligados e comunicantes. Quando o funcionamento psíquico não é capaz de aceitar as oposições inerentes aos processos dialécticos, as dialécticas irão surgir com algumas limitações e, a psicopatologia da simbolização é baseada em formas específicas de fracasso para criar ou manter estas dialécticas (Ogden, 1985), que por sua vez irão apontar para falhas na constituição de barreira de contacto que não permite a comunicação, a ligação, a criação.

É nosso objectivo identificar os momentos e os movimentos que nos dão conta desses processos dialécticos, descrever os modos como o sujeito se aproxima da (pólo) realidade e da (pólo) fantasia e, como as aproxima entre si no processo criativo de elaboração da resposta. Partindo da noção simbólica descrita por Ogden (1985) e da resposta Rorschach enunciada sob a forma de uma imagem conceito (Chabert, 1998) – procuraremos aceder às potencialidades da comunicação e de representação destes sujeitos através do Rorschach.

Deste modo, focalizamos o presente estudo nos modos de relação e de mobilização entre a realidade e a fantasia, ou seja, nos processos psicológicos que criam condições para que sejam atribuídos significados às experiências dos indivíduos.

- Pólo da Realidade:

No Rorschach, o pólo da realidade traduz-se essencialmente através da utilização de elementos que reflectem a tentativa do sujeito em se prender à percepção e ao objectivo. Este pólo testemunha um funcionamento corrente e necessário, que consiste em apreender a realidade o mais próximo possível do seu contorno formal e afastando as emergências fantasmáticas (Chabert, 1998).

- **Respostas G** testemunham uma apreensão objectiva da mancha, enfatizando o quadro perceptivo, numa abordagem do cartão através de uma leitura bastante fácil, principalmente quando estão associados a **respostas banais**. A sua presença é necessária para testemunhar a existência de uma adaptação de base, de uma capacidade para abordar o mundo socializado.
- **Respostas D** quando consistem em limitar as partes da mancha mais restritas deveriam permitir um melhor controlo perceptivo, o D F+ revela as capacidades de inserção no real e do controlo das percepções. Testemunha a presença de um Ego suficientemente forte que pode submeter-se à prova de realidade.
- **Respostas Formais** remetem para a identificação perceptiva de um engrama, num movimento de adaptação realista e operante na medida do possível. Os F% e F+% e Fa+% na norma supõem uma obediência de base à instrução, ao princípio da realidade.
- **Respostas Banais** testemunham a pertença a um determinado grupo face à sua prevalência e proximidade a um real facilmente discriminado e identificado, assinalando a qualidade perceptiva radicada na realidade.

- Pólo da Fantasia:

Este pólo caracteriza-se pela predominância de emergências fantasmáticas e de pulsões internas, que expressam o dinamismo psíquico e os conflitos internos do sujeito, são testemunhos do mundo interno imaginário e fantasmático e inconsciente (Chabert, 1998).

- ***G indefinidos*** mostram a sugestibilidade do sujeito, a sua permeabilidade às qualidades do material, às quais reage fortemente ao submeter-se ao seu impacto a ponto de descurar o quadro perceptivo.
- ***D*** podem ser portadores de manifestações pulsionais quando o controlo perceptivo é de má qualidade, havendo uma submissão desorganizante às moções projectivas pulsionais e fantasmáticas. Os ***D*** quando associados aos determinantes sensoriais puros tornam-se num lugar de expressão projectiva do sujeito e perdem a sua conotação adaptativa e socializada.
- ***Dd*** podem testemunhar um modo de pensamento muito particular, original ou delirante. Uma grande quantidade de ***Dd*** não permite um controlo, assistindo-se a uma invasão que se traduz por uma compulsão de repetição que evidencia a perda de contacto com o real.
- Os ***F-*** ou um ***número de resposta F insuficiente*** podem evocar uma utilização inoperante da prova da realidade, fazendo-se acompanhar de uma relação ao real cujos assentos são frágeis, precários e ineficazes para permitirem o apoio das funções adaptativas. Podendo haver a emergência desenfreada de movimentos pulsionais ou o aparecimento de uma fantasmática que marca o insucesso da secundarização e a invasão pelos processos primários.
- As ***respostas sensoriais*** nem sempre são sinónimas de perda de controlo ou de invasão pelos afectos, mas quando o impacto dos cartões é muito violento põe em evidência as falhas de pára-excitação, surgindo respostas sensoriais puras. A reactividade à cor pode suscitar emergências pulsionais em processo primário cujos efeitos desorganizantes são patentes.

- As *respostas Hd* e *Anat* de um modo geral, remetem para uma invasão dos movimentos projectivos e fantasmáticos. Podem tomar uma conotação mais mórbida quando estão associadas a formas arbitrárias ou/ e quando, por outro lado, elas não são acompanhadas de respostas humanas inteiras. Os membros cortados, os corpos truncados, feridos e amputados são tantas outras traduções do sentimento de desintegração corporal.
- As *representações humanas imaginárias (H)* remetem para personagens míticas ou irreais. O seu aparecimento não é em si inquietante, podendo estar integrados numa vida imaginária rica de fantasia. Mas se constituir o essencial da percentagem de respostas humanas, indicia um refugio num mundo cortado da realidade, refúgio onde reina o irreal e o delírio.
- Os *conteúdos com valência agressiva ou sexual* são por excelência manifestações do mundo interno e fantasmático dos sujeitos. Por vezes, podem estar relacionados com dificuldades no manejo da agressividade, que se revela pela impossibilidade de conflitualizar os cenários relacionais. Evidenciam o retorno do recalçado através do deslocamento e da projecção das moções agressivas sobre objectos ou pormenores, permitindo a evocação de elementos inanimados cuja dimensão simbólica, agressiva, cortante e contundente é transparente.

Tendo em conta a teoria da função simbólica evocada por Ogden (1985), iremos agora focalizar o presente estudo nos modos de relação dos processos dialécticos entre a realidade e a fantasia.

1. Pólo da fantasia predomina sobre o pólo da realidade: o jogo que se estabelece entre fantasia e realidade, a relação com a fantasia acaba por ser mais forte. Neste caso, o sujeito vai mobilizar processos internos com mais facilidade perante uma realidade externa, mas não a exclui, a fantasia é sim um meio para o sujeito se relacionar com a realidade.

9. ANÁLISE DE PROTOCOLOS RORSCHACH

Análise de Protocolos

Ao longo deste trabalho tentámos dar corpo e aplicar as concepções apresentadas, num esforço para renovar as formas de utilizar o Rorschach. Um dos objectivos da presente tese é proceder a uma modificação na forma como os instrumentos devem ser concebidos e usados numa lógica de convergência com os modelos teóricos. Dado que a psicologia clínica tem procurado afirmar a sua especificidade através da especialização do método, deverá melhorar os instrumentos de que dispõe para construir um conhecimento mais próximo e mais adequado sobre o seu objecto de estudo (Marques, 1999).

A utilização do Rorschach neste trabalho prende-se com a procura de elementos de comunicação e de transformação patentes no instrumento, e assim, esta procura fez-se, essencialmente, através de duas dimensões. Em primeiro lugar, através da análise de elementos da cotação que na variação da sua intensidade nos indicam uma maior ou menor capacidade ou dificuldade por parte do sujeito em construir-se na narrativa. Em segundo lugar, procuraremos fazer uma análise mais geral do protocolo Rorschach retomando as referências teóricas de Ogden (1985) relativas aos diferentes modos de relação e mobilização da realidade e da fantasia recorrendo simultaneamente, a uma análise da linguagem mais expressiva dos movimentos do sujeito na situação projectiva. Em termos gerais, o nosso trabalho visa compreender como se processa no sujeito a dialéctica entre a fantasia e a realidade, na procura de atribuição de significado à experiência tendo em conta factores como a ligação e a diferenciação entre externo e interno, entre sujeito e objecto. No decorrer da análise dos protocolos iremos procurar seguir o modelo de construção do conhecimento descrito por Marques (1999), percorrendo as seguintes fases: primeiro observar e descrever; seguidamente ligar os elementos destacados, estabelecendo relações e significações entre esses elementos; e por fim simbolizar para os transformar, isto é, dar-lhes outro sentido de modo a aumentar o conhecimento.

Desta forma, iremos começar por analisar os conteúdos formais dos protocolos, através da análise de psicogramas, para seguidamente realizar uma análise mais subjectiva ao conteúdo latente das respostas nestes protocolos. Esta primeira análise será sintetizada através da reunião dos *traços salientes*, análise realizada por cartão Rorschach e diferenciada pelos dois grupos de estudo – o grupo de jovens púberes e de jovens adolescentes. Seguidamente, após destacar os traços salientes encontrados nos protocolos, analisaremos as características da *barreira de contacto* nestes jovens, sendo este processo auxiliado por uma grelha de análise por nós criada. Neste contexto, iremos considerar os vários elementos de cotação dos protocolos Rorschach destacados neste estudo como procedimentos de análise, e iremos contabilizá-los na *grelha de análise*. Esta grelha visa sintetizar os procedimentos e proporcionar uma análise mais sistemática da barreira de contacto por eixo de análise (separação, ligação, criação e processos dialécticos). Posteriormente, será necessário reunir, e para isso iremos apresentar um *quadro síntese* que irá congrega as principais características encontradas neste estudo para descrever a barreira de contacto por eixo de análise, evidenciando as diferenças entre adolescentes e púberes. E, por fim é fundamental ligar e simbolizar para poder acrescentar sentido aos protocolos e poder analisar tanto as características, como as funções asseguradas pelas barreiras de contacto neste período de desenvolvimento, sendo esta análise apresentada na *discussão de resultados*.

9.1. Traços Salientes nos Jovens Pubertários:

- Cartão 1,

No Feminino, aparece com alguma frequência as banalidades animais neste cartão (50%), o que denota a predominância de uma conduta passiva e adaptativa por parte das jovens na entrada da situação projectiva. Todas as respostas dadas são de boa qualidade perceptiva, recorrendo sempre à forma na elaboração do percepto, aparecendo uma única vez a sensibilidade ao negro e maioritariamente a uma apreensão global da mancha. Podemos considerar que as jovens recorrem a mecanismos adaptativos, que denotam uma boa inserção no real ainda que de superfície e passiva. Encontramos na nossa amostra somente uma resposta activa (1 cinestesia humana).

No Masculino, encontramos manifestações muito semelhantes às do feminino, mas menos diversificadas. Assim, todas as respostas sem excepção foram apreendidas no global (G) da mancha e com base na forma de boa qualidade perceptiva (F+), sendo os conteúdos dominados por borboletas e animais alados (A), na maioria banalidades (Ban). Observamos assim um menor investimento projectivo e uma colagem ao real, ao superficial, contudo denota ainda que de forma tímida alguns conteúdos de teor agressivo (aranha e vampiro).

- Cartão 2,

No Feminino, mais uma vez predominam as apreensões globais da mancha, contudo aparecem já de forma determinante algumas sensibilidades ao branco (Gbl) e uma resposta detalhe. Neste segundo cartão, a boa forma continua a dominar a elaboração da resposta, aparecendo somente uma derrapagem (F-) e uma sensibilidade à cor, mas já é mais frequente o surgimento de cinestésias humanas, o que denota uma maior originalidade e implicação das jovens neste cartão, indo estas de encontro ao seu conteúdo latente. As figuras humanas ainda não estão diferenciadas quanto ao género e aparecerem em espelho, em postura aberta para a comunicação (mãos juntas). Quando se passa para os conteúdos animais, já observamos um maior impacto das pulsões, aparecendo a sensibilidade ao vermelho, o que evidencia alguma dificuldade subjacente em elaborar as pulsões, contudo não se trata da norma.

No Masculino, encontramos algumas diferenças essencialmente por aparecer uma maior expressão da agressividade nos conteúdos animais, aparecendo animais com alguma perigosidade, mesmo no seio das relações. Aparecem assim com maior frequência as respostas detalhe, a forma continua a predominar a elaboração dos perceptos, apresentando já algumas derrapagens perceptivas mais frequentemente, estando este grupo mais susceptível ao impacto das pulsões.

- Cartão 3,

No Feminino, aparece pela primeira vez um maior número de respostas por cartão, denotando um maior investimento neste cartão, suscitando nas jovens um maior número de imagens, quer sejam globais, quer detalhe. Aparecem assim predominantemente figuras humanas (K), ainda indiferenciadas quanto ao sexo, em relação ainda que predominantemente funcional, o que poderá apontar para dificuldades referentes à identificação e à tomada de posição numa relação. Surgem também com alguma frequência conteúdos objectos, em especial na interpretação dos vermelhos, o que lhe retira alguma energia pulsional, desvitalizando-os. Em todos as jovens aparecem respostas banais, isto devido à proximidade real do estímulo.

No Masculino, aparecem igualmente as banalidades através dos conteúdos humanos em relação maioritariamente funcional sendo estes, na maior parte das vezes e num segundo momento, já diferenciados sexualmente o que aponta já para uma tomada de posição identificatória. Surgem em igual expressão a apreensão global e detalhe da mancha, a forma continua a determinar a resposta, aparecem também com forte expressão as cinestésias (K). Também se revelam com maior expressão as imagens animais carapaça, pondo por vezes em causa a boa qualidade formal. Constatamos também a ocorrência de diversas observações com tonalidade negativa, na forma de críticas e de desagrado.

- Cartão 4,

No Feminino, os perceptos são maioritariamente imagens de monstros, surgindo frequentemente as respostas Clob, apresentando uma tonalidade negativa, adoptando as jovens uma conduta de submissão face à solicitação de potência, todavia estas

imagens de potência são facilmente desqualificadas (pequeninas, sem cabeça). Aparecem também interpretações do pormenor fálico e de manifestações de castração, sendo estas vivenciadas com angústia. Os modos de apreensão são todos G, de conteúdo H, aparece somente um A (dinossauro) que remete para uma afastamento do sentimento de ameaça. Quanto aos determinantes a forma impera, acompanhado pelos Clob, seguidos das cinestésias (K), o que aponta para uma tentativa de tomada de posição activa.

No Masculino, observamos predominantemente uma retirada do sentimento de ameaça, de autoridade e de potência, aparecendo frequentemente imagens relacionadas com o fálico, contudo este é acompanhado de desvitalizações e desqualificações, observamos deste modo, condutas diversas quer de passividade quer de retirada. Existindo uma grande sensibilidade aos pormenores fálicos da mancha (pés grandes, pescoço, cauda). As respostas em G predominam, aparecendo somente uma D que evidencia uma tentativa de fuga ao conteúdo latente do cartão, os determinantes são sempre formais, surgem algumas respostas de má qualidade e uma resposta Clob, o que nos aponta para o impacto desorganizador deste cartão com os jovens.

- Cartão 5,

No Feminino, surgem como esperado as respostas banais de boa qualidade perceptiva. Face à proximidade real deste estímulo, as respostas são bastante homogéneas (borboletas e morcegos), imperam assim as respostas em G, de boa qualidade perceptiva, de conteúdo animal, na grande maioria banalidades. Contudo, surge uma excepção neste cartão, o de uma jovem que não consegue aceder a uma imagem banal, dando uma resposta em D, centrando-se no eixo da imagem, o que denota a necessidade de investimento na representação de si e de integridade corporal. É de notar contudo, a referência de alguns jovens a partes deformadas do percepto, o que deverá remeter para fragilidades no estabelecimento da individualidade denotando já algumas inquietações.

No Masculino, surgem igualmente em grande número as banalidades (morcegos e borboletas), a maioria dos jovens interpretou este cartão sem grande implicação projectiva, observamos antes uma colagem à realidade objectiva do cartão. Assim, imperam as respostas globais, determinadas pela forma (F+), os conteúdos animais e

as banalidades, não apresentando este cartão tensões, nem inquietações neste grupo de jovens. É de notar que num dos protocolos, observamos contrariamente aos outros, uma acentuada angústia, dando várias respostas neste cartão, em especial em D, denotando alguma inquietude na representação de si, que aparece ameaçada por um sentimento de desintegridade, surgindo imagens pertencentes ao reino animal com características e partes humanas, o que denota uma importante confusão identificatória.

- Cartão 6,

No Feminino, surgem predominantemente as respostas G, dominadas pelo carácter formal da mancha, de boa qualidade perceptiva, aparece somente uma resposta imprecisa, não se observando o envolvimento de outros determinantes, geralmente de conteúdo animal, ocorre somente um conteúdo objecto. Na maioria são imagens passivas, sem grande originalidade (gatos, peles), mas marcadas pela tonalidade da falta/ castração. A dimensão fálica sobressai, sendo este o pormenor mais interpretado no qual emerge a resposta, aparecem ainda algumas interpretações do pormenor feminino.

No Masculino, aparece pela primeira vez um maior número de respostas neste cartão, existem também maiores dificuldades na sua interpretação, sendo este vivenciado com alguma angústia, contudo sem nunca perder o controlo. Os pormenores fálicos aparecem com destaque, sobressaindo quer temáticas de castração, quer de sobreinvestimento fálico. Os determinantes esbatimento aparecem igualmente, associados ao controlo formal de boa qualidade, não existe desorganização formal. Observamos também um grande número de respostas detalhe, associadas à interpretação do pormenor fálico predominante neste cartão. Apesar dos conteúdos serem na maioria animal, conteúdos esperados neste cartão, aparecem igualmente sobreinvestimento em pormenores como bigodes, pescoços, rabos e, aparecem também algumas observações subjectivas e pessoais, que denotam mal-estar e inquietação relacionado com as solicitações simbólicas deste cartão.

- *Cartão 7,*

No Feminino, predominam as respostas de apreensão global encenando figuras humanas em postura ou em menor número figuras animais, surgindo somente uma resposta formal de má qualidade perceptiva (F-). Dominam os determinantes cinestésicos respostas (K e kan), as cinestésias humanas são essencialmente de postura, de intenção de relação, enquanto que as cinestésias animais aparecem em cenários investidos pela acção (descer). As figuras humanas são sempre identificadas no feminino indo ao encontro do conteúdo latente, contudo esta imagem é vivida com alguma angústia, aparecendo corpos virados ao contrário, figuras esquisitas e enroladas. A relação em si aparece indiferenciada, num movimento de espelho e de duplo, sobressaindo um retraimento narcísico expresso nas figuras de costas. O deslocamento para imagens animais faz insurgir um movimento defensivo de afastamento das solicitações para conteúdos menos carregados e mais banalizados, ou faz emergir imagens que derrapam formalmente, arrastando a desorganização.

No Masculino, observamos uma maior dificuldade em aceder ao conteúdo latente neste cartão, observando-se a fuga para a interpretação de pequenos detalhes da mancha, havendo uma maioria de respostas D e dá-se inclusive uma recusa neste cartão. Não aparecem figuras humanas, sendo predominante o deslocamento para conteúdos animais que são dotados de movimento (kan). Observa-se igualmente um movimento defensivo de afastamento das solicitações, surgindo conteúdos menos carregados e mais banalizados ou então emergem imagens que derrapam formalmente. Tudo aponta para uma problemática ainda não mentalizada e não elaborada, surgindo outras temáticas e não relacionadas directamente com o conteúdo latente deste cartão.

- *Cartão 8,*

No Feminino, aparece conseqüentemente um aumento significativo do número de respostas por cartão e uma maior influência de determinantes sensoriais. Existem predominantemente as respostas detalhe, surgindo os primeiros e poucos Dd. Apesar de se observar um maior envolvimento de determinantes sensoriais, predominam os formais, quer puros, quer associados e aparece em maior número os derrapes perceptivos. Nos conteúdos predominam os animais, observa-se uma maior diversidade aparecendo conteúdos objectos, vestuário e abstractos, indo de encontro

com as solicitações mais regressivas solicitadas por este cartão, há no entanto também uma maior encenação dos perceptos, sendo as várias partes desta mancha colocadas em relação. Todos os protocolos confluem na banalidade, o que denota a existência de movimentos adaptativos.

No Masculino, o número de respostas é significativamente superior ao dos cartões anteriores, evidenciando o forte impacto que o cartão tem neste grupo. Contudo, não é ainda acompanhado de um aumento nos determinantes sensoriais, contrariamente ao que seria esperado, aparecem somente determinantes formais e duas cinestésias (K e kan) e uma maior diversidade nos conteúdos (A, Ad, Geo, H, Hd, Vest). Observamos uma perda de controlo formal neste cartão, apesar de todos os jovens interpretarem a banalidade num primeiro impacto, à medida que pesquisam a mancha, a perda de controlo é inevitável, o que denota uma maior dificuldade em elaborar as solicitações latentes deste cartão, em especial no que se refere aos movimentos regressivos aqui induzidos. Deste modo, constatamos que numa primeira abordagem os jovens refugiam-se em posições passivas e adaptativas, pela interpretação das banalidades.

- Cartão 9,

No Feminino, observamos uma redução do número de respostas comparativamente ao cartão anterior, contudo são numerosas e diversificadas, surgindo problemáticas específicas. Surgem com acentuada incidência respostas com inclusão do branco (Gbl e Dbl), o que nos poderá remeter para sentimentos de incompletude, de falta, de vazio, em que é necessário investir e por vezes mesmo objectualizar, para colmatar estas fragilidades. Aparece significativamente um maior envolvimento dos determinantes sensoriais, em especial os cor, o que denota uma grande sugestibilidade das jovens a este estímulo, contudo a qualidade formal dos perceptos é posta em causa (F- e F±). Encontramos assim uma variedade de conteúdos, desde humanos irreais, partes humanas, animais, objectos, elementos e vestuário. A expressão dos conflitos é diversa e a tonalidade que toma também é variada, aparece frequentemente uma temática ancestral e regressiva, sendo o sentimento de integridade posto à prova.

No Masculino, as reacções também são diversas, havendo um grande número de respostas por cartão. A abordagem neste cartão é essencialmente em detalhe, aparecem algumas sensibilidades ao branco (Dbl e Gbl), mas com menos frequência do que no

grupo feminino e aparece uma abordagem Dd. Surgem pela primeira vez as cinestésias de objecto (kob) e aparecem os determinantes sensoriais predominantes (C e CF), conseqüentemente a qualidade formal decresce (F- e F±). Apesar de haver quase sempre um controlo formal, este por vezes derrapa surgindo respostas de má qualidade perceptivas ou sensoriais puras. Encontramos também uma grande variedade de conteúdos (A, Ad, H, Obj, Nat, Elem, etc), contudo aparecem lado a lado temáticas regressivas, arcaicas com temáticas ameaçadoras e agressivas.

- Cartão 10,

No Feminino, encontramos notoriamente um aumento significativo do número de respostas por cartão, o que nos remete para a necessidade de colmatar a ruptura, prolongando a relação e verbalizando tudo aquilo que ficou por expressar, numa última tentativa de reparação. Desta forma, as temáticas encontradas são variadíssimas, desde conteúdos regressivos, infantilizados, agressivos, ameaçadores, integrativos e relacionais. Não é fácil delimitar uma temática, a apreensão é sempre em detalhe (D), aparece um pequeno detalhe (Dd) e uma sensibilidade ao branco (Dbl). Os determinantes são também na grande maioria formais, aparecendo somente uma cinestésia (kan) e fraca expressão dos determinantes sensoriais, contudo a qualidade perceptiva é fortemente atacada (F-). A dispersão evocada por este cartão, remete essencialmente para a necessidade de integração e aqui constatamos as dificuldades das jovens em realizar esta operação mental, observamos assim a evocação significativa de elementos regressivos como fundos marinhos, elementos, etc. Se por um lado as jovens são capazes de realizar com alguma aparente facilidade movimentos regressivos, estes são preponderantemente angustiantes, primários e destabilizadores, pondo a descoberto as fragilidades relacionais e identificatórias das jovens.

No Masculino, encontramos uma atitude diferente perante o fim da relação projectiva, sendo esta vivida com menor angústia, apesar do número de respostas ser também numeroso, não se encontra uma diferença significativa relativamente ao cartão anterior. É de notar que os conteúdos são mais homogêneos, preponderando os conteúdos animais, aparecendo de forma pouco expressiva outros conteúdos (H, Hd e Exp). Esta homogeneidade estará relacionada com a supremacia do deslocamento da representação de si e das relações para os conteúdos animais, sendo estes aqui

encenados de uma forma menos angustiante e menos ameaçadora para a estabilidade dos jovens. Assim, são pouco frequentes os derrapes perceptivos, preponderando as respostas de boa qualidade perceptiva (F+) e as cinestésias (K, kan e kob), o que por sua vez denota uma tomada de posição mais activa e mais dominante do estímulo, sendo estas temperadas com uma dose adequada de banalidades. Deste modo, concluímos que os rapazes têm uma maior dificuldade em aceder e se envolver nas solicitações regressivas do cartão, contudo acabam por lhes aceder de uma forma menos directa, conseqüentemente, menos angustiante e menos destabilizadora, conseguindo elaborar e integrar de forma mais positiva os movimentos regressivos. Todavia, aparecem igualmente importantes fragilidades relacionais e identificatórias neste grupo de jovens.

- Síntese dos Traços Salientes,

No grupo de jovens púberes aqui estudados, evidencia-se imediatamente um funcionamento mental móbil, diversificado, intenso, diríamos que em construção e em confusão. Apesar de terem sido detectadas algumas nuances entre os rapazes e as raparigas, encontramos vários pontos comuns, que reflectem o estágio de desenvolvimento em que se encontram e as questões básicas organizativas do funcionamento mental dos jovens. Observa-se constantemente alternâncias entre posições defensivas e o deixar-se ir, deixando-se os jovens envolver-se pelo material. A problemática dominante é indubitavelmente a representação de si, a construção de uma identidade sólida. Deste modo, encontramos um forte investimento nos determinantes formais, contudo a sua qualidade perceptiva é frequentemente posta em causa, numa busca activa de estabelecimento de limites, num investimento maciço numa procura de uma imagem corporal e física íntegra.

Nas raparigas, encontrámos uma maior necessidade de expressão o que se traduz no geral por um maior número de respostas por cartão, uma maior exuberância, condutas mais diversificadas, salientando-se um funcionamento mental e fantasmático mais rico com mais cinestésias (K, kan e kob). As raparigas perante figuras de autoridade e potência apresentam uma conduta mais passiva e adaptativa, apresentam no entanto uma maior susceptibilidade e vulnerabilidade às solicitações regressivas dos cartões pastel. Nos rapazes, a necessidade de expressão mantém-se, contudo apresenta

características ligeiramente menos intensas do que as raparigas, com excepção de um dos protocolos que apresenta características muito específicas. No geral, existe uma maior necessidade de investimento nos limites – ego-pele, uma maior susceptibilidade às solicitações primitivas, aos vermelhos, aparecem conteúdos mais agressivos, ameaçadores resultantes de uma forte tensão interna. Surge uma maior necessidade de desafiar figuras de autoridade, contudo aparecem mais deslocamentos para conteúdos animais, uma extrema sensibilidade às solicitações fálicas, sendo as suas respostas marcadas pela insegurança.

Na análise do psicograma salientam-se alguns traços específicos, nomeadamente o número de respostas médio por protocolo é ligeiramente inferior aos dados normativos esperados. Estas características devem-se essencialmente à predominância das respostas globais nos protocolos, dando os jovens somente uma resposta por cartão nos cartões compactos, todavia, observa-se um aumento significativo de respostas com a introdução dos cartões com cor. A diversidade de determinantes não é uma característica nestes protocolos, raramente aparecem esbatimentos, o envolvimento da cor não é muito significativa e ocorrem somente alguns Clob, essencialmente os esperados no cartão IV e, quando aparecem estes determinantes são quase sempre dominados pelo aspecto formal, sendo esta predominância a que mais se destaca. Apesar da contribuição dos determinantes sensoriais não ser muito significativa neste grupo, observa-se a utilização frequente de cinestésias (K, Kan), surgindo neste grupo já as cinestésias objecto (kob), o que vem enriquecer significativamente estes protocolos, evidenciando características de mobilidade e diversidade mental.

No geral, os protocolos são dominados por determinantes formais, sendo a intensidade das pulsões saliente nas frequentes derrapagens formais dos engramas. Observamos ainda alguma sensibilidade ao pormenores brancos, surgindo numerosos Gbl, que denotam o sentimento de incompletude, de falha que é necessário preencher e objectualizar a todo custo. Por fim, encontramos uma característica fundamental nestes protocolos, a predominância exacerbada dos conteúdos animais e a fraca expressão dos conteúdos humanos, e quando estes últimos aparecem são regra geral figuras irreais e para-humanas. A forte expressão dos conteúdos animais deve-se essencialmente a uma importante imaturidade, característica de funcionamentos mais infantis (deslocamento).

9.2. Traços Salientes nos Jovens Adolescentes:

- Cartão 1,

No Feminino, aparece em geral uma resposta por cartão nos vários protocolos, somente num protocolo aparecem duas respostas, respectivamente as únicas respostas detalhe encontradas neste cartão. Evidenciam-se as comuns respostas adaptativas, respostas banais e passivas, de apreensão global, determinante formal sempre de boa qualidade, de conteúdo animal e frequentemente ban, aparecem assim as borboletas e os morcegos. Os comentários das jovens denotam contudo algum mal-estar insurgido por este cartão, são assim remetidos para alguns aspectos de desidealização, do anti-narciso (murcha, feio) assim como, a infantilização dos adjectivos (olhinhos, pequeninos), sendo inclusive num protocolo valorizados aspectos defensivos e ameaçadores da imagem, ainda que de forma muito tímida. Evidenciam-se defesas da entrada na situação projectiva, refugiando-se nas banalidades e no não envolvimento no engrama.

No Masculino, aparece já um maior número de respostas neste cartão, cerca de 2 respostas por protocolo. A entrada na situação projectiva também denota uma conduta bem diferente do grupo anterior, remetendo de imediato para uma extrema sensibilidade ao branco. Deste modo, predominam os Gbl, quer numa inclusão do branco na imagem, como numa inversão de figura fundo, o que nos remete para um forte sentimento de falta e de vazio, que inquieta este grupo de jovens. Aparecem assim diferentes conteúdos (obj, masc) e menos banalidades, o que evidencia uma conduta menos defensiva e menos superficial. Apesar das solicitações projectivas de incompletude, o controlo formal mantém-se sempre de boa qualidade, não existe perda de controlo.

- Cartão 2,

No Feminino, aparece em geral uma resposta por cartão nos vários protocolos, somente num protocolo aparecem duas respostas. Neste cartão existe uma enorme susceptibilidade ao branco, praticamente todas as respostas são Gbl, o que denota uma conduta comum nas raparigas de apreender este cartão como uma mancha compacta e não bilateral, não conseguindo elaborar relações e separações neste cartão. Por um

lado, observa-se uma tentativa de unificação da mancha a todo custo, tentativa que aparece representada nestes Gbl e que acabam por derrapar no controlo formal, emergindo assim uma maioria de respostas de má qualidade formal (F-). Somente uma das jovens elabora uma resposta relacional em D, numa cinestesia de postura e abertura comunicativa, conseguindo construir minimamente a presença do relacional face ao pulsional, contudo não é a norma.

No Masculino, verifica-se o mesmo tipo de respostas, contudo com menor expressão. Aparecem assim os Gbl de má qualidade formal e de conteúdo animal (borboletas), se por um lado reflectem a sensibilidade ao branco que remete para carências primárias e sentimentos de vazio, por outro lado constituem essencialmente condutas defensivas num recusar o carácter bilateral da mancha, não conseguindo elaborar o relacional face ao pulsional, aparecendo assim características perseverantes do cartão precedente. Contudo, o mais comum neste grupo é contabilizar-se cerca de duas respostas por cartão, apreendidas em detalhe, sem aparecer o relacional, assim persistem conteúdos animais e outros (vest, anat) que denotam a angústia sentida face às pulsões primárias, sendo a má qualidade formal também a norma, aparece igualmente um maior envolvimento dos determinantes cor.

- Cartão 3,

No Feminino, aumenta o número de respostas por cartão e aparecem as representações humanas. Aparecem assim as respostas globais cinestésicas (K), banalidades neste cartão, ainda que sejam essencialmente cinestesias de postura e aparecem as identificações sexuais dos perceptos, ainda que sejam algo estereotipadas (ex. lavar roupa. Por outro lado, surgem perceptos significativos da incapacidade em aceder a esta representação, que constituem indícios de questões identidárias não resolvidas e de tomadas de posição identificatórias não concretizadas. O vermelho já é interpretado, quer seja de forma abrupta numa resposta cor pura (sangue), quer de forma mais elaborada e com controlo formal (candeeiros), o que denotam condutas distintas de processos primários, a primeira, e de processos secundários, a segunda. Volta a surgir a mesma conduta defensiva e a mesma sensibilidade ao branco, ainda que com menor expressão do que no cartão anterior. Surgem algumas respostas Gbl, de má qualidade formal e de conteúdo animal, apresentando uma acentuada

inadequação ao estímulo e às suas solicitações, o que denota a dificuldade inerte em elaborar o mundo relacional e identificatório.

No Masculino, aparecem condutas diferentes, em especial no que respeita ao evitamento da representação humana, que raramente é evocada. Aparece assim um elevado número de respostas de má qualidade formal e de conteúdos variados (anat, vest, Hd), sendo os mais frequentes animais. Observamos uma acentuada dificuldade em elaborar o conteúdo latente, que nos remete como já referimos para o relacional e para a identificação. Aparecem igualmente as cinestesisas (K, kan e kob), que denotam processos mais elaborados e activos.

- *Cartão 4,*

No Feminino, evidenciam-se as condutas adaptativas e as tomadas de posição passivas. As respostas são escassas, uma por protocolo, sempre na apreensão global, não sendo a mancha explorada e não sendo investida nas suas solicitações latentes. Proliferam os conteúdos animal e os determinantes formais, sempre de boa qualidade, aparece somente uma forma imprecisa, que corresponde a uma tonalidade negativa suscitada pelo cartão e a extrema dificuldade em criar e elaborar o seu conteúdo. Encontramos somente uma figura humana irreal, um gigante (resposta comum neste cartão), sendo também a única resposta com determinante Clob associado.

No Masculino, aparece uma conduta muito semelhante, evidenciam-se as condutas adaptativas e as tomadas de posição passivas. As respostas são escassas, uma por protocolo, sempre na apreensão global, não sendo a mancha explorada e não sendo investida nas suas solicitações latentes. Proliferam os conteúdos animal e os determinantes formais, sempre de boa qualidade, aparece somente uma forma imprecisa e uma recusa, que reflectem a tonalidade negativa suscitada pelo cartão e a extrema dificuldade em criar e elaborar o seu conteúdo. Apesar da fraca expressão dos jovens neste cartão, as condutas predominantemente passivas, vão alternado com engramas originais suscitados por conflitos internos que conduzem inevitavelmente à perda de controlo e mesmo à recusa, podem indiciar a extrema dificuldade sentida neste cartão, que remete para uma imagem de potência, força, dominação e de autoridade, despertando o papel do superegótico, colocando o sujeito numa tomada de posição essencialmente passiva.

- *Cartão 5,*

No Feminino, encontramos as esperadas banalidades e condutas adaptativas, que se traduzem em respostas de apreensão global, de determinante formal de boa qualidade, de conteúdo animal e banalidades (borboletas e morcegos). Neste cartão, não encontramos grande diversidade de condutas, pelo contrário as respostas são bastante homogêneas, o que denota já a integração de uma identidade definida e estável. Encontramos somente uma resposta de má qualidade formal e em detalhe no eixo central, que remete para um funcionamento que ainda não adquiriu essa estabilidade na identidade, contudo não é a norma, mas a exceção. Porém, remete-nos para a possibilidade de encontrarmos jovens com questões básicas do funcionamento mental, esperadas resolvidas na adolescência, mas ainda por estabilizar.

No Masculino, encontramos igualmente as esperadas banalidades e condutas adaptativas, que se traduzem em respostas de apreensão global, de determinante formal de boa qualidade, de conteúdo animal e banalidades (borboletas e morcegos). Encontramos uma cinestesia animal, que denota já uma conduta mais activa perante o estímulo e, uma maior sensibilidade à cor e aos animais noctívagos, sendo enfatizados pormenores agressivos deste animais (bico). Neste cartão, não encontramos grande diversidade de condutas, pelo contrário as respostas são bastante homogêneas, o que denota já a integração de uma identidade definida e estável. Este cartão remete, pela sua proximidade ao real, para o princípio da realidade objectiva, a capacidade de adaptação do sujeito, para a representação de si e para o sentimento de integridade.

- *Cartão 6,*

No Feminino, sobressai imediatamente o teor negativo envolto neste cartão, surgem vários comentários objectivos e subjectivos, inclusive um choque (muito feio, espalmado, atropelado, etc). Do ponto vista dos modos de apreensão, aparecem algumas respostas detalhe, mas predominam os globais, o determinante predominante continua a ser a forma, mas aparece já os esbatimentos, os conteúdos são todos animal. Na maioria são imagens passivas, sem grande originalidade (gatos, peles), mas marcadas pela interpretação do detalhe fálico (cobra, focinho, rabo), todavia vive-se este fálico como algo destruidor e algo destruído (esmagado, atropelado), o que remete para a temática da falta/ castração.

No Masculino, as manifestações são algo semelhantes ao grupo anterior, aparece somente uma resposta por cartão, sempre de conteúdo animal, predominantemente em apreensão global. Os pormenores fálicos aparecem com destaque, imbuídos de conteúdos simbólicos de temáticas fálicas (tartaruga, bacalhau). Os determinantes esbatimento aparecem igualmente, associados ao controlo formal de boa qualidade, aparecem também determinantes cor e uma cinestesia animal (deita alguma coisa para fora do corpo), raramente existe desorganização formal. Apesar dos conteúdos serem na maioria animal, conteúdos esperados neste cartão, aparece igualmente um sobreinvestimento nos limites, aparece um externo intrusivo e um continente que não contém os elementos constitutivos do seu ser, aparecendo animais abertos, espalmados, que mostram a fragilidade dos limites e a ameaça sobre um interno que se pode esvaziar.

- Cartão 7,

No Feminino, encontramos diversas reacções, quer seja a fuga à bilateralidade do cartão através de respostas globais com a integração do branco, sendo este tipo de conduta o representativo da maioria das respostas, quer seja através de respostas detalhe onde a imagem é repartida e os engramas deslocados para conteúdos animal. Este cartão favorece a expressão da primeira relação de objecto, estando o seu valor simbólico intrinsecamente relacionado com o materno /feminino. Observamos que neste grupo estudado a emergência em fenómenos regressivos é difícil, sendo evitada a todo custo e, quando aparece traz muita angústia e destabilização. Não encontramos assim a evocação directa do feminino, aparecem algumas imagens de nascimento e representações humanas deformadas, com características negativas, mas não diferenciadas na sua sexualidade.

No Masculino, encontramos algumas semelhanças ao grupo anterior, aparecem assim algumas respostas globais com inclusão do branco, em respostas muito semelhantes às descritas acima. Encontramos, de forma mais facilitada, a evocação do relacional, quer seja através de evocação de figuras humanas sexuadas, quer através do seu deslocamento para conteúdos animais, nestas respostas a participação do movimento é fundamental para elaborar os movimentos regressivos, contudo este relacional não é por vezes mais do que um espelho, um reflexo do eu narcísico, logo não se trata de um

verdadeiro relacional, mas de um desdobramento do eu. É importante destacar a dificuldade encontrada pelos jovens em elaborar este estímulo, aparecem assim figuras deformadas, coladas, confusas, essencialmente evoca uma fragilidade da integridade do eu, que não se consegue separar do outro.

- *Cartão 8,*

No Feminino, a introdução das cores pastel é sentida de diferentes modos, quer seja por um retraimento de um número de respostas por cartão, quer num aumento deste mesmo número de respostas, a tonalidade emocional vai do neutro ao positivo, somente num protocolo apresenta indícios de angústia na evocação de partes anatómicas. As respostas detalhe predominam, acompanhadas da pesquisa minuciosa da mancha, regra geral estas respostas são fortemente determinadas pela cor, fazendo emergir conteúdos de simbolismo regressivo. Quando a apreensão da mancha é feita no global, numa tentativa organizadora e pouco exploratória, é frequente o controlo diminuir e a emergência de figuras de má qualidade formal. A procura de um eixo organizador aparece de forma preponderante, o que nos remete mais uma vez para questões identitárias e para as relações primárias.

No Masculino, aparece nos rapazes adolescentes um aumento significativo de respostas por cartão comparativamente aos cartões anteriores, evidenciando o forte impacto que o cartão tem neste grupo. Contudo, este impacto não é ainda acompanhado de um aumento nos determinantes sensoriais, contrariamente ao que seria esperado, aparecem somente determinantes formais cuja qualidade perceptiva é frequentemente posta em causa (F^- e F^\pm). Observamos, assim, uma importante desorganização e uma perda de controlo formal neste cartão, apesar da maioria dos jovens interpretarem a banalidade. Quando existe a exploração do cartão aparece com frequência uma perda de controlo formal dos perceptos, surgindo alguns conteúdos animais e anatómicos, o que denota uma maior dificuldade em elaborar as solicitações latentes deste cartão, em especial no que se refere aos movimentos regressivos aqui induzidos.

- *Cartão 9,*

No Feminino, observamos um aumento do número de respostas comparativamente ao cartão anterior, surgindo movimentos regressivos explícitos (elementos, natureza). Surgem com acentuada incidência respostas detalhe, esperados neste cartão e alguns globais, sendo estes últimos de forma indefinidas ou de má qualidade formal. Aparece significativamente um maior envolvimento dos determinantes sensoriais, em especial os de cor, o que denota uma grande sugestionabilidade das jovens a este estímulo e a uma tentativa de controlo das solicitações, contudo a qualidade formal dos perceptos é fortemente posta em causa (F_{\pm}) e aparecem com grande incidência as cinestésias objecto (kob) expressivas de importantes movimentos pulsionais. Encontramos assim uma variedade de conteúdos, desde abstractos, a objectos, natureza e com maior expressão os animais. A expressão dos conflitos é diversa e a tonalidade que assume também é diversa, contudo aparece frequentemente uma temática ancestral e regressiva, sendo o sentimento de integridade colocado à prova numa procura activa de limites que não encontra (F_{\pm}).

No Masculino, aparece pela primeira vez uma forte sensibilidade à cor, surgem assim várias respostas com determinante cor, sempre associado à forma, contudo nem sempre esta última exerce controlo. Observamos um acentuado movimento dos jovens deixarem-se envolver pela mancha, perdendo frequentemente o controlo formal dos perceptos ($F-$ e F_{\pm}). A abordagem neste cartão é essencialmente em detalhe, aparece uma sensibilidade ao branco (Dbl) e uma resposta. Encontramos também os frequentes conteúdos animais, mas também aparecem outros (Nat, Bot), contudo surgem lado a lado temáticas regressivas, arcaicas com temáticas ameaçadoras e agressivas.

- *Cartão 10,*

No Feminino, aparece no geral um aumento significativo de respostas por cartão, semelhante ao encontrado nas raparigas púberes, o que nos remete igualmente para a necessidade de colmatar a ruptura, prolongando a relação. Apesar de surgir com menor expressão a angústia de fragmentação, aparecem ainda conteúdos humanos associados a anatomias de má qualidade perceptiva, denotando a força da dispersão, da fragmentação sentida como destabilizadora. Desta forma, as temáticas encontradas são variadíssimas, desde conteúdos regressivos, infantilizados, agressivos e relacionais.

Não é fácil delimitar uma temática, a apreensão é na maior parte das vezes em detalhe (D), aparece uma sensibilidade ao branco (Dbl) e uma global (G), os determinantes também são mais variados, além da maioria de formais cuja qualidade perceptiva fracassa (F-), aparecem igualmente respostas cor (CF e FC) e várias cinestésias (kan e kob). A dispersão evocada por este cartão remete as jovens para movimentos regressivos e estes são preponderantemente elementos angustiantes, primários e destabilizadores, pondo a nu as fragilidades relacionais (muitas vezes a qualidade das relações primárias) e identificatórias das jovens.

No Masculino, encontramos um número de respostas também abundante, sem se diferenciar significativamente em relação ao grupo anterior, a divergência mais expressiva será a diminuição de movimentos regressivos, não aparecendo imagens determinadas pela cor e o aumento de imagens de potência, observando-se um aumento significativo dos determinantes. É de notar que os conteúdos são também diversos, preponderando os conteúdos animais, aparecendo com menos frequência outros conteúdos (Sx, Hd e Obj), o que denota a destabilização e angústia sentida com este cartão. Contudo, a destabilização é menor do que no grupo anterior, verificando-se ser pouco frequente os derrapes perceptivos, preponderando as respostas de boa qualidade perceptiva (F+) e as cinestésias (K, kan e kob), o que por sua vez denota uma tomada de posição mais activa e mais dominante do estímulo, sendo estas temperadas com uma dose adequada de banalidades. Deste modo, concluímos que os rapazes têm uma maior dificuldade em aceder e se envolver nas solicitações regressivas do cartão, contudo acabam por lhes aceder de uma forma menos directa, conseqüentemente, menos angustiante e menos destabilizadora, conseguindo elaborar e integrar de forma mais positiva os movimentos regressivos. Todavia, aparecem igualmente importantes fragilidades relacionais e identificatórias neste grupo de jovens.

- Síntese dos Traços Salientes,

No grupo de jovens adolescentes aqui estudados, evidencia-se igualmente um funcionamento mental móbil, diversificado e intenso. Apesar de terem sido detectadas algumas nuances entre os rapazes e as raparigas, encontramos igualmente vários pontos comuns. Observa-se assim a predominância de posições activas e por vezes defensivas, sendo o deixar-se ir e o deixar-se envolver pelo material vivido com destabilização e desorganização para o funcionamento psíquico, estando estes movimentos em constante negociação. Claramente a problemática da vivência do corporal, do pulsional, da representação de si e da construção da identidade ainda estão mal mentalizadas. Encontramos deste modo um forte investimento nos determinantes formais, contudo a sua qualidade perceptiva é frequentemente posta em causa, numa procura activa de estabelecimento de limites, numa diferenciação entre eu e objecto, num movimento constante de regressão e progressão face ao relacional.

Nas raparigas, encontrámos uma maior necessidade defensiva, aparecendo com mais intensidade o recalçamento, adoptando uma expressão mais passiva e superficial face aos cartões, mas nem por isso mais adaptativa, surgindo uma maior destabilização neste grupo com o emergir dos movimentos regressivos e com a intensidade do pulsional. Encontramos também protocolos mais desviantes, claramente marcados pelas figuras depressivas e envoltos num clima acentuadamente disfórico, salientando-se uma imagem de si negativa – anti-narciso – e uma clara fuga à identificação com a imagem materna/ feminina. As raparigas perante figuras de autoridade e potência apresentam uma conduta mais submissa, passiva e banal, aparecendo um retraimento face à potência viril, apresentam no entanto uma maior susceptibilidade e vulnerabilidade às solicitações regressivas dos cartões pastel.

Nos rapazes, observamos o emergir de fortes tensões pulsionais, aparecendo uma maior necessidade de investimento nos limites, de experimentação, uma maior susceptibilidade às solicitações primitivas, aos vermelhos, aparecem conteúdos mais agressivos e ameaçadores resultantes da forte tensão interna. Surge uma maior necessidade de identificação com figuras de autoridade e de potência, adoptando uma posição mais activa face a estas, evidencia-se uma extrema necessidade de afirmação face ao viril, numa extrema sensibilidade às solicitações fálicas. Observamos assim um abandono face às imagens maternas, vividas com insegurança e por vezes vazio, para a

passagem a uma identificação claramente masculina, persiste contudo uma importante problemática relacionada com o feminino e o sexual.

Na análise do psicograma salientam-se alguns traços específicos, todavia não se encontram diferenças significativas entre rapazes e raparigas, exceptuando alguns pontos que iremos referenciar, no geral apresentam traços muito semelhantes ao grupo de jovens púberes. Assim, o número de respostas médio por protocolo é ligeiramente inferior aos dados normativos esperados, encontrando-se uma média semelhante ao grupo anteriormente estudado, observamos ainda neste grupo um valor ligeiramente superior de respostas dadas pelos rapazes do que pelas raparigas. Estas características devem-se essencialmente à predominância das respostas globais nos protocolos, empregando os jovens somente uma resposta por cartão nos cartões compactos, porém, verifica-se um aumento significativo de respostas com a introdução dos cartões com cor e também um acréscimo do número de respostas nos cartões bilaterais, apesar de ser menos significativa. A diversidade de determinantes é, neste grupo de jovens adolescentes, uma característica presente nos protocolos, ao contrário do grupo de jovens púberes que investem quase que exclusivamente nos determinantes formais. Encontramos assim, uma importante sensibilidade à cor, quer seja aos negros, aos vermelhos e aos pastel, sendo estes frequentemente significativos na determinação das respostas dos jovens e sendo inclusive dominantes na emergência do engrama. Os determinantes esbatimentos também aparecem, apesar de assumirem um papel pouco expressivo, e os determinantes Clob são praticamente inexistentes. Todavia, são os determinantes formais os que mais se destacam, excedendo claramente nalguns protocolos a média esperada e perdendo frequentemente a boa qualidade perceptiva, são assim numerosos os F- excedendo os valores esperados. Observa-se ainda, de forma mais frequente do que no grupo anterior, a utilização frequente de cinestésias (K, Kan e kob), aparecendo neste grupo já algumas pequenas cinestésias (kp), o que vem enriquecer significativamente os protocolos, evidenciando características de mobilidade e de diversidade no funcionamento mental, assim como, a necessidade expressa destes jovens de se afirmarem e adoptarem condutas activas numa clara identificação com imagens de potência - nos rapazes.

No geral, os protocolos são dominados por determinantes formais, sendo a intensidade das pulsões saliente nas frequentes derrapagens formais dos engramas, assim como, na

emergência acentuada de cinestésias que reflectem a necessidade de passagem ao acto e de experimentação de limites. Observamos ainda uma importante sensibilidade aos pormenores brancos, surgindo no grupo dos rapazes numerosos Gbl e Dbl, ultrapassando em muito os valores normativos esperados, que denotam um acentuado sentimento de incompletude, de falha que é necessário preencher e objectualizar a todo custo, aparecendo as condutas agidas como importantes substitutos para colmatar estas falhas. Por fim, encontramos uma característica fundamental nestes protocolos a predominância exacerbada dos conteúdos animais e a fraca expressão dos conteúdos humanos, surgindo igualmente conteúdos que reflectem um ligeiro aumento do índice de angústia (Sx, Anat, Hd). A forte expressão dos conteúdos animais deve-se essencialmente a uma importante imaturidade característica de funcionamentos mais infantis (mecanismo defensivo de deslocamento), inquietamente esta tendência acentua-se neste grupo de jovens adolescentes, surgindo mais conteúdos animais e menos conteúdos humanos, o que nos remete para acentuadas dificuldades de identidade que persistem por solucionar.

9.3. Análise da Barreira de Contacto nos Jovens Pubertários:

- *A Separação/ Barreira,*

Da análise efectuada aos protocolos dos jovens púberes auxiliada pela grelha de análise de procedimentos Rorschach (em anexo nesta tese), podemos observar predominantemente a existência de uma barreira de contacto funcionante, em construção e em maturação, alinhavando e aperfeiçoando as suas funções, podemos igualmente observar já as suas emergentes características, as suas principais funções em acção e em crescimento.

Na análise dos modos de apreensão, *as respostas globais apresentam valores visivelmente superiores à norma esperada*, recorrendo os jovens púberes mais frequentemente a este tipo de respostas. Este factor é a sua principal característica, constituindo estas cerca de metade das respostas dadas. Predominantemente estas respostas globais são *G simples*, seguidamente existe uma forte expressão de Gbl e posteriormente de G impressionistas. Esta maioria de respostas globais remete-nos,

por um lado, para uma atitude predominantemente defensiva, que consiste em não se aplicar numa procura mais aprofundada da mancha, e por outro lado um não se mostrar e não se entregar no emergir das solicitações latentes dos cartões. Neste ponto, observamos à partida uma separação rígida e incisiva entre interno e externo, está expressa a necessidade de separar, de diferenciar e de sisar, para não haver risco de fusão e de confusão. Dentro das respostas globais, encontramos também uma **grande frequência de Gbl**, apesar da sua expressão ser bastante inferior às G simples, esta frequência remete já para a experimentação dos limites e para o contestamento da firmeza dos traços.

Na análise dos determinantes observamos assim, uma **predominância de respostas determinadas pela forma**, na sua grande maioria de boa qualidade, que representam a maior parte das respostas dadas por este grupo, apesar de ser um valor dentro da norma trata-se de um valor elevado, o que nos remete mais uma vez para a necessidade de delimitação e separação. A predominância de **respostas formais de boa qualidade** perceptiva revela um funcionamento psíquico socializado, normativo, ancorado no real, que encontra limites e os contornos do externo, diferenciando-o do interno, encontramos assim um envelope que desempenha o papel de membrana/ de barreira que separa e diferencia. Todavia, este funcionamento é fortemente posto em causa pela ameaça constante das erupções internas, das tensões e excitações externas, pela intensidade das pulsões, que fomentam um clima ameaçador e desorganizador que se traduz pela **frequência de respostas de má qualidade formal**, encontrando os sujeitos por vezes um equilíbrio frágil. Tal como já referimos, existe uma predominância na formalização das imagens, mesmo quando surgem determinantes sensoriais a forma é fundamental na criação do percepto, estando a necessidade de limitar e circunscrever quase sempre presente, os determinantes esbatimento, por seu lado, são pouco significativos, sendo praticamente inexistentes neste grupo.

Na análise dos conteúdos, verificamos que surgem com alguma frequência os designados **conteúdos pele**, que nos remetem para uma delimitação e para um estabelecimento de limites/ contornos, contudo a sua frequência não é insidiosa ou exagerada. Surgem, assim, vários animais com carapaças, peles, objectos e máscaras, contudo diluem-se no seio de todos os outros conteúdos, sem surgir aqui uma necessidade constante e rígida de encontrar os limites, simplesmente eles existem

assegurando as suas funções de separação e, por vezes, são contestados de forma a perceber a sua firmeza e a sua plasticidade. Os *traços dos psicograma encontram-se no geral dentro da norma (Ban, F%, F+%, I.A.)*, observamos contudo valores díspares e longe dos normativos no que diz respeito aos conteúdos *H% e A%*, *os primeiros muito abaixo dos esperados e os últimos bastante acima da norma*, estas características poderão estar relacionadas com a incidência de traços infantis.

Encontramos algumas diferenças, ainda que subtis, entre os rapazes e as raparigas nesta idade, no que se refere à função de separação da barreira de contacto.

No *Feminino* observamos uma maior incidência das respostas *globais vagas, impressionistas e Gbl*, de igual forma, é neste grupo que observamos uma maior ocorrência de determinantes sensoriais nomeadamente os *FC e os FClob*, assim como dos conteúdos que remetem para a definição dos limites como vestuário, objectos e máscaras. O que denota características específicas de uma maior vulnerabilidade dos traços, dos limites, apresentando as barreiras neste grupo uma maior fragilidade. Todavia, é necessário referir que os procedimentos aqui analisados, inserem-se dentro dos valores esperados, pelo que se trata de desvios e de especificidades destes protocolos e não de processos patológicos, e por consequência de perturbações significativas da capacidade de separação das barreiras de contacto. Trata-se antes de uma maior sensibilidade ao externo, aparecendo uma maior vulnerabilidade às excitações do mundo real, que as barreiras nem sempre conseguem controlar e delimitar, surgindo um risco acrescido de difusão de limites.

No *Masculino*, encontramos uma maior necessidade de formalização, sendo a grande maioria dos perceptos de *boa qualidade perceptiva*, mas também vão à frente nas derrapagens formais, sendo pouco expressivos todos os outros determinantes. Encontramos ainda um *baixíssimo número de conteúdos humanos e um valor excessivo de conteúdos animal*, evidenciando-se as peles e as carapaças. Surge assim uma maior necessidade de delimitação, de definição dos limites e dos contornos. As barreiras neste grupo são ameaçadas principalmente pela intensidade das pulsões internas. Tudo isto nos remete para uma barreira de contacto que cumpre, com bastante zelo, a sua função de separação, divisão de conteúdos e diferenciação de elementos, surgindo contudo algumas características de rigidez nesta função, tornando-se assim mais estanques.

- *As Ligações/ Contacto,*

Na análise deste vector, o foco centra-se na análise dos factores ilustrativos da capacidade dos jovens em realizar ligações, relações, em permitir o contacto entre um espaço interno e um externo, sem os confundir, iremos analisar o vector contacto que une o que está separado, que permite a comunicação e o crescimento. Da análise efectuada aos protocolos dos jovens púberes, podemos observar algumas características de uma barreira de contacto accionando já importantes elos de ligação e estabelecendo algumas pontes comunicantes, fundamentais para o crescimento do funcionamento psíquico dos jovens púberes.

Na análise dos modos de apreensão, *as respostas globais apresentam valores visivelmente superiores à norma esperada*, o que denota pontos de contacto e de ligação entre externo/interno ainda frágeis face à rigidez da barreira. *As respostas em detalhe estão abaixo dos valores normativos* esperados (devido ao elevado número de G), o que advém de uma abordagem superficial do percepto sem exploração de conteúdos latentes, sem exploração dos seus recortes. Mas as escassas respostas *D são de boa qualidade formal*, o que expressa a existência de algumas ligações já estabelecidas entre eu e objecto. Por outro lado, aparecem igualmente respostas D de má qualidade formal, apesar de não ser um factor predominante é frequente neste grupo. Estas reflectem a intensidade e o perigo das pulsões e das tensões internas, o que explica a necessidade de fuga para respostas globais e de incisão na formalização dos perceptos, que funcionam como mecanismos de defesa face à dificuldade de negociação e de contenção. As respostas pequeno detalhe são pouco expressivas neste grupo, situando-se abaixo dos valores normativos, o que mais uma vez remete para a dificuldade de comunicação, existindo um risco de perda de controlo iminente.

Na análise dos determinantes observamos o predomínio de *respostas formais de boa qualidade perceptiva*, o que revela um funcionamento psíquico socializado e diferenciado, que simultaneamente permite um compromisso entre realidade interna e externa, encontrando pontos de contacto e de comunicação, mas ao aparecer um elevado número de respostas de má qualidade formal, revelam que este compromisso é ainda débil. A diversidade de determinantes é escassa, sendo os determinantes sensoriais e as pequenas cinestésias pouco expressivas, que se traduzem em índices pouco significativos na F.C. e no T.R.I.

No Feminino, observamos um maior recurso às respostas globais, nomeadamente **G simples, a determinantes sensoriais** e um maior recurso aos **conteúdos humanos**, por outro lado há um menor recurso a respostas detalhe de boa qualidade formal e a pequenas cinestésias. Deste modo, o TRI e o FC vão no sentido da excitação externa e de uma maior vulnerabilidade a estas, contudo a predominância de determinantes sensoriais associados a boas formas, revela a existência de pontes comunicativas entre os pólos, uma negociação entre interno/ externo, apesar de se observar uma predominância do externo. No entanto, destaca-se uma marcante atitude defensiva de fuga às solicitações latentes dos através de uma maioria de G simples.

No Masculino, denota-se um maior recurso a **respostas detalhe**, aparecem já algumas **Dd** (com valores mais próximos dos normativos do psicograma), assim como, surgem as pequenas cinestésias **Kan e Kob**, acompanhadas maioritariamente de determinantes formais de boa qualidade, aumentando o recurso a **determinantes formais** quer de boa qualidade, quer de má qualidade perceptiva. Neste grupo aparecem já manifestações intensas do interno e do inconsciente, sendo a intensidade das pulsões mais visível através dos Dd, F- e Kob/ Kan. Surge assim uma maior necessidade de definição dos limites e dos contornos, que se traduz em barreiras aparentemente mais rígidas, todavia é notório que não é bem assim, pois é visível a passagem do interno e das manifestações das pulsões no processo-resposta Rorschach. Tudo isto nos remete para uma barreira de contacto que cumpre pouco sistematicamente a sua função de união, comunicação e negociação, revelando um compromisso ainda débil entre interno/ externo.

- A Criação,

A análise das respostas dos jovens púberes revelam já alguns mecanismos de elaboração mental que vêm marcar as produções com o cunho da subjectividade e da criatividade. Assim, dos procedimentos de criação encontramos com **maior relevância as cinestésias humanas** mais frequentes nas raparigas, as **pequenas cinestésias** mais constantes nos rapazes. Apesar de serem ainda pouco expressivas comparativamente aos restantes determinantes, denotam já algumas capacidades criativas emergentes dos jovens, mostram indícios da sua capacidade transformacional e dinâmica. Estas cinestésias são quase sempre sustentadas por um percepto de boa qualidade, o que

reflece a organização de um compromisso harmonioso, um equilíbrio possível entre mecanismos perceptivos e a expressão do imaginário. Contudo, estes processos ainda não atingem a sua plenitude nesta fase de desenvolvimento, pois as cinestésias ainda estão muito ligadas à acção/ postura, revelando capacidades ainda tímidas de comunicação e de transformação.

Observamos igualmente o emergir de *processos secundários*, indo os jovens geralmente de encontro ao conteúdo latente dos cartões. Porém, estes processos coexistem com os processos primários emergindo conteúdos crus e mecanismos defensivos primários, revelando algumas dificuldades de negociação, observamos um compromisso possível, a cada momento e a cada cartão, entre a expressão da vivência do sujeito e a natureza da sua relação com o mundo. Consideramos que estas alternâncias entre processos primários e secundários são o resultado da coexistência de movimentos regredientes e progredientes, tal como foram referidas na revisão de literatura desta investigação, sendo estes movimentos esperados e característicos dos jovens em crescimento.

- Os Processos Dialécticos,

Por último, propusemo-nos ainda a analisar a forma como os jovens estabelecem as dialécticas psicológicas, esta análise é de todo pertinente para que se compreenda mais fielmente as características e o funcionamento das barreiras.

Ao analisar as características do *Pólo da Realidade* neste grupo, iremos focar os valores das respostas globais serem visivelmente superiores à norma esperada, e consequentemente as respostas em detalhe estão abaixo dos valores normativos esperados sendo na sua maioria de boa qualidade formal, observamos uma predominância de respostas determinadas pela forma, na sua grande maioria de boa qualidade perceptiva, que representam a maior parte das respostas dadas por este grupo, e uma proporção adequada de respostas banais. Todavia, o *Pólo da Fantasia* também encontra uma forte expressão neste grupo, em especial através das respostas formais de má qualidade perceptiva, que revelam uma forte expressão nestes protocolos. A diversidade de determinantes é escassa, os determinantes sensoriais e as pequenas cinestésias são pouco expressivas e traduzem-se em índices pouco significativos na F.C. e no T.R.I. Tal como já referimos, existe uma predominância na

formalização das imagens, mesmo quando surgem determinantes sensoriais a forma é fundamental na criação do percepto. Podemos considerar que neste grupo predomina o **Pólo da Realidade**, encontramos assim uma boa ancoragem no real, um pensamento socializado, testemunhando um funcionamento corrente, habitual, normal e necessário, que consiste em apreender a realidade o mais próximo possível do seu contorno. Todavia, o pólo da fantasia encontra sempre uma forma de se expressar, irrompendo no funcionamento do jovem e causando alguma desorganização, sendo a negociação entre ambos por vezes débeis e de difícil compromisso.

- Síntese dos Traços Salientes,

Da reunião dos traços demonstrados até aqui, podemos em linhas gerais considerar que a existência da barreira de contacto é inquestionável, sendo relativamente fácil realçar as suas funções em plena acção. Deste modo, podemos considerar que nesta investigação encontramos evidências claras de uma barreira de contacto funcionante, todavia ainda em maturação e em crescimento, tentando trilhar um caminho para um aperfeiçoamento e alinhamento de funções. A par desta necessidade de estabelecer limites, observamos uma forte necessidade de experimentação dos mesmos, de testagem dos contornos, de exploração da sua consistência e da sua firmeza.

Observamos no grupo de jovens púberes evidências de uma barreira de contacto que cumpre zelosamente a sua função de separação e diferenciação entre interno/ externo, consciente/inconsciente, eu/ outro, sendo clara a predominância do Pólo da Realidade. À partida, há uma necessidade intensa dos jovens para realizarem separações e cisões, mantendo ambos mundos devidamente afastados, denotando nesta fase de desenvolvimento alguns traços de inflexibilidade e de rigidez na barreira. Traços que se tornam necessários como forma de controlo, diríamos que exercendo as funções análogas a um colete-de-forças psíquico, face à intensidade das pulsões que começam a emergir e a uma excitabilidade intensa suscitada pelos objectos. O ênfase dado na formalização excessiva vai no sentido de um melhor controlo, de um afastamento das pulsões e dos estímulos externos, todavia o equilíbrio entre o que a barreira deixa passar e aquilo que retém nem sempre é fácil, pois aproxima-se o rubro da “crise adolescente” e o caos é inevitável. Assim, observa-se a existência de algumas pontes comunicantes, mas ainda pouco sólidas.

9.4. Análise da Barreira de Contacto nos Jovens Adolescentes:

- *A Separação/ Barreira,*

No grupo de adolescentes, detectamos algumas das tendências já encontradas no grupo de jovens púberes, regra geral acentuam-se nesta fase. Deste modo, observamos um maior recurso a respostas globais, a ocorrência de respostas detalhe diminui assim como a de Dd, contudo aumenta o recurso a respostas Dbl e Gbl, *afastando-se estes valores ainda mais da norma esperada*. Nos determinantes observamos que o recurso à formalização decresce, contudo também decresce as respostas de boa qualidade formal, aumentando as respostas de determinantes formais vagos e de má qualidade, diminuindo o controlo formal dos determinantes sensoriais. No geral, este grupo afasta-se cada vez mais do padrão, dos dados normativos esperados, o que consideramos estar directamente relacionado com o eclodir da “crise adolescente”, sendo a linha que separa um funcionamento normativo de um patológico bastante ténue face à intensidade de processos.

Da análise de procedimentos Rorschach efectuada aos protocolos dos jovens adolescentes, podemos observar que as *respostas globais apresentam valores visivelmente superiores à norma esperada*, representando o procedimento mais utilizado por estes jovens. Esta maioria de respostas globais remete-nos para um encrudescimento dos mecanismos defensivos, que adoptam uma posição mais cristalizada neste grupo de jovens, numa atitude que reflecte um não querer se mostrar e não se entregar no emergir das solicitações latentes dos cartões, contudo tentativa condenada ao fracasso. Predominantemente são respostas globais simples, seguidamente existe uma *fortíssima expressão de Gbl*, esta excessiva frequência de Gbl, que se aproxima perigosamente dos valores das respostas globais simples, reflectem maiores fragilidades na contenção e firmeza dos traços. Acentua-se neste grupo a necessidade de contestamento e de experimentação dos limites, contestamento da firmeza dos traços e das orlas, por outro lado, observamos uma significativa insegurança dos limites. Surge também com maior expressão as *respostas globais impressionistas*, que reflectem uma maior envolvência dos determinantes sensoriais e um menor controlo formal, o que denota uma maior flexibilidade e plasticidade na barreira.

Na análise dos determinantes observamos uma *predominância de respostas determinadas pela forma*, que apesar de ser um valor dentro da norma considera-se um valor elevado, o que nos remete mais uma vez para a necessidade fundamental de delimitação e da testagem de contornos. O funcionamento psíquico é fortemente ameaçado por erupções internas e por excitações externas, que fomentam um clima ameaçador e desorganizador que se traduz pela intensidade de *respostas de má qualidade formal e de respostas formais indeterminadas*, que têm neste grupo um valor bastante elevado. Tal como já referimos, neste grupo decresce um pouco a predominância de respostas de boa qualidade formal dos perceptos, situando-se o *F+% abaixo da norma* esperada. Decresce igualmente o controlo formal nos determinantes sensoriais e aumentam os *determinados puros e/ou dominantes*, observamos assim um maior envolvimento da cor e do esbatimento na organização do percepto, tudo isto denota menores capacidades de pára-excitação, mas também limites menos rígidos e mais flexíveis.

Na análise dos conteúdos, observamos que diminuem com alguma frequência os designados *conteúdos pele e carapaça*, que nos remetem para uma delimitação e para uma reafirmação de limites/ contornos. Contudo, aumenta significativamente os conteúdos animais, e diminui inquietamente os conteúdos humanos, diminui também as Ban apesar de se manterem proporcionais ao total de respostas, observamos ainda um *aumento do I.A.* surgindo vários conteúdos anatómicos, Hd, sx e sangue, contudo diluem-se no seio de todos os outros. Observamos valores díspares e longe dos normativos no que diz respeito aos conteúdos *H% e A%*, *os primeiros muito abaixo dos esperados e os últimos bastante acima da norma*, estas características poderão estar relacionadas com a incidência de traços infantis e um deslocamento da identificação para as figuras animais numa atitude defensiva. Por tudo isto, podemos considerar que este grupo encontra maiores dificuldades no estabelecimento de limites face à intensidade de processos, apesar de considerarmos que a separação e a diferenciação existem, também existem mais indícios de um limite mais poroso e menos contentor, que se intui pelo aumento do IA e de respostas F-/ F±.

Assim no *Feminino*, destaca-se uma maior incidência nas *respostas globais vagas, impressionistas*, de igual forma, é neste grupo que observamos uma maior incidência de *determinantes formais imprecisos, sensoriais nomeadamente os CF/C e os FClob.*

O que denota barreiras neste grupo com uma maior porosidade e uma maior vulnerabilidade às excitações do mundo real, surgindo um risco acrescido de difusão de limites. Contrapondo este risco, observamos uma maior incidência dos conteúdos que remetem para a ênfase e procura dos limites como objectos e um maior recurso a conteúdos Humanos, que reflectem uma maior facilidade nos processos de identidade e identificação.

No *Masculino*, é saliente uma maior sensibilidade aos pormenores *brancos* dos cartões, que denota o aparecimento de alguma fragilidade dos envelopes corporais e dos limites. Por outro lado, aparece um maior recurso às *respostas detalhe* que enfatiza as capacidades de diferenciação e de separação, todavia a sua adequabilidade formal também falha frequentemente. Mantém-se assim a necessidade de formalização com a prevalência dos *perceptos de boa qualidade* perceptiva, contudo também aparecem mais frequentemente as derrapagens formais (*F-*) e aparece já uma maior expressão dos *determinantes sensoriais* (ainda que dominados pela forma). Neste grupo de jovens adolescentes, observamos uma maior expressão dos determinantes sensoriais quando comparados com os púberes, todavia continuam atrás quando comparados com as raparigas. Encontramos ainda um baixíssimo número de conteúdos humanos e um valor excessivo de *conteúdos animal*, evidenciando-se valores mais elevados de *IA* associados a Hd e anatomias, por outro lado, uma maior incidência dos conteúdos que remetem para a definição dos limites como vestuário, objectos e máscaras. Surge assim uma maior necessidade de delimitação, de definição dos limites e dos contornos, barreiras essas que neste grupo são ameaçadas principalmente pela intensidade das pulsões internas.

- *As Ligações/ Contacto,*

Da análise efectuada aos protocolos dos jovens adolescentes, podemos presenciar algumas características fundamentais como a existência de uma barreira de contacto mais flexível que permite a separação e a diferenciação, apesar das constantes ameaças quer internas quer externas. Sendo um imperativo o accionamento de importantes elos de ligação e o estabelecimento de algumas pontes comunicantes, fundamentais para o crescimento do funcionamento psíquico dos jovens, permitindo a criação de redes de contacto.

Na análise dos modos de apreensão, as respostas globais apresentam valores visivelmente superiores à norma esperada, as *respostas globais simples* constituem o procedimento mais utilizado. Encontramos também uma excessiva frequência de *Gbl*, aproximando-se estas perigosamente dos valores das respostas globais simples, que reflectem maiores fragilidades na contenção, sendo as emergências fantasmáticas demasiado excitantes, encontrando expressão neste tipo de respostas. As *respostas em detalhe estão abaixo dos valores normativos* esperados (devido ao elevado número de G), o que advém de uma abordagem superficial do percepto numa tentativa de fuga na exploração de conteúdos latentes. Na sua maioria, as respostas D são de boa qualidade formal, expressivas das ligações comunicantes estabelecidas entre eu e objecto. Aparecem igualmente respostas D de má qualidade formal com alguma frequência neste grupo, que por outro lado, reflecte a intensidade das pulsões e das tensões internas que ameaça a integridade das barreiras.

Na análise dos determinantes observamos a *predominância de respostas determinadas pela forma*, a predominância de respostas formais de boa qualidade perceptiva, revela um funcionamento psíquico socializado que permite o compromisso entre realidade interna e externa, encontrando pontos de contacto e de comunicação. Este funcionamento é fortemente posto em causa pela ameaça das constantes excitações externas e pela intensidade das pulsões, aparecendo um elevado número de respostas de *má qualidade formal*, que destabilizam as ligações com o real de forma intensa, diminuindo o *F+% para baixo da norma* esperada. A diversidade de determinantes é maior comparativamente ao grupo de jovens púberes, traduzindo em índices mais expressivos na F.C. e no T.R.I., representativos das ligações estabelecidas e da erupção dos fenómenos internos, que encontram expressão na realidade dos cartões. Tal como já referimos aparecem mais cinestésias, em especial as *Kan e as Kob*. São igualmente expressivas de movimentos internos, reflectem a capacidade do sujeito em expressar o seu mundo interno sem destabilizar o seu funcionamento psíquico, reflectem uma relação de compromisso entre interno/ externo, consciente/inconsciente, eu/outro. Nos conteúdos, sobressai o aumento significativo dos *conteúdos animais*, e a diminuição dos conteúdos humanos, diminui também as Ban apesar de se manterem proporcionais ao total de respostas.

No Feminino, há um menor recurso às respostas formais, encontramos igualmente uma menor expressão as respostas de má qualidade formal, um maior recurso a *determinantes sensoriais*, um menor recurso a cinestésias animal, mas uma maior frequência das *cinestésias objecto*, e um maior recurso aos *conteúdos humanos, elementos e cena*. Tudo isto aponta para a existência de pontes comunicativas entre os pólos, conseguindo as jovens adoptar uma conduta de compromisso, de negociação entre interno/ externo. Aparecem já manifestações fortes das tensões internas através das *Kob*, contudo a sua associação a determinantes de boa qualidade formal revela um funcionamento socializado, dialogante, que permite o compromisso e a negociação efectiva.

No Masculino, observamos um grande recurso a *G simples, mas também a Gbl*, sendo os valores muito próximos um do outro, encontramos um maior recurso a *respostas detalhe*, sendo aproximadamente um terço destas de má qualidade formal, encontramos ainda um recurso acima do esperado a *Dbl* (para cerca do dobro da percentagem normativa). Surge assim uma maior necessidade de definição dos limites e dos contornos, sendo visíveis as fragilidades dos continentes e a passagem das manifestações das pulsões no processo-resposta Rorschach. Mais uma vez, os valores das respostas formais de boa qualidade são muito próximos das *de má qualidade perceptiva*, evidenciando uma importante emergência de processos primários, aparecem manifestações intensas do interno e do inconsciente, reflectida igualmente nos *Kob* e nas *Kan*. Tudo isto nos remete para uma barreira de contacto que cumpre pouco sistematicamente a sua função de união, comunicação e negociação, revelando um compromisso difícil entre interno/ externo.

- A Criação,

Na análise deste vector não encontramos diferenças significativas relativamente ao grupo estudado de jovens púberes. A análise das *respostas Globais* evidencia algumas capacidades de pensamento interiorizado, utilizando a capacidade de diferenciação entre sujeito/objecto, real/imaginário e mantendo um contacto necessário com o real. Assim, dos procedimentos de criação encontramos com *maior relevância as cinestésias*, aqui encontramos mais uma vez a intensidade das pulsões, exigindo por sua vez maiores capacidades comunicativas e criativas, transformacionais e negociadoras dos jovens. As cinestésias são quase sempre sustentadas por um percepto de boa qualidade, o que reflecte a organização de um compromisso possível, um equilíbrio entre mecanismos perceptivos e a expressão do imaginário.

Assim, da análise efectuada aos protocolos dos jovens adolescentes, podemos observar predominantemente uma forte intensidade e mobilidade dos processos psíquicos, *coexistindo processos primários e processos secundários*, movimentos regressivos e movimentos progredientes, o funcionamento psíquico dos jovens encontra-se num eterno movimento de vaivém, fruto do caos originado pela entrada no processo adolescente. Estas tensões exigem um processo contínuo de comunicação, de compromisso e de negociação, encontrando os jovens como resolução para este conflito a flexibilidade dos contornos, a plasticidade da barreira que permite a passagem e o movimento de vaivém entre pólos e entre processos. Observamos assim a existência de importantes elos de ligação, a existência de pontes comunicantes, fundamentais para o crescimento do funcionamento psíquico dos jovens em pleno desenvolvimento.

- Os Processos Dialécticos,

É tema de reflexão neste trabalho a forma como os jovens estabelecem as dialécticas psicológicas, procuraremos aqui descrever os modos como o sujeito aproxima e relaciona o externo (pólo da realidade) com o interno (pólo da fantasia).

Ao analisar as características do *Pólo da Realidade* neste grupo, iremos focar pontos já mencionados e não muito diferentes dos jovens púberes como, os valores das respostas globais serem visivelmente superiores à norma esperada, e consequentemente as respostas em detalhe estão abaixo dos valores normativos

esperados sendo na sua maioria de boa qualidade formal. Predominam respostas determinadas pelo determinante formal, na sua grande maioria de boa qualidade perceptiva, que representam a maioria das respostas dadas por este grupo, e uma proporção adequada de respostas banais. Tudo isto revela um funcionamento psíquico socializado e adaptado.

Todavia, o *Pólo da Fantasia* também encontra uma maior e mais intensa expressão neste grupo, através das respostas formais de má qualidade perceptiva que aparecem de forma muito elevada e que funcionam como porta-vozes do inconsciente. A diversidade de determinantes é também mais significativa, sendo os determinantes sensoriais e as pequenas cinestésias expressivas, que mais uma vez remetem para a expressão de processos interno, por vezes, desorganizante, e também para a forte excitabilidade causada pelo externo. Surgem também mais conteúdos relacionados com a expressão do inconsciente, que se traduzem também num aumento do IA. Apesar da formalização das imagens prevalecer, observamos neste grupo uma predominância do Pólo da Fantasia, irrompendo no funcionamento do jovem e causando alguma desorganização.

- Síntese dos Traços Salientes,

Presenciamos no grupo de jovens, um encrudescimento dos mecanismos defensivos, mas também um aumento exponencial da excitabilidade pelo real e de tensão interna, que exigem uma maior flexibilidade e plasticidade na barreira.

Existe, de facto, uma barreira de contacto que permite a separação e a diferenciação, apesar das constantes ameaças quer internas quer externas, sendo um imperativo o accionamento de importantes elos de ligação e o estabelecimento de algumas pontes comunicantes, fundamentais para o crescimento do funcionamento psíquico dos jovens. Deste modo, surgem maiores fragilidades na contenção e firmeza dos contornos que é preciso testar, acentua-se neste grupo a necessidade de contestamento e de experimentação dos limites, contestamento da firmeza dos traços e das orlas.

9.5. Quadro Síntese de Análise:

Iremos agora sintetizar os factores encontrados neste investigação, por forma a possibilitar a discussão. Na multiplicidade e na complexidade do funcionamento psíquico é fácil apercebermos de que existe uma barreira de contacto e que as funções que assegura são fundamentais para o sujeito psicológico. Tendo em mente que cada pessoa tem uma barreira única, pretendemos encontrar algumas linhas gerais que nos poderão permitir o acesso mais profundo ao conhecimento do processo adolescente e proporcionar um maior alcance no Rorschach tornando, quem sabe, a análise desta barreira de contacto tão importante como a análise da representação de si e das relações de objecto.

Quadro Síntese de Resultados

<i>Barreira Contacto</i>	<i>Separação</i>		<i>Ligação</i>		<i>Criação</i>		<i>Processos Dialécticos</i>	
<i>Cartão I</i>	Puberdade: - G simples - F+ - 1FC - 1 Máscara - Ban	Adolescência: - G simples - Gbl (+) - F+ (+) - Objectos - Máscaras - Ban	Puberdade: - G Simples - F+ - H F+ - A F+	Adolescência: - G simples - F+ - A F+	Puberdade: - G simples - Somente 1K	Adolescência: - G simples	Puberdade: - G simples ® - F+ ® - Ban ® - Somente 1H irreal (F)	Adolescência: - G simples ® - F+ ® - CF/F (F) - Hd (F) - Ban ®
<i>Cartão II</i>	Puberdade: - G Simples - Gbl - F+ - FC - Ban	Adolescência: - Gbl (+) - FC - F+ - F ± - FC - Ban	Puberdade: - G Simples - D F+ - F+ - F- - H F+ - A F+	Adolescência: - D F+ - F+ - F- (+) - H F+ - A F+	Puberdade: - G Simples - K (+)	Adolescência: - Somente 1K	Puberdade: - G Simples ® - D F+ ® - F+ ® - F- (F) - Ad (F) - Ban ®	Adolescência: - D F+ ® - F+ ® - F- (F) - Ad (F) - Anat (F) - Ban
<i>Cartão III</i>	Puberdade: - G Simples - Gbl - Dbl - F+ - FC - Objectos - Ban (+)	Adolescência: - G Simples - Gbl (+) - Dbl - F+ - Objectos - Vestuário - Sx/Sg - Ban	Puberdade: - G Simples - D F+ - F+ - F- - H F+	Adolescência: - G Simples - D F+ - F+ - F- (+) - Kan - Kob - H F+ - A F+ (+)	Puberdade: - G Simples - K(+)	Adolescência: - G Simples - K	Puberdade: - G Simples ® - D F+ ® - F+ ® - F- (F) - CF/F (F) - Ad/ Anat (F) - Ban ®	Adolescência: - G Simples ® - D F+ ® - D F- (F) - F+ ® - Ban ® - F- (F) - CF/F (F) - Anat/ Ad (F) - Hd (F)
<i>Cartão IV</i>	Puberdade: - G Simples - G Impres. - F+ - FClob (+)	Adolescência: - G Simples - G Vagos - G Impres. - F+ - F ± - FClob - FE (+) - A (carapaça)	Puberdade: - G Simples - F+ - F- - F ± - H F+	Adolescência: - G Simples - F+ - F- - A F+	Puberdade: - G Simples - K (+)	Adolescência: - G Simples	Puberdade: - G Simples ® - D F- (F) - F+ ® - F- (F) - H irreal (F)	Adolescência: - G Simples ® - D F- (F) - F+ ® - F- (F) - H irreal (F)

<i>Cartão V</i>	Puberdade: - G Simples - F+ - Ban	Adolescência: - G Simples - G Impres. - F+ - FC - A (carapaça) - Ban	Puberdade: - G Simples - D F+ - F+ - A F+	Adolescência: - G Simples - F+ - Kan - A F+	Puberdade: - G Simples	Adolescência: - G Simples	Puberdade: - G Simples ⊕ - D F+ ⊕ - F+ ⊕ - H Irreal (F) - Ad (F) - Ban ⊕	Adolescência: - G Simples ⊕ - F+ ⊕ - Ban ⊕
<i>Cartão VI</i>	Puberdade: - G Simples - G Vagos - D F+ - F+ - F ± - FE - A (carapaça) - Objecto - Ban	Adolescência: - G Simples - G Impres. - D F+ - F+ - FC - FE - A (carapaça) - Ban	Puberdade: - G Simples - D F+(+) - F+ - A F+	Adolescência: - G Simples - D F+ - F+ - F- - Kan - A F+	Puberdade: - G Simples	Adolescência: - G Simples	Puberdade: - G Simples ⊕ - G Vagos (F) - D F+ ⊕ - F+ ⊕ - Ad (F) - Ban ⊕	Adolescência: - G Simples ⊕ - D F+ ⊕ - D F- (F) - F+ ⊕ - F- (F) - Ban ⊕
<i>Cartão VII</i>	Puberdade: - G Simples - Gbl - F+	Adolescência: - G Simples - Gbl (+) - F+ - F ± - Hd	Puberdade: - G Simples - D F+ - F+ - F- - Kan - H - A F+	Adolescência: - G Simples - D F+ - F+ - F- (+) - Kan - Kob - H - A F+	Puberdade: - G Simples - K (+)	Adolescência: - G Simples - K	Puberdade: - G Simples ⊕ - D F+ ⊕ - F+ ⊕ - F- (F)	Adolescência: - G Simples ⊕ - D F+ ⊕ - F+ ⊕ - F- (F) - Ad (F) - Anat (F) - Hd (F)
<i>Cartão VIII</i>	Puberdade: - F+ - F ± - FC - Objecto - Vestuário - Ban	Adolescência: - G Simples - Gbl - F+ - F ± - FC - A (carapaça) - Vestuário - Ban	Puberdade: - D F+ - Dd - F+ - F- - Kan - A F+	Adolescência: - G Simples - D F+ - F+ - F- - A F+	Puberdade: - G Elaborado - K	Adolescência: - G Simples	Puberdade: - D F+ ⊕ - D F- (F) - Dd (F) - F+ ⊕ - F- (F) - CF/F (F) - H Irreal/ - Hd/ Ad (F) - Ban ⊕	Adolescência: - G Simples ⊕ - D F+ ⊕ - D F- (F) - F+ ⊕ - F- (F) - CF/F (F) - Hd/ Ad (F) - Anat (F) - Ban ⊕
<i>Cartão IX</i>	Puberdade: - Gbl - F+ - F ± - Dbl - FC - Objectos - Vestuário	Adolescência: - G Simples - G Impres. - Gbl - Dbl - F ± - FC - Objectos	Puberdade: - D F+ - Dd - F- - Kob - H - A F+	Adolescência: - G Simples - D F+ - F- - Kob - H - A F+ - Elementos	Puberdade: - G Simples - K	Adolescência: - G Simples - K	Puberdade: - D F+ ⊕ - D F- (F) - Dd (F) - F- (F) - CF/F (F) - H irreal (F) - Ad (F)	Adolescência: - G Simples ⊕ - D F+ ⊕ - D F- (F) - F- (F) - CF/F (F)
<i>Cartão X</i>	Puberdade: - G Simples - Dbl - Ban - F+ - F ± - FC - A (carapaça) - Objectos - Vestuário - Ban	Adolescência: - G Simples - Gbl - Dbl - F+ - F ± - FC - A (carapaça) - Objecto - Vestuário - Ban	Puberdade: - G Simples - D F+ - F+ - F- - Kan - Kob - A F+ - Elementos	Adolescência: - G Simples - D F+ - F+ - F- - Kan - Kob - A F+ - Elementos - Certa	Puberdade: - G Simples - K	Adolescência: - G Simples	Puberdade: - G Simples ⊕ - D F- (F) - F+ ⊕ - F- (F) - H irreal (F) - Hd (F) - Ban ⊕	Adolescência: - G Simples ⊕ - D F+ ⊕ - D F- (F) - F+ ⊕ - F- (F) - CF/F (F) - Hd (F) - Sg/Sx (F) - Ban ⊕

10. DISCUSSÃO E REFLEXÃO CRÍTICA

A tese de mestrado apresentada tem como objectivo estudar a adolescência e as suas variadas expressões. Propusemo-nos aqui estudar as barreiras de contacto dos jovens como indicadores da mobilidade de processos psíquicos. Anteriormente, já evidenciámos as várias dificuldades sentidas neste percurso, tendo sido diversas as barreiras encontradas. A primeira foi imediatamente a iniciação à Psicanálise, à sua terminologia técnica e aos seus conteúdos infindáveis. E, esta linguagem foi sentida por nós como uma das maiores barreiras a transpor no decurso desta investigação. A linguagem específica, diríamos até que um pouco elitista, que convém a qualquer sintaxe dita científica e que se ambicione de técnica, funciona na sua essência como uma barreira. É uma barreira separadora entre cientistas e investigadores de um lado, e os restantes mortais do outro, mas que permite diferenciar profissionais especializados dos não especializados, permite segurar o conhecimento de um dos lados e tornar esse mesmo conhecimento ilegível para todos os outros leigos. Contudo, como boa barreira que é, possibilita também a ligação exactamente porque separa, pelo que, gradualmente os pontos de contacto foram emergindo e a criação foi possível, a criação da presente tese.

10.1. Discussão de Resultados:

No *quadro síntese de resultados* destacam-se nalguns cartões processos diferenciados nos dois grupos (adolescentes e púberes) e diferenças no género (rapazes e raparigas). Assim, no Cartão I as diferenças residem no maior recurso aos Gbl e aos F na adolescência, em especial nos rapazes. Observa-se neste grupo uma extrema sensibilidade a este cartão (relacionada como o conteúdo latente do mesmo), surgindo a necessidade de enfatizar a separação. No cartão II, mantém-se esta conduta adolescentes, tanto no feminino como no masculino, sendo frequentes as derrapagens formais, o que reflecte a dificuldade em elaborar o conteúdo latente deste cartão no emergir das pulsões. Enquanto que nos púberes dominam os G simples e aparecem as K, mostrando uma maior facilidade de elaboração. Estas condutas mantêm-se no Cartão III, os G simples, as cinestésias e as Ban são frequentes nos púberes, enquanto que nos adolescentes prevalecem os D, os F- e os A. No

entanto, surgem neste grupo as pequenas cinestésias e os determinantes sensoriais, reflectindo movimentos internos intensos e a excitabilidade pelo externo. No cartão IV, a principal diferença reside nos determinantes utilizados na apreensão dos perceptos, assim os adolescentes utilizam os esbatimentos associados a conteúdos animais, enquanto que os púberes recorrem aos FClob, a K associadas a conteúdos H irreais. O que nos remete para a prevalência de condutas passivas nos primeiros e de activas nos segundos. No cartão V, não surgiram diferenças significativas. Enquanto que, no Cartão VI surge nos jovens púberes uma conduta de compromisso entre interno e externo (D F+), mas uma apreensão dominante em G associado a determinantes sensoriais e grande prevalência de F- nos adolescentes, surgindo uma dificuldade notória de elaboração e de erupção do interno, que o funcionamento psíquico não consegue elaborar e que a barreira não contém. No próximo cartão VII, mantém-se o mesmo estilo de apreensão, encontrando os adolescentes uma maior dificuldade de contenção e de negociação (Gbl, F-), enquanto que os púberes mantêm uma conduta mais adaptativa e superficial do estímulo. O Cartão VIII traduz-se num estímulo mais sensível para os rapazes de ambos os grupos (F- e sensoriais). No Cartão IX, as tendências invertem-se e são os adolescentes que conseguem realizar uma apreensão mais adaptativa neste cartão, revelando aqui um compromisso possível entre interno e real, evidenciando importantes capacidades de separação, comunicação e negociação de pólos. Por fim, no Cartão X esta tendência mantém-se, desorganizando mais os jovens púberes que ainda não conseguem reunir e ligar, sendo este estímulo vivido com alguma angustia, enquanto que os adolescentes recorrem a condutas mais adaptativas como as Ban, mas simultaneamente elaborando a emergência de conteúdos internos (Kob e Kan) utilizando predominantemente condutas activas.

Da análise efectuada aos protocolos dos *jovens púberes*, observamos à partida uma separação incisiva entre interno e externo, encontramos expressa a necessidade de separar, de diferenciar e de sisar, para não haver risco de fusão e de confusão. Esta necessidade de enfatizar os limites coexiste com a necessidade de contestação e experimentação dos mesmos, de forma a perceber a sua firmeza e a sua plasticidade, parte do processo de estabilização dos limites passa pelo seu conhecimento e, este conhecimento exige a experimentação. Observámos também a ameaça constante que estes limites sofrem, tanto das pressões internas através das pulsões (com maior intensidade nos rapazes), como das externas através da excitabilidade provocada pelo real (com maior intensidade nas

raparigas). Estas tensões dificultam os processos de comunicação e de negociação, encontrando os jovens como resolução para este conflito a rigidez dos contornos. Todavia emergem ocasionalmente as tensões que tomam lugar à expressão, accionando já importantes elos de ligação e estabelecendo algumas pontes comunicantes, essenciais para o crescimento do funcionamento psíquico dos jovens púberes. Contudo, detectamos ainda alguma imaturidade de processos consonante com a idade dos jovens, não estando as funções da barreira de contacto totalmente operacionais, encontramos ainda diversas fragilidades de funcionamento e uma importante rigidez que consideramos características desta fase de desenvolvimento. Nos processos dialécticos, observamos uma predominância dos elos com o pólo da realidade, sendo a realidade usada predominantemente como uma defesa contra a fantasia. O exacerbamento do pólo da realidade e a excessiva racionalização impedem o estabelecimento de uma troca dinâmica entre o pólo da realidade e o pólo da fantasia, o que possibilitaria a criação da imaginação. A ressonância dialéctica dos significados da realidade e da fantasia é limitada.

Da análise efectuada aos protocolos dos *jovens adolescentes*, observamos que no geral, este grupo afasta-se cada vez mais do padrão, dos dados normativos esperados, afastando-se ainda mais da norma, o que consideramos estar directamente relacionado com o eclodir da “crise adolescente”, ou seja, encontramos aqui os processos transformacionais adolescentes no seu rubro, sendo a linha que separa um funcionamento normativo de um patológico bastante ténue face à intensidade de processos. Encontramos em acção algumas características fundamentais do funcionamento da barreira de contacto, observamos neste grupo uma diferenciação efectiva entre interno e externo, todavia a pára-excitação de movimentos internos e externos torna-se de difícil controlo. Acentua-se neste grupo a necessidade de contestamento da firmeza dos traços e das orlas, assim como, de experimentação dos limites, denotando uma significativa insegurança das barreiras com contornos mais porosos e menos contentores. Observámos também a ameaça constante que estes limites sofrem, tanto das pressões internas através das pulsões, como das externas através da excitabilidade provocada pelo real, que se intensificam e muito nesta fase de desenvolvimento. Estas tensões exigem um processo contínuo de comunicação, de compromisso e de negociação, encontrando os jovens como resolução para este conflito a flexibilidade dos contornos, a plasticidade da barreira que permite a passagem e o movimento de vaivém entre pólos e entre processos. Observamos assim a existência de

importantes elos de ligação, a existência de pontes comunicantes, fundamentais para o crescimento do funcionamento psíquico dos jovens em pleno desenvolvimento. Contudo, observamos ainda alguma imaturidade de processos, coexistindo a infantilidade com a vontade de “ser crescido”. A dialéctica da realidade e da fantasia entra em colapso na direcção da fantasia, ou seja, a realidade é submergida pela fantasia. Todavia, não se observa uma negação do real, nem a incapacidade de simbolizar/ representar, tal como foram descritos por Ogden (1985).

10.2. Conclusões:

Reunir os traços encontrados não se revela tarefa fácil nesta investigação, porque foram diversas as características encontradas e o seu curso futuro de difícil previsão. A intensidade e a mobilidade de processos torna árdua a tarefa de reunir, ligar e transformar, contudo tarefa fundamental para justificar a pertinência do trabalho aqui apresentado. Contudo, face à pluralidade de processos psíquicos e face às especificidades de cada um dos protocolos estudados, foi sendo possível encontrar pontos de contacto e encontrar “continentes” que contivessem os pensamentos emergentes, e foi assim possível para estes iniciandos curiosos dar os primeiros passos na descoberta da teoria psicanalítica.

Ao longo deste trabalho abordámos a adolescência na sua essência como um processo de mudança e é exactamente este processo o mais difícil de ser sintetizado. A mudança implica uma oscilação dinâmica entre descontinuidade e continuidade, entre dispersão e integração, implica o jovem ter já adquirido a capacidade de pensar sobre si e sobre o mundo, é necessário que tenha constituído um espaço mental que o permita imaginar, experienciar e criar. O essencial da problemática do adolescente passa justamente por estas dimensões de forte conflitualidade e de intensa tensão interna, objectal e relacional que mobiliza novos processos de ligação, transformação e simbolização (Marques, 1999) – processos assegurados pelas barreiras de contacto. Os processos de separação, de ligação e de criação deverão ser fundamentais e dominantes no decorrer deste período de desenvolvimento.

O presente trabalho propôs-se a reflectir sobre o paradigma da barreira de contacto de Bion (1963/1979), apoiando-se nos fenómenos transitivos estudados por Winnicott (1953) e do espaço potencial desenvolvido por Ogden (1985), como paradigmas que permitem o

alargamento do conhecimento sobre o processo adolescente. Deste modo, propusemo-nos por um lado, desenvolver a própria metodologia Rorschach, permitindo que esta se torne mais sensível à análise e à avaliação das características do processo adolescente e por outro lado, aprofundar o conhecimento sobre o processo adolescente à luz do paradigma de barreira de contacto utilizando o próprio instrumento como uma via-rápida de acesso a estes conhecimentos, que como foi explicitado remete por si mesmo para o posicionamento do sujeito num espaço intermediário e potencial, reactivando a barreira de contacto. Explorámos no Rorschach as manifestações das barreiras de contacto e procurámos identificar os procedimentos de análise que nos permitissem aceder a esta instância psicológica, que constituiu um importante eixo de análise para o conhecimento da adolescência.

A barreira de contacto constitui a coluna vertebral que sustentou a presente investigação, sendo a ponte de contacto entre a adolescência e o Rorschach. Consideramos que o estudo destes processos constitui uma mais valia para a descrição e caracterização da adolescência, pelo que, nos pareceu pertinente estudar as características que estas barreiras vão tendo ao longo do desenvolvimento do ser psicológico, observando mais de perto a sua formação, transformação, complexificação e criação no decorrer de todo este processo, partindo da puberdade observámos as suas alterações até chegar à idade adolescente.

Da reunião dos traços encontrados até aqui, podemos em linhas gerais considerar que a existência da barreira de contacto é inquestionável, sendo relativamente fácil encontrar evidências das suas funções em plena acção. Sintetizar a sua pluralidade por outro lado já se revela de maior dificuldade, a sua execução é no entanto o cerne desta tese. Na exploração dos protocolos estudados, encontramos evidências inquestionáveis da existência de uma barreira de contacto que separa, que selecciona e que diferencia conteúdos psíquicos, objectos internos de externos, processos conscientes de inconscientes, uma barreira que permite a ligação e a comunicação. Testemunhámos assim a existência nos jovens de uma barreira funcionante que assegura estas funções vitais para o funcionamento psíquico, mas ainda com traços acentuados de imaturidade de processos. Conclui-se esta investigação com a sugestão de possíveis futuras investigações e com a reflexão de pontos menos positivos da mesma. Começando pelo fim, um dos aspectos menos positivos foi indubitavelmente a dificuldade em estudar uma amostra mais numerosa, pois para que se possa realmente chegar a conclusões, a investigação e a

testagem deverá ser representativa da população-alvo em estudo, neste caso a população adolescente, o que não foi possível nesta investigação. Outro dos pontos menos positivos, constitui a utilização da amostra de um grupo de jovens a frequentar currículo alternativo, o que aponta imediatamente para jovens com problemas de aprendizagem, podendo estes problemas estarem relacionados com perturbações emocionais, contudo tal ligação não é mandatória ou pré-determinada, daí a utilização do grupo neste estudo. Por outro lado, consideramos que o Rorschach enquanto metodologia de descrição e observação apresenta imensas potencialidades, muitas das quais a serem ainda estudadas. Nesta investigação, procurámos identificar indícios das manifestações das barreiras de contacto através dos procedimentos Rorschach. Todavia, a grelha auxiliar aqui apresentada, parece-nos ainda pouco sistémica, tendo a necessidade de abranger todos os factores possíveis imperado sobre a necessidade de sintetizar.

No que se refere a propostas para futuras investigações, indubitavelmente o estudo do processo adolescente oferece múltiplas possibilidades e múltiplos questionamentos, especificamente o estudo da barreira de contacto apresenta ainda várias potencialidades a explorar. Nomeadamente, poderá ser interessante analisar alguns aspectos longitudinais, que poderão permitir confirmar ou infirmar as previsões sobre o desenvolvimento da barreira de contacto, quer em termos de saúde mental, quer em termos de patologia. Poderão também ser explorados vários momentos do processo adolescente, quer seja a entrada com a puberdade, a adolescência propriamente dita e também o final da adolescência com a entrada para o mundo adulto. Neste estudo, analisámos as diferenças entre puberdade e adolescência, contudo consideramos que o vector de criação e transformação deverá estar mais evidenciado no final do processo adolescente, no qual as tensões acalmam e os processos de crescimento serão mais visíveis.

Na presente investigação, pretendeu-se essencialmente explorar alguns processos psíquicos que nos poderão auxiliar a compreender e a conhecer mais profundamente o processo adolescente através da metodologia projectiva. Nunca foi nossa pretensão acrescentar importantes conhecimentos às teorizações já existentes, mas sim reunir os conhecimentos teorizados já estabelecidos, com o objectivo de que esta gestalt traga em si algo de novo, que permita uma nova perspectiva, a transformação e a criação. Resta-nos dizer, que a presente investigação foi pouco mais além de tudo aquilo que já tinha sido referenciado na revisão de bibliografia, mas revelou-se um excelente meio de

enriquecimento e de formação pessoal, o qual permitiu uma aquisição de conhecimentos e aprendizagens inestimáveis, possivelmente, das mais importantes e representativas de todo o processo do mestrado frequentado. Esta tese constitui na sua essência o diário deste percurso, um percurso de formação profissional e pessoal, uma jornada de crescimento e maturação, de exploração e acima de tudo foi um exercício às técnicas de investigação apreendidas, um exercício aos conhecimentos adquiridos e ao desenvolvimento de autonomia. O valor deste trabalho não está tanto numa contribuição relevante para o evoluir das teorias e do conhecimento na comunidade cientista, em particular no avanço da teoria psicanalítica já tão grandiosamente desenvolvida e investigada por várias “mentes brilhantes” dos nossos dias, o seu valor reside sobretudo no facto de consistir um enriquecedor exercício aos conhecimentos e maturações permitidas pela frequência profissionalizante de um mestrado.

E, terminando da mesma forma que iniciámos esta tese de mestrado, a principal conclusão deste trabalho passa pela aprendizagem que nos possibilitou, estudámos e aprendemos também aqui, que ainda há muito por descobrir sobre os jovens adolescentes e que o Rorschach é um excelente meio de acesso a estas descobertas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bleichmar & Bleichmar (1992). *A Psicanálise depois de Freud: Teoria e clínica*. São Paulo: Artmed Editores Lda.
- Bion, W.R. (1963/ 1979). *Aux sources de l'expérience*. Paris: P.U.F.
- Bion, W. R. (1963/ 1979). *Eléments de la Psychoanalyse*. Paris: P.U.F.
- Bion, W.R. (1966). Catastrophic change. *Scientific Bulletin of the British Psychoanalytic Society*, n^o5.
- Blos, P. (1962). *On adolescence: A psychoanalytic interpretation*. New York: The Free Press.
- Brown, L. J. (1987). Borderline personality organization and the transition to the depressive position. In Grotstein, J.S., Salomon, M.F. & Lang, J.A. (Eds), *The borderline patient: Emerging concepts in diagnosis, psychodynamics and treatment* (pp. 147-180). Hillsdale: Analytic Press.
- Cabral, M.F. (1998). *Pensar a emoção: O processo psicanalítico como reconstrução da barreira de contacto*. Lisboa: Fim de Século Edições Lda.
- Chabert, C. (1998). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coleman, J. (1985). *Psicologia de la adolescencia*. Madrid: Marata.
- Dias, C.A. (1986). Dépression et état -limite à l'adolescence. In Bergeret, J. (Ed), *Narcissisme et états -limites* (pp. 36-42). Paris: Presses Université Montréal.

- Dias, C. A. (1988). *Para uma Psicanálise da relação*. Porto: Afrontamento.
- Dias, C. A. & Fleming, M. (1999). *A Psicanálise em tempo de mudança: Contribuições teóricas a partir de Bion*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Erikson, E. (1968/ 1972). *Adolescence et crise*. Paris: Flammarion.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia*. Porto : Afrontamento.
- Freud, A. (1958). Adolescence. *The Psycho-analytic study of the child n°13*.
- Freud, S. (1980). *Obras completas de S. Freud em XXIV volumes : Volume III primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899)*. Rio Janeiro: Imago Editora.
- Giovacchini, P.L. (1987). The borderline state, the transitional object and the psychoanalytic paradox. In Grotstein, J.S., Salomon, M.F. & Lang, J.A. (Eds), *The borderline patient: Emerging concepts in diagnosis, psychodynamics and treatment* (pp. 181-204). Hillsdale: Analytic Press.
- Grotstein, J.S. (1978). Inner space: Its dimensions and its coordinates. *Journal of Psycho-analyses, n°59*, pp.55-60.
- Klein, M. (1948). *Essais de Psychanalyse*. Paris : Payot Libraire.
- Marques, M.E. (1994). Do desejo do saber ao saber do desejo: Contributos para a caracterização da situação projectiva. *Análise Psicológica, 12 (4)*, pp.431-439.
- Marques, M.E. (1994). Metodologia projectiva e a avaliação psicológica na(s) adolescência(s): O(s) sentido(s) do(s) sentido(s). *Análise Psicológica, 12 (4)*, pp.473-479.
- Marques, M.E. & Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. *Análise Psicológica, 12 (4)*, pp.459-462.

- Marques, M.E. (1999). *A psicopatologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, A. C. (2002). *A adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ogden, T.H. (1985). On potencial space. *International Journal of Psycho-analysis*, n°66, pp.129-140.
- Ogden, T.H. (1992). The dialectically constituted/ descentred subject of Psychoanalysis II: The contributions of Klein and Winnicott. *International Journal of Psycho-analysis*, n° 73, pp. 613-625.
- Piaget (1945/1975). *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Sá, E. (1992). *A maternidade e o bebé*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2003). *Textos com psicanálise*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2003). *Adolescentes somos nós*. Lisboa: Fim de Século.
- Weiner J. B. (1995). *Perturbações psicológicas na adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian.
- Winnicott, D.W. (1953). Transitional objects and transitional phenomena: A study of the first not-me possession. *International Journal of Psycho-analysis*, pp. 255-271.
- Winnicott, D.W. (1971/1982). *Playing and reality*. New York: Routledge Publication.
- Zimmerman, D.E. (1995). *Bion: Da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXOS

1. Protocolos Rorschach de Jovens Pubertários

Protocolo 1

Nome: Ana F.

Idade: 14 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
Cartão I: 1 – Isto parece um morcego. Gosto muito de cores pretas.	Foram as asas e o ser preto.	G FC' A Ban Com. Cor
Cartão II: 2 – ↓ Parece uma borboleta!	As asas, a cabeça, aquelas coisas que tem nas pontas das asas, aqui devia estar o corpo (branco).	Gbl F- A
Cartão III: 3 – Ai, Meu Deus! Isto aqui são duas pessoas com umas guitarras. Assim numa mesa, estão curvadas, estão um bocado esquisitas! 4 - Um laço para enfeitar, que é marido e a mulher.	Pessoas (negros lat.) Mesa (negro central) Guitarras (verm.lat.) (verm. Central)	G K H Ban Com. Sub. D F+ Obj. Ban
Cartão IV: 5 – Isto aqui diria que é o Hulk se fosse verde! Com cauda, pés enormes, cabeça pequenina e as mãos, a fazer um dedo feio. Deus castiga por fazer isso. 6 - É um dinossauro dos tempos antigos!	Foi por ser grande! Tanto pode ser o Hulk, só falta ser verde, mas também pode ser um dinossauro se virmos na cauda, o pescoço.	G KClob (H) Com. Sub. G F+ A
Cartão V: 7 – Isto aqui parece uma borboleta quando saem do casulo, com as asas muito esquisitas, com as patitas e as antenas.	Foi as asas, se fosse às cores era bonita. Ela tem uma abertura na cabeça.	G F+ A Ban Com. Cor
Cartão VI: 8 - Ai Meu Deus! Parece aquele gato, o Tomy quando está atrás do rato. Falta o rabo, cortaram-no, ele está esticado!	Está deitado, todo aberto à espera que o Jerry passe por cima dele para o apanhar. Ele é muito esperto.	G F+ A Com. Sub.

<p>Cartão VII:</p> <p>Ai Meu Deus! O que é isso?!</p> <p>9 - Parecem duas pessoas com uma coisa na cabeça. Com o corpo virado ao contrário, com umas roupas um pouco esquisitas, querem-se beijar! Falta o coração!</p>	<p>Foi aqui, devem estar de pernas para o ar, penduradas por qualquer coisa... São duas mulheres dos tempos antigos, com aqueles penteados assim, para o alto!</p>	<p>G K H Com. Sub.</p>
<p>Cartão VIII:</p> <p>10 – Que engraçado! São duas panteras cor-de-rosa a subir uma montanha. Querem chegar ao topo para ver quem chega primeiro. Mas não há nenhuma que chegue primeiro, estão quase a lá chegar! A montanha é às cores... É para ver quem é o dono da montanha.</p>	<p>Estas são as panteras, parecem e são cor-de-rosa. Parece-me uma montanha toda colorida.</p>	<p>(D)G FC A/Cena Ban</p>
<p>Cartão IX:</p> <p>11 – Ai o que é isto?! É um daqueles bonecos que deu na TV do DragonBall... o C19, tinha uma cabeça esquisita, penteados malucos, os olhos em triângulo, o corpo esquisito!</p> <p>12 - Parece também um depósito de água!</p>	<p>Por causa aqui da cabeça dele (rosa), com coisas na cabeça e com estas cores todas.</p> <p>(Verde e Laranja) Faz lembrar a água, a cor!</p>	<p>D bl FC (H)</p> <p>D FC Obj/Elem.</p>
<p>Cartão X:</p> <p>13 – Ai, Meu Deus! São passarinhos.</p> <p>14 - Girinos.</p> <p>15 - Tarântulas e a comida delas.</p> <p>16 – Escaravelhos.</p> <p>17 - Este é o rei deles todos, peixe esquisito só com um olho ou então esta é a parte detrás e tem dois olhos!</p> <p>18 - Tem estes montes, flores do mar.</p> <p>Aqui não podem passar periquitos para cima e escaravelhos para baixo. Está giro, não está!</p>	<p>(amarelo)</p> <p>(castanho)</p> <p>(azuis e verde)</p> <p>(cinzento)</p> <p>(laranja central) É tudo dentro de água!</p> <p>(rosa)</p> <p>(azul central)</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F- A</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p> <p>D F- A</p> <p>D F - Bot</p>

Prova de Escolhas:

- + VI e VIII - porque gosto do gato e tem os animais que mais gosto, a pantera.
- IX e IV - parece um depósito, é um bocado esquisito, os dois!

PSICOGRAMA – Protocolo 1

R 18	G 9 (1Gbl)	F+ 7	A 11	G % 50%
Recusa 0	D 8	F- 4	Ad 0	D % 44%
	Dd 0	F± 0	H 4	Dd% 0
	Dbl 1		Hd 0	Dbl% 6%
Ban 6		K 3	Cena 1	
Orig 0	Do 0	Kp 0	Vest. 0	
		Kan 0	Anat 0	F % 61 %
		Kob 0	Bot 1	F+ % 64 %
			Elem 1	
		FC 4	Fragt 0	Fa % 106%
		CF 0	Geo 0	Fa+% 74%
		C 0	Nat 0	
			Obj 2	
		FE 0	Simb 0	A % 61%
		EF 0	Sng 0	H % 22%
		E 0	Sx 0	
		FClob 1		
		ClobF 0		
		Clob 0		

Sucessão

Tipo Apreensão	<u>G</u>	<u>D</u>	<u>Dd</u>	<u>Dbl</u>	Elementos Qualitativos:	
TRI 3K ; 2C					Choques 0	Obs. Cor 2
FC 0k; 0E					Eq. Choques 0	Obs. Sim. 0
RC 50%					Preservação 0	Obs. Sbj. 4
IA 0					Crit. Obj. 0	

Protocolo 2

Nome: Maria B.

Idade: 14 anos

Respostas	Inquérito	Cotação		
Cartão I: 1 – Um anjo. Não, dois anjos.	Porque tem estas asinhas. Um de cada lado (D lat).	G	F+	(H)
Cartão II: 2 - Parece uns coelhinhos.	Por causa destas partes, as orelhas. Estão de frente. Aqui são as patas (D negro).	D	F+	A Ban
Cartão III: 3 – Isto são pessoas. Estão a mexer ... 4 - Na água.	Por causa das cabeças. A água porque tem esta claridade aqui.	G D bl	K C'	H Ban Elem
Cartão IV: 5 - ↓ Esta parece um monstro. Está virado de pernas para o ar.	Estas duas partes... esta deve ser a parte da pele... do lombo, parte das patas, a cabeça dele (D inferior) e aqui a parte de trás (D superior).	G	FClob	(H)
Cartão V: 6 - Isto é um morcego.		G	F+	A Ban
Cartão VI: 7 - Isto dá-me a impressão de ser um gato.	Por causa das patas e destas coisinhas aqui (bigodes). Está direito, tem a pele toda (risse)! A parte da espinha (eixo), a parte do focinho dele.	G	F+	A
Cartão VII: 8 - Isto já é complicado! (...) Dá-me a impressão de ser um porco.	Por causa destas duas partes (1º terço). Aqui a cabeça (2º terço), as patas (3º terço) e a parte de cima (1º terço). São dois, um de cada lado.	G Com. Suj.	F-	A
Cartão VIII: 9 - Isto parece uma floresta... 10 - Com dois lobos. Estão a subir!	Esta parte deve ser a parte da terra (rosa). Porque parecem lobos, pela cabeça. E, as cores fazem lembrar a floresta.	D D	CF F+	A A Ban
Cartão IX: 11 - Isto aqui deve ser dois búfalos. 12 - Isto deve ser a parte da terra. 13 - E aqui dá a impressão de ser água.	(rosa e verde) Por causa do focinho. (laranja) Por causa destas cores (D central).	D D D	F- F± C	A Elem. Elem.

Cartão X:		
14 - Isto parece aranhas, coisa que detesto. Folhas, as aranhas a agarrarem as folhas.	(azul e verde)	D Kan A Ban Com. Suj.
15 - Humm! Isto parece moscas.	(castanho)	D F- A
16 - Água.	(azul central)	D C Elem.
17 - Isto são passarinhos.	(amarelo)	D F+ A
18 - Umas formiguinhas.	(cinzento)	D F+ A
19 - E isto deve ser terra.	(laranja)	D F± Elem.

Prova de Escolhas:

+ I e VI isto é um gato e eu adoro gatos, tenho muitos! E gosto de anjos. A minha avó tem o quarto cheio de anjos e santos.

- VI e V isto são coisas da noite e eu não gosto de coisas da noite. Morcegos são peganhentos e este bicho parece um monstro e não gosto dele e das aranhas (X).

PSICOGRAMA – Protocolo 2					
R 19	G 6	F+ 7	A 11	G % 32%	
Recusa 0	D 12	F- 3	Ad 0	D % 63%	
	Dd 0	F± 2	H 3	Dd % 0	
Ban 5	Dbl 1	K 1	Hd 0	Dbl % 5%	
Orig 0	Do 0	Kp 0	Cena 0		
		Kan 1	Alim 0	F % 63%	
		Kob 0	Anat 0	F+ % 67%	
		FC 0	Arq 0	Fa % 79%	
		CF 1	Bot 0	Fa+ % 73%	
		C 2	Elem 5		
		FE 0	Vest 0	A % 58%	
		EF 0	Fragt 0	H % 16%	
		E 0	Geo 0		
		FClob 1	Geol 0		
		ClobF 0	Nat 0		
		Clob 0	Obj 0		
			Pais 0		
			Simb 0		
			Sng 0		
			Sx 0		
Sucessão					
Tipo Aprecensão			Elementos Qualitativos:		
	G	D	$\overline{\text{Dd}}$	Dbl	
TRI 1K; 4C					Choques 0
FC 1k; 0E					Eq. Choques 0
RC 58%					Preservação 0
IA 0					Crit. Obj. 0
					Obs. Cor 0
					Obs. Sim. 0
					Obs. Sbj. 2

Protocolo 3

Nome: Ana M.

Idade: 14 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
Cartão I: 1. Uma máscara de wrestling, tipo daquelas que os malucos usam.	Tipo uma pintura na cara, os olhos, as orelhas, isto parece aquelas coisas que se metem por cima do nariz.	Gbl F+ Mas.
Cartão II: 2. Parece duas pessoas.	Foi a cabeça, a forma das mãos. Estão a dar as mãos.	G K H
Cartão III: 3. Humm, o que me parece?! Isto parece-me duas guitarras. 4. Duas pessoas.	É o símbolo do rock in rio. Estão a fazer alguma coisa e isto parece-me uma tigela. Então, as cabeças, as botas, (ri) são pernetas. É a minha mãe e a minha tia a fazerem filhoses.	D F+ Obj. G K H Ban Obs. Subj.
Cartão IV: 5. Ai mãe! Parece um monstro ... a vomitar. A vomitar alguma coisa.	Porque a cabeça é pequena os pés desproporcionados, os braços esquisitos. E, isto parece vômito	G KClob (H)
Cartão V: 6. Este é fácil... parece uma borboleta. Só uma borboleta.		G F+ A Ban Crit. Obj.
Cartão VI: Ah! O que isto me parece?! (...) Sei lá! 7. Parece-me um tigre. Mas tem que ser daqueles que as pessoas nojentas compram para meter no chão.	Foi por causa dos bigodes e da cabeça.	G F+ A Ban
Cartão VII: Oh, não! (...) 8. Parece-me dois coelhos. Estão gordos. Estão a descer.	Foram as orelhas (D sup.)	G Kan A
Cartão VIII: Este é mais colorido! Já reflecte mais a minha personalidade. 9. A parte de cima parece-me uma serra. Este está todo por bocados! 10. Dois camaleões. 11. Esta parte debaixo, o caminho para o céu. Isto está-se a abrir e lá ao fundo está qualquer coisa, tipo ghost!	(verde) Porque tem aqui os dentes. A forma da cabeça, as patas. Foi mesmo por ir aclarando e o cliché da luz branca ao final do túnel.	Obs. Subj. / Obs. Cor D F- Obj. D F+ A Ban Dd C' Abst.

Cartão IX: Oh lá! Este também é complicado! Não tem formas muito distintas. 12. Faz-me lembrar um cálice... o cálice de fogo do Harry Potter.	Foram as cores e a forma, isto parece a base (rosa), a taça azul, os efeitos ou chamas e até tem as asas para agarrar.	Gbl FC Obj. Crit. Obj.
Cartão X: Este é o mais giro! Parece aquelas fotografias de fantasia! 13. Fadas com asas. 14. Com dois sapos. 15. Uma espada partida, presa nalgum sitio especial. Parece tudo formas indistintas, de um reino de fantasia.	(verde) Parece-me uma pequena fada, tipo a sininho. (castanhos) (cinzento)	Crit. Obj. D F- (H) D F+ A D F+ Obj.

Prova de Escolhas:

+ V e X - gostei da borboleta e gostei da fada.

- IV e VIII – Não gosto de monstros e este acho que foi do caminho, não acredito.

<i>PSICOGRAMA – Protocolo 3</i>									
R 15	G 8	F+ 7	A 5	G % 53%					
Recusa 0	D 6	F- 2	Ad 0	D % 40%					
	Dd 1	F± 0	H 4	Dd% 7%					
	Dbl 0		Hd 0	Dbl% 0					
	Do 0	K 3	Cena 0						
Ban 4		Kp 0	Abs 1	F % 60%					
Orig 0		Kan 1	Anat 0	F+% 78%					
		Kob 0	Arq 0						
		FC 1	Bot 0	Fa % 100%					
		CF 0	Elem 0	Fa+% 87%					
		C 1	Mas 1						
		FE 0	Fragt 0	A % 33%					
		EF 0	Geo 0	H % 27%					
		E 0	Geol 0						
		FClob 1	Nat 0						
		ClobF 0	Obj 4						
		Clob 0	Pais 0						
			Simb 0						
			Sng 0						
			Sx 0						
Sucessão									
Tipo Aprecensão									
	<u>G</u>	<u>D</u>	Dd	<u>Dbl</u>					
TRI 3k; 2C									
FC 1k; 0E									
RC 47%									
IA 0									
Elementos Qualitativos:									
Choques 0				Obs. Cor 1					
Eq. Choques 0				Obs. Sim. 0					
Preservação 0				Obs. Sbj. 3					
Crit. Obj. 3									

Protocolo 4

Nome: Vanessa S.

Idade: 14 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
<p>Cartão I:</p> <p>1. Visto à primeira, é esquisito! Parece um morcego!</p>	Foi as asas.	G F+ A Ban Crit. Obj.
<p>Cartão II:</p> <p>2. Faz-me lembrar a cara de um tigre.</p>	Foi os olhos vermelhos.	Gbl FC Ad
<p>Cartão III:</p> <p>3. Esta é difícil, não se parece com nada! Isto aqui um laço. Não encontro mais nada!</p> <p>4. ↓ Talvez aqui a cara de um sapo.</p>	(vermelho) Os olhos, o nariz, a boca, a língua.	D F+ Obj. Ban Crit. Obj. Gbl F- Ad
<p>Cartão IV:</p> <p>5. Este aqui talvez um homem.</p>	Foi a cabeça, os pés... tem saltos altos.	G F+ H
<p>Cartão V:</p> <p>6. Este aqui um animal, talvez um coelho.</p> <p>Inq. Limites: Acho que não, nem morcego, nem borboleta porque as asas são diferentes.</p>	(D Central) As orelhas, a cara, as perninhas e mais nada.	D F+ A
<p>Cartão VI:</p> <p>7. Esta é mais difícil! Talvez a cara de um gato, com os bigodes e o nariz! Depois o pescoço e o resto não faz parte do gato.</p>	Foram os bigodes.	D F+ Ad Crit. Obj.
<p>Cartão VII:</p> <p>8. Ah! Duas meninas. Duas caras de meninas com rabo-de-cavalo. Aqui dá para perceber a testa, o nariz e a boca, o pescoço e o corpo todo enrolado. Estão a olhar uma para a outra.</p> <p>9. Também pode ser um coelho por causa do rabo. Isto pode ser a pedra onde eles estejam.</p>	Foi o rabo-de-cavalo. Foi logo porque sobressaiu a cara. O rabo-de-cavalo também pode ser as orelhas de coelho, também é parecido.	G K H G F+ A
<p>Cartão VIII:</p> <p>10. Este aqui é difícil porque não se parece com nada. → Um urso e aqui outro urso.</p> <p>11. ↑ Aqui se calhar podia ser uma borboleta. Isto não se parece com nada.</p>	(rosas lat.) Foi a cabeça que me fez lembrar. (laranja e rosa) É colorido como as borboletas.	D F+ A Ban Crit. Obj. D FC A Crit. Obj.

Cartão IX:				
12. Estas agora são difíceis! Talvez umas caras de pessoas. E mais nada!	As orelhas (laranja), os olhos (branco), o nariz (D central) e a boca (rosa).	Gbl	F-	Hd
		Crit. Obj.		
Cartão X:				
13. Esta é muito difícil (...) Talvez aqui uns animais, não sei o que será! Umas antenas. Acho que não tem mais nada!	(Cinzento) Foram as antenas que me lembraram animais.	D(Dd)	F+	A Ban
		Crit. Obj.		
14. Talvez aqui umas pessoas.	(Amarelo) Os olhos, a cabeça.	D	F-	H
15. Isto aqui também pode ser uns animais. Tipo cavalos marinhos.	(azul central) Foi a cor e aqui parece aquelas trompas que eles têm.	D	FC	A

Prova de Escolhas:

Não foi realizada.

PSICOGRAMA – Protocolo 4									
R 15	G 7	F+ 8	A 7	G % 47%					
Recusa 0	D 8	F- 3	Ad 3	D % 53%					
	Dd 0	F± 0	H 3	Dd % 0					
Ban 4	Dbl 0	K 1	Hd 1	Dbl % 0					
Orig 0	Do 0	Kp 0	Cena 0						
		Kan 0	Alim 0	F % 73%					
		Kob 0	Anat 0	F+% 72%					
		FC 3	Arq 0	Fa % 100%					
		CF 0	Bot 0	Fa+% 80%					
		C 0	Elem 0						
		FE 0	Bem 0	A % 67%					
		EF 0	Fragt 0	H % 27%					
		E 0	Geo 0						
		FClob 0	Geol 0						
		ClobF 0	Nat 0						
		Clob 0	Obj 1						
			Pais 0						
			Simb 0						
			Sng 0						
			Sx 0						
Sucessão									
Tipo Apreensão	G	D	Dd	Dbl					
TRI 1K; 1,5C									
FC 0k; 0E									
RC 40%									
IA 7%									
Elementos Qualitativos:									
Choques	0	Obs. Cor	0						
Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0						
Preservação	0	Obs. Sbj.	0						
Crit. Obj.	7								

Protocolo 5

Nome: Liliana R.

Idade: 14 anos

Respostas	Inquérito	Cotação		
Cartão I:				
1. Uma borboleta.	Pareceram-me asas.	G	F+	A Ban
2. Duas pessoas agarradas.	(D central) Pareceram-me corpos, está um de cada lado.	D	K	H
Cartão II:				
3. Esse agora... parece mesmo duas pessoas.	A mancha em si não tem muito sentido, a cabeça, o corpo e as mãos. Têm as mãos juntas.	G	K	H
		Crit. Obj./	Pres.	
Cartão III:				
4. Oh!!! São só pessoas! São capazes de estar a fazer ginástica, estão abaixados.	A cabeça, as pernas, estes braços não têm muito sentido.	G	K	H Ban
		Pres.		
Cartão IV:				
5. Esta agora! Isto parece umas botas, as pernas de alguém com umas botas. Isto serão braços, é uma pessoa mas sem cabeça.	Porque vi as botas, mas está sem cabeça.	G	F+	Á
Cartão V:				
6. Uma borboleta.		G	F+	A Ban
Cartão VI:				
7. Uhh! ↓ Um espantalho sem cabeça.	Porque vi logo o pau. Tem um casaco e os braços, mas não tem cabeça.	G	F±	Obj
Cartão VII:				
8. ↓ Uma mulher. Porque parece ter a cabeça... duas, uma de cada lado. Estão agaixadas, estão de costas uma para a outra.	3ºterço: cabeça 2ºterço: braços 1ºterço: pernas.	G	K	H
Cartão VIII:				
9. ↓ Uma camisa.	(laranja) Parece roupa, aqui onde se colocam os braços.	D	F+	Vest.
10. Top tem um fio.	(verde) Tem aqui aqueles fios para atar nas costas, que os tops têm.	D	F+	Vest.
11. → Parece-me um animal porque tem quatro patas.	(rosa) Foram as patas.	D	F+	A Ban
12. ↓ Cabeça de veado, tem aqui os cornos.	(verde claro) Esta parte aqui lembraram-me cornos.	D	F-	Ad
Cartão IX:				
13. ↓ Um vestido com encharpe. Faz-me lembrar os pompons dos vestidos antigos e a roda em baixo, dão essa impressão.	(rosa) Parte de cima. (laranja) Parte de baixo. (verde) Encharpe.	Gbl	FC	Vest.
		Pres.		

Cartão X:					
14. Os olhos (amarelo), bigode e nariz (verde).		Lembrou-me logo um bigode.	D	F+	Hd
15. Casaco.		(rosa) Aqui a parte de vestir os braços.	Dbl	F-	Vest.
16. Uma cabeça.		(cinzento) Não sei que cabeça é.	D	F-	Hd
17. Um fio.		(laranja central) Para colocar ao pescoço.	Pres. D	F+	Obj.
18. Soutien.		(azul) Esta parte para abotoar.	D	F+	Vest.
19. Parece um cavalo, mas tem muitas patas.		(azul) Esta é estranha, parece um cavalo pela cabeça, mas não é.	D	F-	A

Prova de Escolhas:

+ V e IX – Porque era uma borboleta e porque parece um vestido engraçado.

- X e II – Porque está muito confuso e este porque dá a impressão que estão a arrancar as cabeças.

PSICOGRAMA – Protocolo 5									
R 19	G 8	F+ 9	A 4	G % 42%					
Recusa 0	D 10	F- 4	Ad 1	D % 53%					
	Dd 0	F± 1	H 5	Dd% 0					
	Dbl 1		Hd 2	Dbl% 5%					
Ban 4	Do 0	K 4	Cena 0	F % 74%					
Orig 0		Kp 0	Alim 0	F+% 68%					
		Kan 0	Anat 0						
		Kob 0	Arq 0	Fa % 100%					
			Bot 0	Fa+% 76%					
		FC 1	Elem 0	A % 26%					
		CF 0	Vest 5	H % 37%					
		C 0	Fragt 0						
			Geo 0						
		FE 0	Geol 0						
		EF 0	Nat 0						
		E 0	Obj 2						
			Pais 0						
		FClob 0	Simb 0						
		ClobF 0	Sng 0						
		Clob 0	Sx 0						
Sucessão									
Tipo Aprecensão		G	D	Dd	Dbl	Elementos Qualitativos:			
TRI	4K; 0,5C					Choques	0	Obs. Cor	0
FC	0k; 0 E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0
RC	58%					Preservação	5	Obs. Sbj.	0
IA	11%					Crit. Obj.	1		

Protocolo 6

Nome: Carlos M.

Idade: 14 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
Cartão I: 1. Podia ser uma tatuagem, de uma aranha!	Por causa da desta parte (D central).	G F+ A
Cartão II: 2. Duas caras... Dois homens a baterem assim as mãos (faz o gesto).	Foi por causa das mãos.	G K H
Cartão III: 3. Isso agora é que está difícil! (...) Parece dois homens a levantar uma pedra.	Vê-se logo que são homens (risos).	G K H Ban Crit. Obj.
Cartão IV: 4. Isto parece um... parece... não se parece com nada! É um bicho qualquer parece um bicho tipo monstro.	Não sei o que é, as pernas, os braços, a cauda e a cabeça.	G FClob (H) Crit. Obj.
Cartão V: 5. Esta parece uma borboleta.		G F+ A Ban
Cartão VI: 6. Isto estraga tudo! Já não sei o que isto é! Dá pareenças com a cabeça de um gato, aqui os bigodes. Parece um gato esborrachado.	Por causa desta parte aqui... dá a impressão que está esborrachado.	G F+ A Obs. Subj.
Cartão VII: 7. Isto parece dois coelhos. E, aqui estão em cima de duas pedras.	Por causa das orelhas.	G F+ A
Cartão VIII: 8. Isto é... duas ratazanas. Agora não sei o que isto é?! Parece que estão a comer algum animal. 9. Aqui a parte da coluna. Estão a comer isto aqui, parece um animal morto.	(D central)	D Kan A Ban D F- A
Cartão IX: 10. Isto parece dois veados por causa dos chifres. Agora onde estão em cima, não sei... Estão a olhar um para o outro. 11. Talvez alguns arbustos.	(laranja) Foi por causa dos chifres. E isto verde parece arbustos.	D F+ A D CF Nat

Cartão X:					
12. Isto aqui parece pássaros.	(amarelo central) Por causa do bico.	D	F+	A	
13. Dois ratos a roer o osso. Isto aqui não sei o que é! (rosa)	(cinzento) Parecem ratos, por serem também cinzentos.	D	Kan	A Ban	
14. Isto parece um alicate de pontas.	(verde central) Aqui é onde se pega.	D	F+	Obj.	
15. Isto parece umas aranhas.	(azul lat) Por causa das patas.	D	F+	A Ban	

Prova de Escolhas:

+ I e V parecida com uma tribal (I), parecida também com uma tatuagem (V).

- VIII e IX esta é parecida com um rato, mas não sei o que é (VIII). Não tem muito significado para mim, não é muito real (IX).

<i>PSICOGRAMA – Protocolo 6</i>									
R 15	G 7	F+ 8	A 10	G % 47%					
Recusa 0	D 8	F- 1	Ad 0	D % 53%					
	Dd 0	F± 0	H 3	Dd % 0					
	Dbl 0		Hd 0	Dbl % 0					
Ban 5	Do 0	K 2	Cena 0	F % 60%					
Orig 0		Kp 0	Alim 0	F+% 89%					
		Kan 2	Anat 0	Fa% 93%					
		Kob 0	Arq 0	Fa+% 93%					
		FC 0	Bot 0	A % 67%					
		CF 1	Elem 0	H % 20%					
		C 0	Bem 0						
		FE 0	Fragt 0						
		EF 0	Geo 0						
		E 0	Geol 0						
		FClob 1	Nat 1						
		ClobF 0	Obj 1						
		Clob 0	Pais 0						
			Simb 0						
			Sng 0						
			Sx 0						
Sucessão									
Tipo Apreensão		<u>G</u>	<u>D</u>	<u>Dd</u>	<u>Dbl</u>	Elementos Qualitativos:			
TRI 2K; 1C						Choques 0	Obs. Cor 0		
FC 2k; 0E						Eq. Choques 0	Obs. Sim. 0		
RC 53%						Preservação 0	Obs. Sbj. 1		
IA 0						Crit. Obj. 2			

Protocolo 7

Nome: Fábio D.

Idade: 14 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
Cartão I: 1. Uma borboleta! O que é que é isto?!!	Aqui as asas, a cabeça, as pernas.	G F+ A Ban Crit. Obj.
Cartão II: 2. Isto é assim ou assim? Não sei. ↓ A cabeça parece de uma aranha (verm). O resto não sei. Não faço a mínima ideia.	Por que tem aqui as antenas.	D F- Ad Obs. Subj.
Cartão III: Eh lá! Desenhos muito esquisitos! 3. ↓ Parece uma carocha. A pata, a cabeça.	Por causa das patas e do corpo.	Crit. Obj. Dbl F- A
Cartão IV: 4. ↓ Este não sei! ... Uma flor!	Aqui as folhas, aqui a cauda. Isto aqui não estou a ver.	D F- Bot. Obs. Subj.
Cartão V: 5. Isto parece mesmo uma borboleta.		G F+ A Ban
Cartão VI: 6. ↓ Este não sei! Isto parece uma estrela (D). Não sei mais nada.	Aqui em cima, porque tem estas pontas.	D F+ Sim.
Cartão VII: (abana a cabeça e risse) Quem fez estes desenhos?! Não sei! Não faço a mínima ideia.		Recusa. Crit. Obj.
Cartão VIII: 7. Este já é a cores! → Este parece um bicho. É?!! Só sei estes dois, são dois bichos.	Têm patas e aqui a cabeça, talvez tigres.	D F+ A Ban Obs. Cor
Cartão IX: 8. ↓ Como é que se chama aquele bicho marinho?! As alforrecas, com os tentáculos. Parece!	Por causa desta parte aqui (laranja) parecem os tentáculos.	Gbl F- A
Cartão X: 9. (ri-se) Isto é uma data de bichos. ↓ É um pássaro ou uma águia (verde). 10. ↑ Talvez uma pata. (amarelo). 11. Aqui aranhas. (azuis). É tudo!	Porque tem as asas. Não é uma pata é um pinto amarelo. Por causa destas patas todas, só pode ser uma aranha. Não vejo mais nada.	D F+ A D FC A D F+ A Ban

Prova de Escolhas:

+ IX e II é um bicho muito esquisito, achei graça! Parece uma alforreca, só as cores é que mudam.

- não sei, todas as outras.

PSICOGRAMA – Protocolo 7									
R	11	G	3	F+	6	A	8	G %	27%
Recusa	1	D	7	F-	4	Ad	1	D %	64%
		Dd	0	F±	0	H	0	Dd%	0
		Dbl	1			Hd	0	Dbl%	9%
Ban	4	Do	0	K	0	Sim.	1		
Orig	0			Kp	0	Alim	0	F %	91%
				Kan	0	Anat	0	F+%	60%
				Kob	0	Arq	0		
						Bot	1	Fa %	100%
				FC	1	Elem	0	Fa+%	64%
				CF	0	Vest	0		
				C	0	Fragt	0	A %	82%
						Geo	0	H %	0
				FE	0	Geol	0		
				EF	0	Nat	0		
				E	0	Obj	0		
						Pais	0		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	0		
Sucessão:									
Tipo Apreensão:					Elementos Qualitativos:				
		G	D	Dd	<u>Dbl</u>				
TRI	0K; 0,5C					Choques	0	Obs. Cor	1
FC	0k; 0E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0
RC	45%					Preservação	0	Obs. Subj.	3
IA	0					Crit. Obj.	3		

Protocolo 8

Nome: Nelson F.

Idade: 14 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
<p>Cartão I:</p> <p>Isto parece aqueles desenhos que os miúdos fazem na primária.</p> <p>1. Parece uma borboleta.</p>	<p>Isto parecem-me asas, daí fez-me lembrar uma borboleta.</p>	<p>Crit. Obj.</p> <p>G F+ A Ban</p>
<p>Cartão II:</p> <p>2. A nível da imagem, não me parece nada... Parece-me um boxer!</p>	<p>A boca, o focinho, a língua ... não é um boxer é um rottweiler. Foram os olhos vermelhos.</p>	<p>Gbl F+ Ad</p> <p>Crit. Obj.</p>
<p>Cartão III:</p> <p>3. Isto parece-me num baile, duas pessoas que estão apaixonadas.</p> <p>4. Aqui os corações.</p>	<p>Aqui são as pessoas, e os efeitos da festa (verm. Lateral).</p> <p>Os corações delas (verm central)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D FC Anat</p>
<p>Cartão IV:</p> <p>5. Isto parece-me uma carpele... de pele de urso.</p>	<p>A minha avó tem muitas destas em casa e eu detesto (...)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>Obs. Subj.</p>
<p>Cartão V:</p> <p>6. Um morcego. Esta foi rápido!</p>		<p>G F+ A Ban</p> <p>Obs. Subj.</p>
<p>Cartão VI:</p> <p>7. Esta não sei mesmo ↑ A cara de um animal, com o focinho. Isto é um desenho simétrico, se fizerem assim (tapa metade com a mão) só tem desta!</p>	<p>(D sup)</p> <p>Só se for um camelo aqui com os braços, as patas da frente e as posteriores mais grossas.</p>	<p>D F+ Ad</p> <p>Obs. Subj./ Com. Sim.</p>
<p>Cartão VII:</p> <p>8. Isto parece um cão esta parte.</p> <p>9. ↓ Os calções, os mini-calções.</p> <p>10. Os mini elefante, que vai dar um beijo ao cão. Um amor impossível, um cão e um elefante (ri).</p>	<p>(1º e 2ºterço) O rabo aqui e a cabeça. Estou a ver o desenho a metade, porque do outro lado é igual.</p> <p>(3ºterço) Aqui coloca-se as pernas.</p> <p>(3ºterço) Tem trompa.</p>	<p>D F+ A</p> <p>Com. Sim.</p> <p>D F+ Vest.</p> <p>D Kan A</p>

<p>Cartão VIII:</p> <p>11. Este já vem com mais cores! Estas duas coisas parecem nitidamente dois camaleões, também podia ser uma salamandra de fogo.</p> <p>12. Rochas. Pode meter aí... estes verdes mais escurinhos parecem rochas. Se pensar muito tenho dupla opinião porque tenho desdobramento do pensamento. É mesmo assim que se chama. Já deu isso? (...)</p> <p>13. ↓ Parece-me um nariz. ↑ Assim já me parece uma cara completa, os olhos, o nariz, a boca.</p> <p>14. Ou então pode ser Deus da natureza, pode apontar se quiser. Este homem pode ser o Deus da natureza e podia estar a invocar os poderes para cima, com as mascotes dele, os camaleões. As mascotes estariam a pedir os poderes com a luz verde.</p>	<p>(rosa lateral) Parecem animais com as patas, a cabeça, são as mascotes dele e esta luz sai delas.</p> <p>(verde escuro) Parecem duras como as rochas, estas aqui.</p> <p>Primeiro vi o nariz aqui (eixo laranja), depois vi a cara.</p> <p>É a cara do Deus da natureza, as mascotes saem dele (...)</p>	<p>D F+ A Ban Com. Cor</p> <p>D F± Geo. Obs. Subj</p> <p>D F- Hd</p> <p>D K (H)</p>
<p>Cartão IX:</p> <p>15. (risos) Isto parece-me as várias energias do mundo. A energia do sol em cima.</p> <p>16. Aqui parece-me uma cascata, por isso o poder da água.</p> <p>17. O poder da terra, o núcleo da terra.</p>	<p>(laranja)</p> <p>(eixo central)</p> <p>(rosa e verde) Foram as cores que me fizeram lembrar dos vários poderes. Falta o do vento.</p>	<p>D C Elem.</p> <p>D Kob Elem.</p> <p>D CF Elem.</p>
<p>Cartão X:</p> <p>18. Agora este! Isto parece-me um fogo de artifício. O preto parece-me material por largar, o fogo posto pelo homem. O vermelho é o fogo posto que está a sair do preto. O azul faz parte do fogo, os amarelos também. O verde do meio é o foguete principal. O resto que está ao lado é tudo foguetes.</p>	<p>Talvez porque eu sonho tanto que o ano acabe porque foi muito difícil mesmo (...).</p>	<p>G Kob Exp. Obs. Subj</p>

Prova de Escolhas:

Não foi feita.

<i>PSICOGRAMA – Protocolo 8</i>									
R	18	G	6	F+	8	A	6	G%	33%
Recusa	0	D	12	F-	1	Ad	2	D %	67%
		Dd	0	F±	1	H	2	Dd%	0
		Dbl	0			Hd	1	Dbl%	0
Ban	5	Do	0	K	2	Cena	0		
Orig	0			Kp	0	Abs	0	F %	55%
				Kan	1	Anat	1	F+%	85%
				Kob	2	Arq	0		
						Exp	1	Fa %	78%
				FC	1	Elem	3	Fa+%	89%
				CF	1	Vest	1		
				C	1	Fragt	0	A %	44%
						Geo	1	H %	17%
				FE	0	Geol	0		
				EF	0	Nat	0		
				E	0	Obj	0		
						Pais	0		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	0		
Successão:									
Tipo		G	D	Dd	Dbl	Elementos Qualitativos:			
Aprensão:									
TRI	2K; 2C					Choques	0	Obs. Cor	1
FC	3k; 0E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	2
RC	44%					Preservação	0	Obs. Sbj.	5
IA	11%					Crit. Obj.	2		

Protocolo 9

Nome: Luís P.

Idade: 14 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
Cartão I: 1. Ah! Parece-me um vampiro.	Foi a imagem toda, as asas, o corpo, dois corpos. Pode ser que ao dobrar a imagem fez esta 2º parte.	G F+ A Com. Sim.
Cartão II: 2. Aqui parece dois rinocerontes bebés, aqui unidos. 3. Uma borboleta.	Estão com o corno unidos parecem estar de pé, com as patas frontais levantadas. (D Inferior)	D F+ A Ban D F+ A
Cartão III: 4. Isto parecem duas pessoas que estão a fazer qualquer coisa, provavelmente a assar qualquer coisa.	Agora fiquei confuso porque isto parecem seios, mas isto parecem pénis.	G K H Ban
Cartão IV: 5. O que é que isto pode parecer?! (...) Pode parecer um boneco com os pés enormes com umas mãos um bocado esquisitas.	Fez-me lembrar aquelas caras de lobo que há no Egipto. Meio homem, meio animal.	G F+ (H)
Cartão V: 6. Isto também parece um animal qualquer (...) Se isto são pés, parecem caras de crocodilos (...) 7. Já percebi! Isto são asas que nas pontas têm caras de crocodilos. 8. Uma cabeça e aqui os pés, não me parece uma pessoa! (...) Parece ter uma cara de velha e com dois cornos. É uma velha com cornos. 9. Pode ser uma borboleta, mas com cara de pessoa.	Aqui estas pontas (extremidade de D lateral) fizeram-me logo lembrar caras de crocodilos. Só depois percebi que eram asas. (eixo central) Foi esta parte aqui, parecem ser cabelos brancos.	D F+ Ad Do F+ Ad Obs. Sub. D F- (H) G F+ A (Ban)
Cartão VI: 10. Isto parece um bicho, mas não estou a investigar! Tem corpo de um bicho e cara de outro. Tem rabo de escorpião, cara de gato com umas penas... é um lobo. 11. Isto aqui parecem duas asas de águia ou de um pássaro qualquer.	Um animal com quatro patas, as frontais e as traseiras, só rabo é que não condiz. (D sup) Porque parece ter penas.	G F+ A Obs. Sub. D FE Ad

Cartão VII:				
12. Isto parece-me ter cara de dois cães que estão olhar cara a cara...	(1º e 2º terço) Parecem estranhos devido ao corpo. Foi por causa do nariz.	D	Kan	A
13. Em cima das asas de uma borboleta.	(3ºterço) Borboleta.	D	F+	A
Cartão VIII:				
14. Então aqui aparece novamente uma borboleta.	(laranja) As asas.	D Pres.	F+	A
15. Depois, dois animais provavelmente um urso a passarem em cima da borboleta.	(rosa lateral) Porque têm patas.	D	F+	A Ban
16. Está aqui outro animal parece-me ser uma ave.	(verde) O outro não consigo identificar parece um bicho qualquer com bico grande e com pernas de humano.	D	F-	A
17. São uns sapatos.	(verde claro sup)	Dd	F-	Vest.
18. Aqui também me parece estar uma pessoa pequena.	(eixo laranja) Parece-me a cabeça de uma pessoa e o corpo.	Dd	F-	H
Cartão IX:				
19. Aqui parece que estão duas pessoas com um braço tronco de árvore.	(laranja) Foi o corpo e depois os braços parecem ramos.	D	F-	(H)
20. Aqui parecem estar dois animais, não são animais reais.	(verde) É a cara de animais de perfil, aqui o olho (branco).	Dbl	F [±]	(Ad)
21. Aqui parece duas maçãs.	(rosa lateral) São redondas e vermelhas.	D	FC	Alim.
22. E aqui aquelas coisas que se costumam aquecer, aquelas cafeteiras.	(rosa central) Tem a pega da cafeteira e o bico.	Dd	F-	Obj.
Cartão X:				
23. Aqui vejo dois animais, dois insectos.	(cinzento) Estão a fazer qualquer coisa.	D	Kan	A Ban
24. Vejo também dois olhos, aqui com um nariz e um bigode.	(amarelo, verde inf.)	D	F+	Hd
25. Isto parece ser qualquer coisa de ficção científica. Um boneco a deitar qualquer coisa pela boca.	(rosa) Parecem corpos de bonecos e deitam algo pela boca (cinzento)	Dbl	K	(H)
26. Isto devem ser caranguejos com uma folha na boca.	(azul e verde lat.) Não são caranguejos, a folha parece ter duas faces, de um lado cara de peixe e do outro cara de touro.	D	F+	A
27. Isto parece ser um pássaro em cima ...	(amarelo)	D	F-	A
28. De um porco virado de costas.	(castanho lat.)	D	F-	A

Prova de Escolhas:+ **X e IX** – Tive de me pôr a pensar.- **II e I** - As imagens são giras, mas percebe-se perfeitamente.

<i>PSICOGRAMA – Protocolo 9</i>									
R	28	G	5	F+	13	A	14	G %	18%
Recusa	0	D	17	F-	8	Ad	4	D %	61%
		Dd	3	F±	1	H	6	Dd%	11%
		Dbl	2			Hd	1	Dbl%	7%
Ban	5	Do	1	K	2	Cena	0	F %	79%
Orig	0			Kp	0	Alim	1	F+ %	61%
				Kan	2	Anat	0		
				Kob	0	Arq	0	Fa %	100%
						Bot	0	Fa+%	70%
				FC	1	Elem	0		
				CF	0	Vest	1		
				C	0	Fragt	0	A %	64%
						Geo	0	H %	25%
				FE	1	Geol	0		
				EF	0	Nat	0		
				E	0	Obj	1		
						Pais	0		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	0		
Sucessão:									
Tipo Apreensão:		G	D	Dd	Dbl	Elementos Qualitativos:			
TRI	2K; 0,5C					Choques	0	Obs. Cor	0
FC	2k; 0,5E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	1
RC	54%					Preservação	1	Obs. Sbj.	2
IA	3%					Crit. Obj.	0		

Protocolo 10

Nome: David

Idade: 14 anos

Respostas	Inquérito	Cotação		
Cartão I: 1. Uma borboleta.	Foi por ser parecido... Está com umas manchas de tinta (claros).	G	F+	A Ban
Cartão II: 2. Um caranguejo.	Está com a cor dele normal. As bocas (verm), corpo (D lateral e branco), a cabeça (D central).	Gbl	F-	A
Cartão III: 3. Não sei! ↓ Um escaravelho... Ou então, também pode ser uma joaninha, não sei! Inq. Limites: Acho k sim, poderiam ser pessoas, mas um bocado esquisitas!	Não sei bem o que é, parece-me a cara de um insecto, aqui em cima (D central)	D Obs. Sub.	F+	Ad
Cartão IV: 4. ↓ Uma tartaruga.	Parece mesmo, as patas desviadas, a cauda, aqui o focinho, aqui as patas de trás e aqui no meio o corpo.	G	F-	A
Cartão V: 5. Parece um morcego.	As asas, a cabeça, as orelhas aqui e as patas.	G	F+	A Ban
Cartão VI: 6. Podia ser um gato ou uma pele de animal qualquer!	Porque aqui falta a cauda, mas parece mesmo o focinho de um animal	G	F+	A Ban
Cartão VII: 7. ↓ (...) Outra tartaruga, pronto!	As patas, a carapaça (branco), aqui é uma pata e aqui é uma parte que podia ser a cabeça (3ºterço).	Gbl	F-	A
Cartão VIII: 8. Podem ser aqui vários animais... Isto aqui parecem uns cães. 9. Esta parte mais parece a boca de um peixe e esta também, é de um peixe-espada. 10. Esta parte aqui parece uma parte de tubarão.	(Rosa lateral) São parecidos. (verde claro) Pelo bico, parece aquela parte da espada. (laranja) Esta parte aqui do meio fez-me lembrar, o lombo.	D D D	F+ F- F-	A Ban Ad Ad
Cartão IX: 11. Podia ser uma cascata... os rochedos, a água e aqui as árvores. 12. Aqui poderia ser um mar de flores!	(D central) Parece água a cair. (Laranja) Rochedos, pelo corte. (Verde) árvores por ser verde. (Rosa) Parecem flores por ser colorido.	D D	KobC CF	Nat Bot

Cartão X: 13. Cores... só cores.... ↓ Esta parte aqui parece mais uns olhos, nariz e boca, orelhas e aqui a barba.	(amarelo) Olhos (Azul) Nariz (Laranja) Boca (Cinzento) Barba	D Com. Cor	F+	Hd
--	---	---------------	----	----

Prova de Escolhas:

+ I e V – porque parecem animais, voadores.

- III e VII – não parecem, assim lá... animais, não se parecem com nada.

<i>PSICOGRAMA – Protocolo 10</i>									
R	13	G	6	F+	6	A	7	G %	46%
Recusa	0	D	7	F-	5	Ad	3	D %	54%
		Dd	0	F±	0	H	0	Dd%	0
		Dbl	0			Hd	1	Dbl%	0
Ban	4	Do	0	K	0	Cena	0	F %	85%
Orig	0			Kp	0	Alim	0	F+ %	54%
				Kan	0	Anat	0	Fa %	92%
				Kob	1	Arq	0	Fa+%	58%
				FC	1	Elem	0		
				CF	1	Vest	0	A %	77%
				C	0	Fragt	0	H %	7%
						Geo	0		
				FE	0	Geol	0		
				EF	0	Nat	1		
				E	0	Obj	0		
						Pais	0		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	0		
Sucessão:									
Tipo Apreensão:		<u>G</u>	D	Dd	Dbl	Elementos Qualitativos:			
TRI	0K; 1,5C					Choques	0	Obs. Cor	1
FC	1k; 0E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0
RC	46%					Preservação	0	Obs. Subj.	1
IA	7%					Crit. Obj.	0		

2. Protocolos Rorschach de Jovens Adolescentes

Protocolo 11

Nome: Ana I.

Idade: 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
Cartão I: 1 – (...) Um mocho.	Aqui as asas e o corpo, por causa das asas.	G F+ A Ban
Cartão II: 2 – ↓ Uma borboleta!	Também por causa das asas, tem bolinhas, aqui o corpo (branco), a cabeça (verm. Inf.).	Gbl F- A
Cartão III: 3 – Este é mais difícil (...)! ↓ Um macaco. 4 - Sangue.	Os braços, a mão, cara, o corpo, costelas (D central). É do macaco. (verm. Lateral) Inq. Limites: Podiam ser pessoas, mas n me parece muito.	D F+ A Crit. Obj. D C Sangue
Cartão IV: 5 – Uma raposa.	Por causa aqui do rabo. Patas, os braços, o rabo e a boca, não é a cara!	G F+ A
Cartão V: 6 – Um caracol.	O corpo (D), os corninhos e as asas. (?) Não, um morcego não!	D F- A
Cartão VI: 7 – É um bocadinho difícil! (...) Tem dentes, tem língua. Um crocodilo.	(D central) As pernas, o rabo. Isto aqui não sei mais!	D F- A Crit. Obj.
Cartão VII: 8 – ↓ Um sapo.	As pernas (2º e 1º terço). A cabeça (3º terço).	Gbl F- A
Cartão VIII: 9 - Um pássaro.	O bico (verde), as asas (rosa), o corpo e o rabo (laranja). Por causa das cores.	Gbl FC A
Cartão IX: 10 – Um caranguejo.	Por causa... daquelas coisas (laranja), o rabo (rosa) e a parte do corpo).	G F- A

Cartão X:		
11 – Não sei! É mais difícil! (...) O corpo, a cabeça toda de preto. As costelas. Uma pessoa.	(amarelo, azul, laranja e um bocadinho do verde)	Dbl F- H Crit. Obj.

Prova de Escolhas:

+ II e VIII porque gosto de borboletas e de pessoas.

- X e VI porque não gosto destes dois animais!

<i>PSICOGRAMA – Protocolo 11</i>									
R	11	G	6	F+	3	A	9	G %	55%
Recusa	0	D	4	F-	6	Ad	0	D %	36%
		Dd	0	F±	0	H	1	Dd%	0
		Dbl	1			Hd	0	Dbl%	9%
Ban	1	Do	0	K	0	Cena	0		
Orig	0			Kp	0	Alim	0	F %	82%
				Kan	0	Anat	0	F+%	33%
				Kob	0	Arq	0		
						Bot	0	Fa %	91%
				FC	1	Elem	0	Fa+%	40%
				CF	0	Vest	0		
				C	1	Fragt	0	A %	82%
						Geo	0	H %	9%
				FE	0	Geol	0		
				EF	0	Nat	0		
				E	0	Obj	0		
						Pais	0		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	1		
				Clob	0	Sx	0		
Sucessão:									
Tipo Apreensão:					Elementos Qualitativos:				
	<u>G</u>	<u>D</u>	Dd	<u>Dbl</u>					
TRI	0 K; 2C				Choques	0	Obs. Cor	0	
FC	0k; 0E				Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0	
RC	27%				Preservação	0	Obs. Sbj.	0	
IA	9%				Crit. Obj.	3			

Protocolo 12

Nome: Filipa A.

Idade: 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
Cartão I: 1 – Parecia-me uma borboleta.	As asas, o corpo, isto a dividir a metade do corpo, os olhinhos, os dentinhos, parece ser aquelas coisas com que se defendem.	G F+ A Ban
Cartão II: 2 – Aí! O que é que isto se parece?! Pode ser assim... ↓ assim um bichinho com asas, tem cornos, os olhos e as pernas grandes.	Não sei o que é... um bichinho com asas. Se tivesse assim, parecia-me uma borboleta! Assim, é uma coisa feia.	Gbl F± A Crit. Obj.
Cartão III: 3 – ↓ Parece um sapo. Inq. Limites: Pessoas?! Claro, aqui uma de cada lado.	Metade só sapo, os olhos, a pernas. Por causa dos olhos, são olhos de sapo, o resto não parece tanto.	Gbl F- Ad
Cartão IV: 4 – ↓ Parece um morcego.	Também tem asas, aquela parte esquisita tipo formiga e o rabinho aqui.	G F+ A
Cartão V: 5 – Eu acho que isto seja já... é mesmo um morcego!	Parece um morcego muito bem constituído.	G F+ A Ban
Cartão VI: 6 – Ai credol! (ri) Muito feio ↑ A parte da frente faz-me lembrar uma cobra. De resto não estou a ver mais nada.	(Eixo central) Por causa do pescoço comprido.	D F+ A Crit. Obj. Choque
Cartão VII: 7 - ↓ Um gordinho. Uma pessoa gorda. Falta a cabeça.	As pernas, os bracinhos, falta a cara.	Gbl F+ Hd
Cartão VIII: 8 – Tão giro! Bem o que vejo aqui?! Dois leões. 9 – Vejo que bicho? O que é?! Isto parece duas borboletas e duas em baixo. 10 – Esta parece-me umas montanhas e isto aqui pedras e rochas 11 – As raízes de uma árvore, os pauzinhos de uma árvore.	(Rosa lateral) Por causa da cabeça. (Rosa e Laranja) Por causa das cores. (Verde inferior) Parece o recorte das pedras. (Verde) Tem as cores da árvore e aqui o centro, os pauzinhos.	D F+ A Ban Crit. Obj. D FC A D F± Nat D CF Bot

Cartão IX:					
12 - ↑ Bem, isto faz-me parecer os países. O continente.	(Verde) Parece a forma dos continentes.	D	F±	Geo.	
13 – Esta parte aqui de frente um animal.	(Rosa) A parte da casca de um bicho “rebola-merda”, a cabeça dele, a parte detrás e a parte onde agarra as coisas.	D	F±	A	
14 – Uma cascata a cair.	(Azul) Parece água.	D	Kob	Elem	
15 – A árvore.	(Verde do eixo) Por ser verde.	D	CF	Nat.	
Cartão X:					
16 – Bem...↑↓ Uma árvore.	(Verde) Por causa de ser verde.	D	CF	Nat.	
17 – As patas, vai aterrar, tipo de águia.	(Laranja Central) Tem aqui o bico.	D	Kan	A	
18 – Aqui um passarinho pequenino.	(Castanho)	D	F-	A	
19 – Duas árvores pequeninas.	(Verde lateral)	D	CF	Nat.	
20 – Dois continentezinhos. Faz-me lembrar a Croácia por causa daquela perna.	(Rosa) Tem a forma, a perna (Itália).	D	F-	Geo	
21 – Duas gotas de água quando caiem.	(Azul) Por ser azul.	D	Kob	Elem	
22 - → Parece a cauda de um cão, dois cães com o corpinho muito pequeno. Não estou a ver mais.	(Cinzento) São muito pequeninos, tem aqui o focinho.	D	F+	A Ban	

Prova de Escolhas:

+ VIII e I - Porque tem muita cores e porque tem mesmo a forma.

- VI e IV - Também não gosto de bichos esquisitos, não me diz nada e não gostei daquele pescoço, não me diz nada, não tem lógica.

PSICOGRAMA – Protocolo 12

R	22	G	6	F+	7	A	11	G %	27%
Recusa	0	D	16	F-	3	Ad	1	D %	73%
		Dd	0	F±	4	H	0	Dd%	0
		Dbl	0			Hd	1	Dbl%	0
Ban	4	Do	0	K	0	Cena	0	F %	64%
Orig	0			Kp	0	Alim	0	F+%	64%
				Kan	1	Anat	0		
				Kob	2	Arq	0	Fa %	73%
						Bot	1	Fa+%	69%
				FC	1	Elem	2		
				CF	4	Vest	0		
				C	0	Fragt	0	A %	55%
						Geo	2	H %	4%
				FE	0	Geol	0		
				EF	0	Nat	4		
				E	0	Obj	0		
						Pais	0		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	0		

Successão:

Tipo Apreensão:		G	<u>D</u>	<u>Dd</u>	<u>Dbl</u>	Elementos Qualitativos:			
TRI	0K; 4,5C					Choques	1	Obs. Cor	0
FC	3k; 0E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0
RC	68%					Preservação	0	Obs. Sbj.	0
IA	4%					Crit. Obj.	3		

Protocolo 13

Nome: Vanda S.

Idade: 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotação		
Cartão I: 1. OK! Visto assim de repente... Vê-se um morcego! É um morcego mais uns quantos atrás dele!	Por causa aqui das asas, e depois aqui (cinzento) vêem-se os outros.	G	F+	A Ban
Cartão II: 2. Ok...Duas pessoas assim esquisitas!	Porque estão a dar as mãos, está aqui a cabeça, o corpo e as mãos.	D	K	H
Cartão III: 3. Duas mulheres...a mexer num alguidar! 4. Aqui deve ser uma peça de roupa. 5. E dois candeeiros!	Foi devido a terem peito. (verm. Central) Estão a lavar roupa. (verm. Lateral). Está a iluminar as mulheres.	G D D	K F+ CF	H Ban Vest. Obj.
Cartão IV: 6. (risos) Um macaco!	Tem aqui a cauda, parecem os pêlos do macaco.	G	FE	A
Cartão V: 7. Uma borboleta.	A parte do meio é que me fez lembrar e aqui as asas.	G	F+	A Ban
Cartão VI: 8. Imaginação!!! (...) Talvez uma daquelas peles de animal... de um veado. É isso!	Por que está parecido, parece a pele de um veado, talvez por causa aqui do meio parece que está aberto.	G	FE	A Ban Com. Sub.
Cartão VII: 9. Duas caras de lobos. 10. Aqui fez-me lembrar de dois coelhos. 11. Aqui está um pouco mais difícil! (...) Dois macacos feios.	(2ºterço) Faz-me lembrar o focinho, aqui esta parte. (1ºterço) Por causa das orelhas. (3ºterço) Estão de perfil.	D D D	F+ F+ F-	Ad A A Crit. Obj.
Cartão VIII: 12. Isto aqui parece dois camaleões... a subir 13. A ramada de uma árvore. 14. Esta parte aqui está me a lembrar uma parte do corpo humano. A parte dos intestinos.	São parecidos e as cores fazem lembrar. (laranja) Nos desenhos do corpo humano têm esta cor e esta estrutura.	D D D	F+ CF F-	A Bot Anat.

<p>Cartão IX:</p> <p>15. Um repuxo, parece a água a fazer o efeito para fora.</p> <p>16. Plantas a cobrir o repuxo</p> <p>17. Uma mulherzinha à volta.</p>	<p>(rosa) Estas cores aqui dão o efeito que a água está a cair.</p> <p>(laranja) Por causa das cores e por estarem à volta, como nas fontes.</p> <p>(verde) Parece uma mulher aqui por causa do nariz.</p>	<p>D</p> <p>D</p> <p>D</p>	<p>Kob</p> <p>CF</p> <p>K</p>	<p>Elem.</p> <p>Nat.</p> <p>H</p>
<p>Cartão X:</p> <p>18. Ok! (risos) Aqui parece dois caranguejos! Estão a fazer alguma coisa!</p> <p>19. Passarinhos.</p> <p>20. Uma planta pendurada.</p> <p>21. Dá a sensação de lagartos.</p> <p>22. Duas folhas e aqui duas folhinhas secas. As verdes são duas folhas boas e as castanhas já estão secas.</p>	<p>(cinzentos) Porque têm pinças.</p> <p>(amarelos) Aqui o olho e o bico e a cor faz lembrar.</p> <p>(verde) É verde.</p> <p>(rosa) Não sei, tem assim um aspecto asqueroso que me fez lembrar.</p> <p>(verde e castanho) A cor.</p>	<p>D</p> <p>D</p> <p>D</p> <p>D</p> <p>D</p>	<p>Kan</p> <p>FC</p> <p>CF</p> <p>F-</p> <p>CF</p>	<p>A Ban</p> <p>A</p> <p>Nat.</p> <p>A</p> <p>Bot.</p>

Prova de Escolhas:

- + **IV e III** - Estas são mais fáceis de explicar.
- **X e VII** – Talvez porque tive que puxar mais pela cabeça.

PSICOGRAMA – Protocolo 13

R 22	G 5	F+ 6	A 10	G % 23%
Recusa 0	D 17	F- 3	Ad 1	D % 77%
	Dd 0	F± 0	H 3	Dd% 0
	Dbl 0		Hd 0	Dbl% 0
Ban 5	Do 0	K 3	Cena 0	
Orig		Kp 0	Alim 0	F % 41%
		Kan 1	Anat 1	F+% 67%
		Kob 1	Arq 0	
		FC 1	Bot 2	Fa % 73%
		CF 5	Elem 1	Fa+% 81%
		C 0	Vest 1	
			Fragt 0	A % 50%
		FE 2	Geo 0	H % 14%
		EF 0	Geol 0	
		E 0	Nat 2	
			Obj 1	
			Pais 0	
		FClob 0	Simb 0	
		ClobF 0	Sng 0	
		Clob 0	Sx 0	

Sucessão:

Tipo Apreensão:		G	<u>D</u>	Dd	Dbl	Elementos Qualitativos:			
TRI	3K; 5,5C					Choques	0	Obs. Cor	0
FC	2k; 1E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0
RC	50%					Preservação	0	Obs. Sbj.	1
IA	4%					Crit. Obj.	1		

Protocolo 14

Nome: Raquel S.

Idade: 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
Cartão I:		
1. São desses desenhos esquisitos! Uma folha ... é feia e murcha!	(D laterais) Por causa do formato e da cor, mas é mesmo muito feia.	D C'F Nat. Crit. Obj.
2. Parece-me mais um bicho agarrado à folha. Uma lagarta muito gorda.	(D Central) Tem um corpo de lagarta.	D F+ A
Cartão II:		
3. Ai, Jesus! (...) Sinceramente... assim à primeira vista... parece uma borboleta.	Por causa aqui da cabeça, está ao contrário.	Gbl F- A Com. Subj.
4. Mas, depois já não parece... uma coisa de metal! (...) Um porta-chaves daqueles que têm as faquinhas a saírem.	Mas se olho mais perto já não parece, é um porta-chaves porque está aqui a parte da faca.	Gbl F- Obj.
Cartão III:		
5. Isto são cães ou são pessoas?! Duas pessoas de lado, só com uma perna a agarrarem dois sacos do chão.	Por causa das cabeças me fez lembrar pessoas e não cães.	G K H Ban
6. No meio parece que está uma borboleta.		D F+ A Ban
Cartão IV:		
7. Um gigante. É feio e grande.	Foi os pés que me fizeram lembrar, tem pés de gigante. Depois tem braços de polvo, parece um monstro do mar.	G FClob (H)
Cartão V:		
8. (...) Isto parece com dois bichos! Um louva-a-deus.	Um louva-a-deus porque está com aquelas coisas muito esquisitas.	G F+ A
9. E, uma borboleta.	A borboleta porque tem as pernitais e as antenas.	G F+ A Ban
Cartão VI:		
10. Hiiii! Isto parece um gato atropelado.	Porque vi um gato daqueles chineses atropelado e era mesmo assim, com tudo espalmado, a cara espalmada.	G F+ A Com. Subj.
Cartão VII:		
11. Isto parece-me nuvens! Não... não é nuvens, é aquele fumo que começa a sair das fábricas e lá em cima parecem nuvens.	Dá a impressão de ser fumo, não sei explicar muito bem.	Gbl Kob Fumo

Cartão VIII: 12. Uma carocha isto é!	Foi a cabeça (verde) e isto aqui é aquilo que liga as patas é aquela casca (D laterais).	Gbl F- A
Cartão IX: 13. Tantos desenhos! Isto parece um grafiti! 14. ← Aqui parece uma queda de água. ↑ Isto aqui é água a cair, isto é uma espécie de um muro onde a água passa, muito estreitinho. 15. Aqui parece... aqueles efeitos que metem nos portões e até se ligam uma a outra.	É no geral, por ser colorido. (D central e rosa) Faz o efeito da água a cair no desenho. (Laranja) Aparecem ligados por aqui e colocam-se nas portas.	G CF Abs. D Kob Elem. D F± Obj.
Cartão X: 16. Ai meu Deus! Fogo de artifício! Está tudo espalhado.	Por ser muito colorido, parece ser os efeitos do fogo quando os vimos lá em cima.	G Kob Exp. Comi. Subj.

Prova de Escolhas:

+ VII e V – Esta aqui por acaso gostei, acho que tirei uma conclusão e esta também.

- II e I - Estes aqui não gostei, são esquisitos, acho que foram difíceis.

PSICOGRAMA – Protocolo 14

R	16	G	11	F+	5	A	7	G %	69%
Recusa	0	D	5	F-	3	Ad	0	D %	31%
		Dd	0	F±	1	H	2	Dd%	0
		Dbl	0			Hd	0	Dbl%	0
Ban	3	Do	0	K	1	Abs	1		
Orig				Kp	0	Alim	0	F %	56%
				Kan	0	Anat	0	F+%	61%
				Kob	3	Arq	0		
						Exp	1	Fa %	69%
				FC	0	Elem	1	Fa+%	68%
				CF	2	Vest	0		
				C	0	Fumo	1	A %	44%
						Geo	0	H %	13%
				FE	0	Geol	0		
				EF	0	Nat	1		
				E	0	Obj	2		
						Pais	0		
				FClob	1	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	0		

Sucessão:

Tipo Apreensão:	<u>G</u>	<u>D</u>	<u>Dd</u>	<u>Dbl</u>	Elementos Qualitativos:			
TRI					Choques	0	Obs. Cor	0
FC					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0
RC					Preservação	0	Obs. Sbj.	3
IA					Crit. Obj.	1		

Protocolo 15

Nome: Sandra M.

Idade: 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
Cartão I: 1. Um morcego.	Foi por causa das asas, olhei e vi logo e, aqui das mãozinhas pequeninas do morcego.	G F+ A Ban
Cartão II: 2. Ai! ↓ Uma borboleta.	Por causa do corninhos.	G F- A
Cartão III: 3. ↓ Um sapo, com lacinho e tudo (risos), falta as perninhas aqui em baixo. ↑ Assim não me parece nada.	Corpo (branco) Inq. Limites: Não me parecem pessoas.	Gbl F- A
Cartão IV: 4. Ahhh, o que é isto?! Aqui não estava a ver nada... ↓ Um bicho todo esquisito, não consigo. Um escaravelho, não!	Tem rabo, tem olhos e corninhos, isto parece umas asas.	G F± A Com. Subj.
Cartão V: 5. Ah, tão bonito! Isto aqui... como se chamam aqueles animais, ai! Um passarinho.	Não sei o que é.	G F+ A Ban Crit. Obj.
Cartão VI: 6. Isto é um gato esmagado. É que é mesmo (calca a imagem).	Foram aqui as patinhas encolheram e o focinho todo esticado, esmagado. Ficou todo aberto.	G F+ A
Cartão VII: 7. Ai! Agora ia dizer uma asneira, é maldade! (...) ↓ É um bebé deformado, ai que impressão!	Faz-me impressão, foram as perninhas e os bracinhos pequeninos. Não gosto de ver.	Gbl F+ H Com. Subj.
Cartão VIII: 8. ↓ Isto é um esqueleto de um animal... aqueles animais antigos, um dinossauro.	Foi esta zona aqui parece a cabeça, sim é só a cabeça, os ossos da cabeça.	G F- Ad/ Anat
Cartão IX: 9. Isto é uma planta, é das novas que não sei o nome. Para aí uma tulipa.	Foram as cores, o verde, o rosa e o cor-de-laranja.	G FC Nat.
Cartão X: 10. Isto aqui deve ser uma aranha e aqui outra. 11. Isto aqui ao meio um gafanhoto.	(azul) por causa destas coisas que têm na boca. (cinzento) por causa das patas.	D F+ A Ban D F+ A

12. Isto aqui um louva-a-deus.	(verde) por causa desta parte mais grande.	D	F-	A
13. Caranguejo, um de cada lado.	(castanho)	D	F+	A
14. Um pássaro, é mesmo um passarinho, uma andorinha.	(amarelo) parecem as asas e é pequenina.	D	F+	A
15. Isto aqui são teias.	(rosa)	D	F±	A
16. Esta aranha quer comer o gafanhoto, e também a andorinha e o louva-a-deus estão a fugir, mas o gafanhoto não consegue ficar preso nestas teias. Também podia ser uma história de amor, mas isso já era inventar demais.		D	Kan	A Cena

Prova de Escolhas:

+ X – Gostei muito, é muito giro.

- VII – Não gostei nada, é horrível.

PSICOGRAMA – Protocolo 15

R	16	G	9	F+	8	A	13	G %	56%
Recusa	0	D	7	F-	4	Ad	1	D %	44%
		Dd	0	F±	2	H	1	Dd%	0
		Dbl	0			Hd	0	Dbl%	0
Ban	3	Do	0	K	0	Cena	1	F %	87%
Orig				Kp	0	Alim	0	F+%	64%
				Kan	1	Anat	1	Fa %	100
				Kob	0	Arq	0	Fa+%	69%
				FC	1	Bot	0	A %	87%
				CF	0	Elem	0	H %	6%
				C	0	Vest	0		
				FE	0	Fragt	0		
				EF	0	Geo	0		
				E	0	Geol	0		
						Nat	1		
						Obj	0		
						Pais	0		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	0		

Sucessão:

Tipo Apreensão:		Sucessão				Elementos Qualitativos:			
		<u>G</u>	D	Dd	Dbl				
TRI	0K; 0,5C					Choques	0	Obs. Cor	0
FC	1k; 0E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0
RC	56%					Preservação	0	Obs. Subj.	2
IA	6%					Crit. Obj.	1		

Protocolo 16

Nome: André M.

Idade: 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
<p>Cartão I:</p> <p>1. Isto é assim?! ↑ A mim parece-me uma máscara de Carnaval.</p> <p>2. Se fosse mais redondo, poderia ser uma abóbora de halloween!</p>	<p>Aqui os olhos, se fosse tudo aberto podia ser a boca, colocava-se um fio aqui nesta parte, aqui neste pontinho cinzento e atávamos na cabeça! Pela forma também!</p>	<p>Gbl F+ Mas.</p> <p>Gbl F+ Obj.</p>
<p>Cartão II:</p> <p>3. Isto não me vem nada à cabeça! ↑ ↓ Isto aqui parece umas meias.</p> <p>4. Isto aqui mais parecem uns pulmões.</p>	<p>(Pretos) Por causa das formas.</p> <p>(Verm) Porque parece mesmo, até a cor é igual.</p>	<p>D F- Vest. Com. Subj.</p> <p>D FC Anat.</p>
<p>Cartão III:</p> <p>5. Estes dois buracos mais parecem duas pessoas com rabo espetado... Parece que estão com uns cestos nas mãos, aqui os braços.</p>	<p>Pela forma. Sapatos, pernas, o rabo, costas, pescoço e a cabeça.</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>Cartão IV:</p> <p>6. ↑ (...) ↓ Parece-me um morcego.</p>	<p>Pelas asas, a cabeça, as orelhas, estas coisas se estivessem para baixo podiam ser as pernas e aqui o rabo.</p>	<p>G F+ A</p>
<p>Cartão V:</p> <p>7. Ah! Esta é que parece mesmo um morcego!</p>	<p>Aqui as asas, as pernas, a cabeça e as orelhas.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>Cartão VI:</p> <p>8. (...) É mais parecida, tirando estas coisas, com um bacalhau.</p>	<p>Não tinha branco, era todo de uma cor deste cinzento, é um bacalhau seco.</p>	<p>D FC' A</p>
<p>Cartão VII:</p> <p>9. ↑ Assim parece assim... estes bonecos prontos para dar um beijo um ao outro.</p> <p>10. ↓ Assim parece mais um robot sem cabeça.</p>	<p>Foi as orelhas (1ºterço) e a cauda (2ºterço). São animais!</p> <p>As pernas e os pés, os braços e os ombros, o peito, falta a cabeça.</p>	<p>G Kan A</p> <p>Gbl F- (Hd)</p>

Cartão VIII:		
11. Ah! Já é cores mais vivas! Isto parecem... como se chamam aqueles bichos... doninhas!	Por causa das patas e a cabeça.	D F+ A Ban Com. Cor
12. (ri e cora) ↓ Parece as tangas que as raparigas usam!	(Verde claro) Pela forma e a cor, é muito parecido, veio-me logo à cabeça.	D F- Vest
13. Isto aqui parece daqueles calçõesinhos que as raparigas usam. Tipo lingerie sexy!	(Verde escuro) O mesmo.	D F- Vest
14. Isto se fosse mais redondo, um soutien!	(Rosa) É assim um bocado estranho, devia ser mais redondo mas pareceu-me.	D F- Vest
Cartão IX:		
15. ↓ Visto assim uma rosa. (pousa cartão na mesa)	Por ser cor-de-rosa. E depois assim o formato, parecem pétalas.	D FC Bot.
16. As folhas das árvores.	(Verde) também pela cor.	D CF Nat.
17. Uns camaleões	(Laranja) Por causa dos bigodes e porque são mais ou menos desta cor.	D FC A
Cartão X:		
18. Oh! ↑ (pega perto de si e ri)! Isto aqui parece um pénis erecto.	(Cinzento) Por causa da forma.	D F+ Sx
19. ↓ Dois olhos. Dois chifres, cornos. Aqui o bigode, a boca... parece que se está a rir! Ah! Isto aqui parece as orelhas (laranja) e a cara (rosa)!	Porque comecei por ver os olhos (amarelo), cornos (verde), bigode (cinzento).	Dbl Kp Hd
20. Os repuchos da água.	(Azul) Parece água pela cor.	D Kob Elem.

Prova de Escolhas:

+ V e VIII – este porque não tive dificuldade nenhuma, foi fácil e este por causa das coisas que tinha.

- I e IV para mim têm um aspecto horrendo.

PSICOGRAMA – Protocolo 16

R	20	G	7	F+	6	A	6	G %	35%
Recusa	0	D	12	F-	5	Ad	0	D %	60%
		Dd	0	F±	0	H	1	Dd%	0
		Db1	1			Hd	2	Db1%	5%
Ban	3	Do	0	K	1	Cena	0	F %	55%
Orig				Kp	1	Alim	0	F+%	54%
				Kan	1	Anat	1		
				Kob	1	Arq	0	Fa %	85%
						Bot	1	Fa+%	71%
				FC	4	Elem	1		
				CF	1	Vest	4		
				C	0	Fragt	0	A %	30%
						Geo	0	H %	15%
				FE	0	Geol	0		
				EF	0	Nat	1		
				E	0	Obj	1		
						Masc	1		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	1		

Successão:

Tipo Apreensão:		<u>G</u>	D	Dd	<u>Db1</u>	Elementos Qualitativos:			
TRI	1K; 3C					Choques	0	Obs. Cor	1
FC	3k; 0E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0
RC	50%					Preservação	0	Obs. Sbj.	1
IA	20%					Crit. Obj.	0		

Protocolo 17

Nome: José L.

Idade: 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
Cartão I: 1. Isto parece uma borboleta (não pega na prancha).	Porque tem asas.	G F+ A Ban
Cartão II: 2. ↓ Outra borboleta.	Também pelas asas.	G F- A
Cartão III: 3. ↓ Isto é uma rã, um sapo.	Foi o corpo e as patas (verm.) só que não está completa	Gbl F- A
Cartão IV: 4. ↓ Isto é um morcego. Inq. Limites: Acho que não.	As patas. Porque estas partes das asas parece!	G F+ A
Cartão V: 5. Isto parece tantas coisas. É um morcego também, só que está a voar.	Por causa das asas, parece que estão assim... como quando voam.	G Kan A Ban
Cartão VI: 6. ↓ Isto é um sapo. Está esticado.	Parece estas patas. Os membros... estão espalmados.	G F- A
Cartão VII: 7. Isto não sei o que é! Não faço a mínima ideia. ↑ Não sei mesmo. Esta parte está-me a fazer confusão, não sei mesmo o que é! Uma boca. O corpo. Parece que falta alguma coisa. Não sei mesmo o que é.	(3º terço) Isto aqui lembrou-me um corpo, mas não sei de quê.	D F± Anat. Com. Subj.
Cartão VIII: 8. ↓ Isto é um insecto. 9. → Parece dois cães, a virem desta parte.	Por causa aqui deste bico, parece tipo uma pinça. Foram as patas e o focinho.	Gbl F- A D F+ A Ban
Cartão IX: 10. Cabeça de um louva-a-deus. 11. ↓ Ou é uma mosca.	(rosa) Porque tem os olhos grandes. Cabeça (rosa) e o corpo.	D F- A Gbl F- A

Cartão X:				
12. Isto é várias coisas! Dois caranguejos.	(cinzento) Porque tem as pinças.	D	F+	A
13. Parece uma pessoa	(amarelo)Vi aqui a cabeça.	D	F-	A
14. ↓ Parece dois cornos (verde). Não dá para imaginar mais nada! ↑ Aqui o queixo (cinzento), o nariz (azul) e a boca (laranja). Olhos (amarelo), cara (rosa). ↓ Assim parece uma cara!	Foi a forma, vi logo os cornos e depois o resto da cara. Mas só faz sentido assim ↓	Dbl Com. Subj.	F+	Hd

Prova de Escolhas:

- + III e V porque aqui vi como deve ser as coisas.
- X e VII são mais difíceis.

<i>PSICOGRAMA – Protocolo 17</i>									
R	14	G	8	F+	5	A	12	G %	57%
Recusa	0	D	5	F-	7	Ad	0	D %	36%
		Dd	0	F±	1	H	0	Dd%	0
		Dbl	1			Hd	1	Dbl%	7%
Ban	3	Do	0	K	0	Cena	0	F %	93%
Orig				Kp	0	Alim	0	F+%	42%
				Kan	1	Anat	1	Fa %	100%
				Kob	0	Arq	0	Fa+%	46%
				FC	0	Bot	0	A %	86%
				CF	0	Elem	0	H %	7%
				C	0	Vest	0		
						Fragt	0		
				FE	0	Geo	0		
				EF	0	Geol	0		
				E	0	Nat	0		
						Obj	0		
						Pais	0		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	0		
Sucessão:									
Tipo Apreensão:					Elementos Qualitativos:				
		<u>G</u>	<u>D</u>	Dd	<u>Dbl</u>				
TRI	0K; 0C					Choques	0	Obs. Cor	0
FC	1k; 0E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0
RC	50%					Preservação	0	Obs. Sbj.	2
IA	14%					Crit. Obj.	0		

Protocolo 18

Nome: Ricardo S.

Idade: 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotação		
Cartão I:				
1. Sei lá! Uma máscara!	Porque sim!	Gbl	F+	Mas.
2. Talvez um anjo... não! Fico-me pela máscara!		G	F+	(H)
Cartão II:	(D laterais) Por causa destas cores, do vermelho e do preto. São pulmões de fumador como eu.			
3. Os pulmões.		D	FC	Anat.
Cartão III:				
4. ↓ Mais para o lado do gafanhoto.	Os olhos, a cabeça, as patas. Está um de cada lado, é por causa das patas grandes.	D	F-	A
Inq. Limites: Sim, talvez... um de cada lado, uns pretos, a fazer qualquer coisa!				
Cartão IV:				
5. Com o que isto se pode parecer?! ↓ Um morcego!		G	F+	A
Cartão V:				
6. ↓ Uma águia com o bico aberto.	Asas levantadas em bico, aqui a cabeça e as patas, que não são assim!	G	F+	A
Cartão VI:				
7. O que é que isto me faz lembrar?! Uma tartaruga mesmo.	Por causa da carapaça. Patas, cabeça e a parte da carapaça.	G	F+	A
Cartão VII:				
8. Isto ainda pior! Não estou a ver o que isto pode ser! (...) Um sapo.	(Vê a imagem de cabeça para baixo) Cabeça 3º terço, patas no 2º e 1º terço.	Gbl Crit. Obj.	F-	A
Cartão VIII:				
9. ↓ Uma cabeça de boneco, daqueles desenhos animados, daqueles malucos!	Olhos (verde), parte da protecção (rosa e verde escuro). Tipo Robot.	Gbl	F±	(Hd)
Cartão IX:				
10. ↑ Uma árvore, também de desenhos animados. Havia uns, que a árvore estava aberta e entravam por aqui.	Folhas (verde), tronco (castanho). Por causa das cores.	D bl	CF	Bot.

Cartão X:	Aqui a parte dos pilotos (cinzento), parte de onde sai as outras naves (verde) e isto são armamentos, munições (laranja, verde, azul).	Gbl	Kob	Obj.
11. (...) Só se fosse uma nave de desenhos animados.				

Prova de Escolhas:

+ I e III porque foram mais fáceis.

- VII e X os dois foram mais complicadas.

Comportamento: Muito indeciso, apreensivo, mostra-me constantemente as imagens que vê à procura de aprovação.

<i>PSICOGRAMA – Protocolo 18</i>									
R	11	G	8	F+	5	A	5	G %	73%
Recusa	0	D	2	F-	2	Ad	0	D %	18%
		Dd	0	F±	1	H	1	Dd%	0
		Dbl	1			Hd	1	Dbl%	9%
Ban	0	Do	0	K	0	Cena	0	F %	73%
Orig	0			Kp	0	Alim	0	F+%	
				Kan	0	Anat	1		
				Kob	1	Arq	0	Fa %	82%
						Bot	0	Fa+%	72%
				FC	1	Elem	0	A %	45%
				CF	1	Vest	0	H %	18%
				C	0	Fragt	0		
				FE	0	Geo	0		
				EF	0	Geol	0		
				E	0	Nat	1		
						Obj	1		
						Masc	1		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	0		
Sucessão:									
Tipo Apreensão:					Elementos Qualitativos:				
		<u>G</u>	<u>D</u>	<u>Dd</u>					
		<u>Dbl</u>							
TRI	0K; 1,5C				Choques	0	Obs. Cor	0	
FC	1k; 0E				Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0	
RC	27%				Preservação	0	Obs. Sbj.	0	
IA	18%				Crit. Obj.	1			

Protocolo 19

Nome: Fábio F.

Idade: 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotação		
Cartão I:				
1. Parece-me uma borboleta. Parece que foi pintada e colada, ficou igual nos dois lados.	Foi por causas da asas.	G	F+	A Ban
2. Posso virar? ↓ Assim parece-me um avião.	Por causa do bico e as asas, tem aqui as janelas.	Gbl	F+	Obj.
Cartão II:				
3. Isto parece um gato.	(verm. Inf) É a cara de um gato, por causa dos bigodes.	D	F+	Ad
4. ↓ Assim, parecia-me uma borboleta, não! É mais uma joaninha.	Parece mesmo, porque são desta cor.	Gbl	FC	A
Cartão III:				
5. Isto parece-me os pulmões.	(preto lateral) Por causa da forma.	D	F-	Anat.
6. Uma camisa com o laço.	O branco, tem o formato da camisa com um laço no meio (verm cent).	Dbl	F+	Vest
7. Uma cara.	(preto inf) Mais de pessoas, os olhos e o nariz. Porque pareceu-me mesmo.	D	F-	Hd
8. ↓ E, assim parece um animal, um rato.	Tem as mãos assim (ao alto), as orelhas e o corpo.	Dbl	F-	A
Inq. Limites: Não, isto não se parece nada com pessoas.				
Cartão IV:				
9. Parece uma raposa, com o pêlo todo esticado.	É só a pele, dá a impressão que está esticada, como um tapete.	G	FE	A
10. ↓ Assim parece um bicho de terra, daqueles pequeninos.	(D Sup) Parece aqueles bichos rastejantes, não me lembro o nome.	D	F-	A
Cartão V:				
11. Este parece um daqueles bichos que anda de noite, um morcego!	Foi por causa da cabeça, do tamanho, das asas e da cor, os morcegos são assim e têm esta cor.	G	FC'	A Ban
Cartão VI:				
12. ↑ Isto parece um gato aberto, a parte do pêlo!	Parece que está aberto, foi aberto e ficou só o pêlo.	G	FE	A Ban

<p>Cartão VII:</p> <p>13. ↓ Isto parece um sapo. Não me parece mais nada.</p>	<p>Por causa das pernas, tem as mãos pequenas e a cabeça grande. Corpo (branco).</p>	<p>Gbl F- A</p>
<p>Cartão VIII:</p> <p>14. Olha! Aqui parece dois animais, dois tigres, um de cada lado.</p> <p>15. ↓ A parte do peito de um corpo, de uma pessoa.</p> <p>16. ↑ Uma espécie de um morcego.</p>	<p>Por causa da forma.</p> <p>Porque parece a parte dos ombros, o osso, e esta forma em V parece a partes das costas.</p> <p>(verde claro) Porque tem as asas e a cabeça de um morcego.</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ Anat.</p> <p>D F- A</p>
<p>Cartão IX:</p> <p>17. ↓ Isto parece-me um animal dos filmes, um monstro.</p> <p>18. ↓ Isto parece um arbusto.</p> <p>19. ↓ Isto parece... talvez uma montanha se tivesse toda tapada!</p>	<p>(Rosa e eixo) Porque parece não ser real.</p> <p>(verde) Porque os arbustos são verdes.</p> <p>(laranja) Por causa desta parte (recorte da imagem), parecem ser rochas.</p>	<p>D F± (A)</p> <p>D CF Nat.</p> <p>D F± Nat.</p>
<p>Cartão X:</p> <p>20. É o mais difícil! Os olhos, o bigode e o nariz de uma pessoa.</p> <p>21. Parece um pássaro a descer.</p> <p>22. Dois ratos.</p> <p>23. Duas aranhas.</p> <p>24. Soutien.</p> <p>25. O corpo de uma mulher.</p>	<p>(verde, verm. e amarelo) Parece uma cara.</p> <p>(lar. e amarelo.) É tipo um pombo.</p> <p>(Cinz) Por causa da orelhas.</p> <p>(azul lat) Por causa das patas.</p> <p>(azul central)</p> <p>A parte branca é o corpo, os ombros aqui em cima e tem vestido um soutien.</p>	<p>D F+ Hd Crit. Obj.</p> <p>D Kan A</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ Vest</p> <p>Dbl F+ Hd</p>

Prova de Escolhas:

+ I e IV - Gostei do significado, consegui ver o que era.

- VII e IX – Não tem muita lógica, não achei parecido com nada.

PSICOGRAMA – Protocolo 19

R	25	G	7	F+	11	A	14	G %	28%
Recusa	0	D	15	F-	6	Ad	1	D %	60%
		Dd	0	F±	2	H	0	Dd%	0
		Dbl	3			Hd	3	Dbl%	12%
Ban	6	Do	0	K	0	Cena	0	F %	76%
Orig				Kp	0	Alim	0	F+%	63%
				Kan	1	Anat	2	Fa %	92%
				Kob	0	Arq	0	Fa+%	70%
				FC	2	Bot	0	A %	60%
				CF	1	Elem	0	H %	12%
				C	0	Vest	2		
				FE	2	Fragt	0		
				EF	0	Geo	0		
				E	0	Geol	0		
						Nat	2		
						Obj	1		
						Pais	0		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	0		

Successão:

Tipo Apreensão:		G	D	Dd	Dbl	Elementos Qualitativos:			
TRI	0K; 2C					Choques	0	Obs. Cor	0
FC	1k; 1E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	1
RC	48%					Preservação	0	Obs. Sbj.	0
IA	20%					Crit. Obj.	1		

Protocolo 20

Nome: João F.

Idade: 17 anos

Respostas	Inquérito	Cotação
<p>Cartão I:</p> <p>1. Isto parece uma abelha deformada!</p>	<p>Porque tem um ferrão, aqui o corpo, os tentáculos e as asas que estão deformadas.</p>	<p>G F+ A</p>
<p>Cartão II:</p> <p>2. Dois bezerros.</p> <p>3. ↓ Uma borboleta.</p>	<p>(D laterais) Foi a parte das orelhas que me fez lembrar e parte do focinho aqui.</p> <p>Tem aqui a cabeça, o corpo e as asas, também deformadas.</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>Gbl F- A</p>
<p>Cartão III:</p> <p>4. Isto faz-me lembrar dois pássaros.</p> <p>5. ↓ As nuvens de pó, parece um tornado.</p> <p>6. O vermelho faz-me lembrar uma borboleta.</p>	<p>(D negros) Por causa dos bicos. Estão a descer, mas as patas estão deformadas.</p> <p>(D central negro)</p> <p>Por causa da forma das asas.</p> <p>Inq. Limtes: Podiam ser duas pessoas, aqui a cara, os seios, os cotovelos apoiados. Mas ninguém tem os pés assim tão volumosos.</p>	<p>D Kan A</p> <p>D Kob Nat.</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>Cartão IV:</p> <p>↓ Assim não se parece com nada! (...) Este não me faz lembrar nada.</p>		<p>Recusa</p>
<p>Cartão V:</p> <p>7. ↓ Aqui é que está a borboleta completa.</p> <p>8. ↑ Assim faz-me lembrar um morcego, com as patas assim como elas metem.</p>	<p>Esta já é mesmo parecida com uma borboleta, mas esta parte está trocada, os pés com a cabeça.</p> <p>É por causa das antenas que me fez lembrar.</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>Cartão VI:</p> <p>9. Um monstro com uns corninhos que deitam alguma coisa para fora e que deitou um liquido que caiu no chão.</p>	<p>Por causa desta parte (eixo), deita alguma coisa para fora do corpo.</p>	<p>G Kan (A)</p>

Cartão VII: 10. ↓ Assim parece duas negras, mulheres com a cabeça colada uma na outra, de costas uma para a outra.	Foi o rabo e os seios e serem feias. 1ºterço:cabeça encostada 2ºterço: braços e seios 3ºterço: rabo e pernas	G K H
Cartão VIII: 11. Isto parece o pôr-do-sol a botar das rochas. 12. E depois estão dois bichos, estão a caminhar, a passear entre as rochas.	Por causa das cores, parece um pôr-do-sol. Aqui as rochas, parece mesmo por causa da forma e os animais.	D CF Nat. D F+ A Ban
Cartão IX: 13. ↓ Tirando as cores, faz-me lembrar um elefante, não pelo corpo, mas pela cabeça.	Foi aqui a cabeça, aqui as orelhas grandes e a trompa. Mas devia ser cinzento.	G F+ A Com. Cor
Cartão X: 14. ↓ Dois sapos ou rãs. 15. Dois peixes. 16. Morcego. 17. Duas aranhas a buscar uma folha. 18. Aqueles pássaros que entortam as asas para começar a voar. 19. Dois escaravelhos à luta por uma coisa qualquer.	(castanho) Por causa da forma delas. (amarelos) (azul central) (azul lateral e verde) (verde central) (cinzento)	D F+ A D F- A D F+ A D Kan A Ban D Kan A D Kan A

Prova de Escolhas:

+ II e X - Fazem me lembrar logo uma coisa à partida.

- VI e VII - Porque são muito escuras e depois fazem-me lembrar umas coisas não muito reais.

PSICOGRAMA – Protocolo 20

R	19	G	7	F+	9	A	16	G %	37%
Recusa	1	D	12	F-	2	Ad	0	D %	63%
		Dd	0	F±	0	H	1	Dd%	0
		Dbl	0			Hd	0	Dbl%	0
Ban	5	Do	0	K	1	Cena	0		
Orig	0			Kp	0	Alim	0	F %	58%
				Kan	5	Anat	0	F+%	79%
				Kob	1	Arq	0		
						Bot	0	Fa %	89%
				FC	0	Elem	0	Fa+%	88%
				CF	1	Vest	0		
				C	0	Fragt	0	A %	84%
						Geo	0	H %	5%
				FE	0	Geol	0		
				EF	0	Nat	2		
				E	0	Obj	0		
						Pais	0		
				FClob	0	Simb	0		
				ClobF	0	Sng	0		
				Clob	0	Sx	0		

Sucessão:

Tipo Apreensão:		<u>G</u>	D	<u>Dd</u>	<u>Dbl</u>	Elementos Qualitativos:			
		TRI	1K; 1C					Choques	0
FC	6k; 0E					Eq. Choques	0	Obs. Sim.	0
RC	47%					Preservação	0	Obs. Sbj.	0
IA	0					Crit. Obj.	0		

3. Grelha de Análise no Grupo de Jovens Púberes

RORSCHACH – Grelha de Análise Procedimentos

Cotações		Barreira Contacto	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	Σ		
Modos De Apreciação	G	Simples	Separação												
			Ligação	3F 5M	2F 1M	4F 3M	4F 3M	4F 5M	3F 3M	6F 1M			1M	48	
			Criação												
		Vagos	P. Realidade												
			Separação							1F					1
		Impression.	P. Fantasia												
			Separação	1F			3F 1M								5
	Gbl	Separação	1F	2F 2M	1F					1M		3F 1M		11	
	Elaborados	Criação									1F			1	
	D	F+	Ligação	1F	1F	3F		1F	1F		8F	1F	13F	79	
			P. Realidade		2M	2M		2M	3M	5M	7M	4M	11M		
		F-	P. Fantasia		1M		1M	1M			2F 5M	1F 1M	8F 2M	22	
	Dd		Ligação								1F 2M	1M		4	
		P. Fantasia								2M	1M		3		
Dbl	Dbl	Separação			1F 1M						1M	1F 1M	5		
Determinantes	F	F+	Separação	4F 5M	1F 3M	3F 1M	3F 2M	5F 7M	4F 5M	1F 4M	6F 5M		11F 8M	67	
			Ligação										1M	1F	
		P. Realidade							1F			1F 2M	1F	6	
	F±	Separação									1M	2M			
		Ligação		1F 2M	1F 1M	2M	1M			1F 1M	2F 7M	2F 3M	9F 2M	35	
	F-	P. Fantasia													
		Separação	1F	1F							2F	4F 2M	1F 1M	13	
	FC	Separação			1M						2F	1F		8	
	CF/C	P. Fantasia			1F						2F	4M			
	E	FE	Separação						1M					1	
		EF/E	P. Fantasia											0	
	Clob	FClob	Separação				3F 1M							4	
		P. Fantasia													
K		Criação	1F	2F 1M	4F 3M	2F			3F	1M		1M	18		
Kan	F+	Ligação							1F 2M	1M		1F 2M	7		
		Ligação									1M	1M	2		
Kob		Ligação											0		
H	Papel/Funçã	Separação													
	F+	Ligação	2F	2F 1M	4F 3M	5F 2M			3F		1F		23		
	Irreais	P. Fantasia	1F			3F 2M	1M			1M	1F 1M	1F 1M	12		
Hd	I.A. Irreais	P. Fantasia								1M	1F 2M	2F 2M	6		
A	Carapaça/Pel	Separação		1M	1M	1M		1F 1M				1F 1M	7		
	F+	Ligação	3F 5M	1F 2M		1M	5F 5M	3M 3M	2F 5M	7F 5M	1M	9F 7M	64		
Ad		P. Fantasia		1F 2M	1F 1M		2M	1F 2M		1F 2M	1M		14		
Anat	I.A.	P. Fantasia			1M								1		
Obj	Pele	Separação			3F			1F		1F	1F 1M	2F 1M	10		
Mas	Pele	Separação	1F										1		
Elem		Ligação			1F						3F 3M	2F	9		
Cen		Ligação								1F			1		
Vest.	Pele	Separação								2F 1M	1F	1F	5		
Sg	I.A.	P. Fantasia											0		
Ban		Separação	3F	1F	6F		4F	1F		5F		3F	42		
		P. Realidade	3M	1M	3M	1M	5M	1M		5M					

4. Grelha de Análise no Grupo de jovens Adolescentes

RORSCHACH – Grelha de Análise Procedimentos

<i>Cotações</i>		<i>Barreira Contacto</i>	<i>I</i>	<i>II</i>	<i>III</i>	<i>IV</i>	<i>V</i>	<i>VI</i>	<i>VII</i>	<i>VIII</i>	<i>IX</i>	<i>X</i>	Σ	
Modos De Apreciação	G	Simples	Separação	4F 4M	2F 1M	2F 3M	5F 5M	2F 3M	2M	1F	1F 1M	1F	37	
			Ligação											
			P. Realidade											
	Vagos	Separação				1F								1
		P. Fantasia										2F		8
	Impression.	Separação				2F 1M	1M	1F 1M						
	Gbl	Separação	4M	5F 3M	2F 1M				4F 3M	2F 2M	1M	1M		28
	Elaborados	Criação												0
	D	F+	Ligação	1F	1F	3F 3M			1F 1M	2F	3F 5M	4F 2M	10F 13M	53
			P. Realidade		4M	3M								
	F-	P. Fantasia		1M	3M	1M	1F	1F	1F	1F 4M	1M	4F 2M	20	
Dd		Ligação											0	
		P. Fantasia												
Dbl	Dbl	Separação			2M						1M	1F 3M	7	
Determinantes	F	F+	Separação	5F 8M	2M	3F 2M	2F 3M	5F 4M	3F 1M	4F	2F 5M	1M	5F 10M	65
			Ligação											
			P. Realidade											
		F±	Separação		1F		1F			1M	1F 1M	3F 2M	1F	11
		F-	Ligação		4F	2F		1F	1F	1F	3F	1F	5F	40
	P. Fantasia			3M	5M	1M		1M	3M	5M	2M	2M		
	C	FC	Separação		2M			1F	1M		2F	1F 2M	1F	10
		CF/C	P. Fantasia	1F		2F					2F 1M	3F 3M	4F	16
	E	FE	Separação				1F 1M		1F 1M					4
		EF/E	P. Fantasia											0
	Clob	FClob	Separação				1F							1
		ClobF/ Clob	P. Fantasia											0
	K		Criação		1F	2F 1M				1M		1F		6
	Kan	F+	Ligação			1M		1M	1M	1M			3F 4M	11
	Kob		Ligação			1M				1F		3F	2F 2M	9
	Conteúdos	H	Papel/Funçã	Separação										0
F+			Ligação		1F	2F 1M			1F 1M		1F			7
Irreais			P. Fantasia				1F							1
Hd		I.A. Irreais	P. Fantasia	1M		1M				1F 1M	1M		4M	9
A		Carapaça/Pel	Separação				1F	1F	1M		1F		1F 2M	7
		F+	Ligação	5F 3M	2M	2F 2M	3F 4M	5F 6M	4F 4M	2F 1M	4F 4M	2M	9F 9M	71
Ad			P. Fantasia		1M	1F				1F	1F		4	
Anat		I.A.	P. Fantasia		2M	1M				1M	2F 1M			7
Obj		Pele	Separação	2M	1F	1F						1F	1M	6
Mas		Pele	Separação	2M										2
Elem			Ligação									3F	1F 1M	5
Cen			Ligação										1F	1
Vest.		Pele	Separação		1M	1F 1M					3M		1M	7
Sg. Sx.		I.A.	P. Fantasia			1M							1M	2
Ban			Separação	3F		3F		4F	1F		1F		3F	32
			P. Realidade	2M	1M	2M		4M	1M		4M		3M	